

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertação

A recepção do Pensamento Pan-Africanista no Brasil: A coluna O Mundo
Negro em O Clarim d'Alvorada

Sandra Regina Araújo de Almeida

Seropédica

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A recepção do Pensamento Pan-Africanista no Brasil: A coluna O Mundo
Negro em O Clarim d'Alvorada

SANDRA REGINA ARAÚJO DE ALMEIDA

Sob a orientação do professor

Marco Antonio Perruso

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Seropédica

2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A444 Almr	Almeida, Sandra Regina Araujo, 1973- A recepção do Pensamento Pan-Africanista no Brasil: A coluna O Mundo Negro em O Clarim d'Alvorada / Sandra Regina Araujo Almeida. - Seropédica, 2019. 96 f. Orientador: Marco Antonio Perruso. Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PPGCS, 2019. 1. Pan-Africanismo. 2. Movimento Negro. 3. Imprensa Negra Paulista. 4. José Correia Leite. 5. Pensamento Social Brasileiro. I. Perruso, Marco Antonio, 1969-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPGCS III. Título.
--------------	---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

SANDRA REGINA ARAUJO DE ALMEIDA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/05/2019

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Marco Antonio Perruso. (Dr.) UFRRJ (orientador)

Luena Nascimento Nunes Pereira (Dra.)UFRRJ

Amilcar Araujo Pereira. (Dr.)UFRJ



Emitido em 2021

TERMO Nº 87/2021 - PPGCS (12.28.01.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 05/02/2021 11:13)

LUENA NASCIMENTO NUNES PEREIRA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptCS (12.28.01.00.00.83)

Matricula: 1715840

(Assinado digitalmente em 05/02/2021 11:20)

MARCO ANTONIO PERRUSO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

PPGCS (12.28.01.00.00.91)

Matricula: 1691203

(Assinado digitalmente em 05/02/2021 11:06)

AMILCAR ARAUJO PEREIRA

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 047.909.697-03

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:
87, ano: **2021**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **05/02/2021** e o código de verificação: **f9b30aa925**

Homenagens e agradecimentos

Dedico essa dissertação em homenagem a lutadora combativa e resistente, defensora dos direitos humanos, por justiça social e contra o genocídio do povo negro, e contra a homofobia, a feminista e vereadora do PSOL Marielle Franco (1979-2018), assassinada em 14 de março de 2018 as 21h30min de uma quarta que se encerrou muito sombria e revoltante! Um ano depois e temos na investigação de seu assassinato político, alguns investigados presos, porém ainda sem nome ou os nomes dos mandantes.

Também em homenagem ao Mestre Moa do Katendê (1954-2018), gravemente ferido e morto por se posicionar a favor do PT, contra o candidato Jair Messias Bolsonaro, por seus eleitores durante a disputa da presidência das Eleições 2018. O atual presidente, que prega um discurso de incitação ao ódio e a violência contra minorias e grupos sociais, pregando preconceitos e racismo.

Enfim a todos e todas que sofreram de alguma forma nessa difícil passagem de 2018/2019, eu dedico com imenso carinho esse trabalho, que busca por justiça social, igualdade, respeito as diferenças e superação dos conflitos pelas diversidades.

Meu agradecimento eterno aqueles, que estiveram ao meu lado nesta etapa, que não foi nada fácil em minha vida. Agradeço a meus filhos Ramom Fraga e Ryan Matos, meu esposo Washington Matos, meus pais Regina Almeida e Mário Celso Almeida, minha prima Claudia Almeida, a minha comadre Lúcia Léa e família e aos membros do meu antigo coletivo de luta como prefiro a ele me deferir, o Coletivo de Hip-Hop Lutarmada; Gas-PA, Charlene, Criz, Flávio XL, Delírio Black, Mimil, Rafael Dugueto e todos os demais aqui não citados.

Meu imenso agradecimento a cada professor que fez parte dessa trajetória, todos sem excluir ninguém, mas gostaria de citar aqui em particular, meu orientador Marco Antonio Perruso, Amauri Mendes Pereira, Muniz Ferreira, Lúcia Valadares, Flávia Braga, Marta Ciocari, Naara Luna, Miriam Santos e Annelise Fernandez, e agradecer com imenso carinho a Luena Nunes Nascimento e Amílcar Pereira por aceitarem o convite para fazer parte da banca. Aos amigos de mestrado em especial Jadna Rodrigues, Jhonata Costa Silva, Jamille Baiense e Milena Geisa, e as eternas amigas ruralinas, Janet Marcelino e família, Núbia Pereira e mãe D. Regina, Elizabete Mesquita e família, Ingrid e Carol Bastos e a Nildamara Torres. Dedico com carinho a toda a turma da graduação e do mestrado, essa luta é de todos nós. A cada um e uma de vocês meu imenso agradecimento!

RESUMO

ALMEIDA, Sandra Regina Araújo. **A recepção do Pensamento Pan-Africanista no Brasil: A coluna O Mundo Negro em O Clarim d'Alvorada**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019

Essa dissertação tem por objetivo principal pesquisar a recepção do Pan-Africanismo no Brasil pelos intelectuais do movimento social negro e da imprensa negra, suas contribuições para o pensamento social no Brasil, além de investigar os intelectuais da imprensa negra brasileira paulista da década de 20 a 30, que permitiram promover um diálogo entre o Pensamento Pan-Africano e a realidade nacional brasileira (que possui um discurso de negação do racismo, apesar deste encontrar-se estruturalmente arraigado em nossa sociedade). O movimento fundado pelo Pan-Africanismo gerou debates entre continentes e intelectuais das mais diversas áreas de atuação profissional, desde os espaços culturais ao político. Os intelectuais negros produziram um conhecimento a partir da África e da periferia para compreender e explicar o poder que o processo escravista e colonizador provocou sobre as populações subjugadas. No Brasil, o movimento Pan-Africanista foi divulgado pelos intelectuais da imprensa negra após articulações entre jornalistas da imprensa negra dos EUA com a o Brasil. Estes intelectuais, que atuavam nos EUA, enxergavam no Brasil uma suposta igualdade de interação racial que lhes interessavam investigar. Porém, no Brasil, eram tomados por recepções carregadas de racismo, o que denunciava como falsa a dita igualdade racial. Apesar disto, a imprensa negra em nosso país teve um papel difusor da luta contra o racismo. Nesse sentido, foi consultado o jornal *O Clarim d'Alvorada*, e na pessoa de José Correia Leite, em busca de compreensão acerca da recepção do Pensamento Pan-Africano. Mais precisamente na coluna *O Mundo Negro*, onde justamente os textos implicavam no diálogo entre o Pan-Africanismo e a questão racial brasileira, e muitas vezes consistiu exatamente na tradução dos artigos de Marcus Garvey. O discurso em torno da existência de igualdade racial mascarava o conflito, que nunca deixou de ser um problema político/social e nem um objeto de interesse sociológico. O que comprovava isso, era a situação do negro nas primeiras décadas do século XX. Após as primeiras décadas de abolição da escravatura, a situação do negro ainda era de miséria e de grande exclusão social, com os negros destinados à marginalidade, em empregos subalternos, sem acesso à educação e vivendo em condições paupérrimas.

Palavra-chave: Pan-Africanismo, Pensamento Social Brasileiro, Movimento Negro, imprensa negra

SUMMARY

ALMEIDA, Sandra Regina Araújo. **The reception of Pan-Africanist thinking in Brazil: O Mundo Negro column in O Clarim d'Alvorada. Dissertation.** (Graduate Program in Humanities and Social sciences). Institute of Humanities and Social sciences, Rio de Janeiro Federal Rural University, Seropédica, RJ, 2019

This dissertation aims to investigate the reception of Pan-Africanism in Brazil by the intellectuals of the black social movement and the black press, their contributions to social thought in Brazil, and to investigate the intellectuals of the Brazilian black press from the 1920s to 30, which allowed the promotion of a dialogue between Pan-African Thinking and the Brazilian national reality (which has a discourse of denial of racism, although this is structurally rooted in our society). The movement founded by Pan-Africanism generated debates between continents and intellectuals from the most diverse areas of professional activity, from cultural to political spaces. Black intellectuals produced knowledge from Africa and the periphery to understand and explain the power that the enslaving and colonizing process has engendered over subjugated populations. In Brazil, the Pan-Africanist movement was spread by intellectuals of the black press after articulations between journalists of the black press of the USA and Brazil. These intellectuals, who worked in the United States, saw in Brazil a supposed equality of racial interaction that they were interested in investigating. But in Brazil, they were taken by receptions loaded with racism, which denounced as false the said racial equality. Despite this, the black press in our country had a diffusing role in the fight against racism. In this sense the newspaper O Clarim d'Alvorada was consulted, and in the person of José Correia Leite, in search of understanding about the reception of Pan-African Thinking. More precisely, in the column "The Black World", where precisely the texts implied the dialogue between Pan-Africanism and the Brazilian racial question, and often consisted exactly in the translation of Marcus Garvey's articles. Discourse around the existence of racial equality masked the conflict, which never ceased to be a political / social problem or an object of sociological interest. What proved this was the situation of the Negro in the first decades of the twentieth century. After the first decades of the abolition of slavery, the situation of the Negro was still of misery and of great social exclusion, with blacks destined for marginality, in subaltern jobs, without access to education and living in poor conditions.

Keyword: Pan-Africanism, Brazilian Social thought, black Movement, Black Press

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo I – O Pan-Africanismo no início do século XX.....	22
Capítulo II – Breve Apresentação do Jornal “O Clarim d’Alvorada” e do intelectual José Correia Leite	35
Capítulo III – A Criação da Coluna “O Mundo Negro” e sua Importância	45
Capítulo IV – Recepção do Pan-Africanismo no Brasil pela Imprensa Negra Paulista através do Jornal Clarim d’Alvorada	51
Considerações Finais	77
Fontes.....	90
Referências Bibliográficas	91

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo a investigação da recepção do Pan-Africanismo no Brasil, com os movimentos sociais negros que construíram através da luta social e política, espaços para discutir a questão racial a partir da perspectiva do negro. A admissão de que a questão racial de fato existia no Brasil, era um problema e precisava ser combatidas através de mobilizações sociais, políticas públicas, leis, educação e ação direta (protestos, boicotes e etc) é um marco na sociedade brasileira, e um grande passo da luta do movimento negro no Brasil. O objetivo deste trabalho consiste em captar a relação entre o movimento negro no Brasil com o movimento pan-africanista, através da imprensa negra, mais exclusivamente paulista nas décadas de 20 e 30. Para tal faremos um estudo do Jornal *O Clarim d'Alvorada*, fundado por Jayme Aguiar e seu convidado a fundar com ele, José Correia Leite, que se personificou na imagem do jornal, após a saída de Jayme Aguiar.

A pesquisa tem foco nas influências do Pan-Africanismo na luta racial brasileira, além da importância do movimento de desenvolvimento intelectual negro que englobe a diversidade de sujeitos e raças presente na sociedade brasileira. A luta do movimento negro no Brasil construiu espaços públicos de debate que atendesse a demanda da população negra brasileira com relação ao acesso à lazer, cultura e educação. Logo conseguiu unir militantes negros e intelectuais da imprensa negra brasileira que contribuíssem com a causa da questão racial, por formações de jornais, sociedades de baile, clubes e associações recreativas, organizações em torno do negro, onde os integrantes principais em reuniões e debates políticos acabaram por fundar o Centro Cívico Palmares e a Frente Negra Brasileira, entre outras organizações também de forte expressão.

Fica em evidência para Leite, para os intelectuais da imprensa negra de resistência e para os ativistas, a necessidade de descolonizar a mente, conscientizar os negros que não se viam representados pela sociedade brasileira (que os delega condições precárias de vida), sendo necessário que todo e qualquer sujeito através dos meios sociais e de socialização se sintam parte integrante da sociedade na qual está inserido.

Para o Movimento negro a integração na sociedade, a valorização como sujeito, o levantamento da autoestima e melhorias das condições sociais e materiais dos negros eram essenciais. Essas organizações podem auxiliar os negros – isolados do “mundo branco” – a se aproximarem uns dos outros, expressarem-se em sua própria criação cultural, do negro diaspórico, do negro afro-brasileiro, fundando a própria cultura afro através da arte, como por exemplo:

música, dança, peças teatrais, poetas, compositores, e as expressões religiosas. Essas formas de expressões culturais são fundamentais na reconstituição da identidade negra. Sobre essa sentença, Amílcar Cabral e Patrícia Villen reiteram que uma das maiores forças do etnocentrismo é o apagamento cultural de um povo, sob a opressão imposta pelos dominantes, um povo sem cultura, sem história, sem voz, se torna mais fácil o processo de dominação sobre ela. Onde afirma Patrícia Villen,

A prova mais gritante da centralidade do plano cultural de ação do poder imperialista, ou seja, a “repressão permanente e organizada da vida cultural” do povo dominado está representada, na sua opinião, pela empresa de propaganda do regime nazista, que é para Cabral “expressão mais trágica do imperialismo e da sede de domínio”. Desse sentido histórico, segundo ele, é possível colher o verdadeiro sentido da opressão cultural – seja direta, seja indireta – engendrada pelo imperialismo: o de funcionar como fator de segurança e instrumento privilegiado para garantia da continuidade no tempo de domínio material. (VILLEN, 2013, p. 160).

A pesquisa pautou-se no acervo do jornal *O Clarim D’Alvorada* disponível na USP e mais alguns exemplares encontrados avulsos, passando por uma análise quantitativa e qualitativa no que se refere à abordagem sobre as ideias do Pensamento Pan-Africanista, para tratar de questões raciais no Brasil. Com o jornalismo negro ressignificando o que é ser negro, como deve ser negro, esvaziando o negro no termo pejorativo, para um negro positivo, dotado de qualidades, aptidões, de ancestralidade, um negro que se basta em si e em si é o suficiente de reconhecimento, dignidade e respeito, dotado de cultura e história. Foi investigado através do Pensamento Pan-Africanista autores que influenciaram por gerações, os intelectuais brasileiros dos movimentos negro, assim como os intelectuais acadêmicos envolvidos com a questão racial, principalmente na década de 40, pós 2ª Guerra Mundial com pesquisas da Unesco, e a explosão do debate internacional da situação de luta pela independência da África e sua descolonização (ponto este que não é possível aprofundar devido ao nosso recorte, porém, citá-lo se torna tarefa indispensável). Assim ampliaram um importante debate sobre a luta nacionalista de integração do negro a sociedade, para uma luta também identitária e social, levando também a luta de classes no Brasil pelos negros que militavam tanto em movimentos sociais como na imprensa. A construção e produção de conhecimento a partir da África e da diáspora, assim como uma identidade negra, gerando uma epistemologia do conhecimento a partir da África e construindo teoria, vem a fortalecer a luta da questão racial no Brasil e no mundo.

O pensamento Pan-Africanista situa-se dentro de todos esses debates, inclusive na produção de conhecimento e história civilizatória do continente africano, anteriormente negada e

invisibilizada, pois não era fonte de estudo por parte dos pesquisadores brancos na perspectiva positiva, visto que toda pesquisa era voltada na projeção de inferiorização do negro e do índio. Uma definição que me contempla de forma resumida para descrever a construção de raça, Amílcar A. Pereira em sua obra *O Mundo Negro*, cita Hall que define, “raça é uma construção política e social. É uma categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo” (HALL, 2003, p. 69 *apud* PEREIRA, 2013, p. 52). Nesse sentido, a palavra raça precisou ser ressignificada pelo movimento negro para a luta de superação do racismo brasileiro, valorizando a cultura ancestral como uma forma de auto-afirmação e aceitação da sua identidade negra baseada nas raízes de seus antepassados e na sua fundação da cultura brasileira, que de forma absoluta, é recheada de símbolos e elementos da cultura negra africana.

Assim levados a pensar a partir de perspectivas eurocêntricas e etnocêntricas, a história da África (de onde veio mais da metade da população que formou a sociedade brasileira), ficou ocultada e silenciada, tal qual a indígena. Observa-se, portanto, a necessidade de uma educação de superação dessas diretrizes, visto que ambas são apresentadas de forma superficial, onde negros e indígenas são encarados a partir de estereótipos. Após a abolição da escravatura, houve uma construção sistemática do negro como objeto e não como sujeito, o que de fato promoveu de forma complexa um processo de “reescravização” do negro (no sentido dele agora apenas poder escolher se vender para quem quer comprar seu trabalho). Pelas suas condições, o negro, numa sociedade que após a abolição não se preocupa com políticas de integração e amparo a esses sujeitos com direitos básicos de moradia, trabalho, educação e condições mínimas de trabalho, sente-se desamparado, as margens da sociedade, um incômodo social, ao mesmo tempo em que se tornam uma população da qual qualquer branco pode explorar, por pagamentos insignificantes, ou mesmo trocando o trabalho por esmolas.

Na compreensão de Du Bois, embora sobre os mecanismos de institucionalização da segregação racial norte americana, sobre o caso “Bureau”¹, mas que se desdobra também na situação do Brasil, declara “(...) o governo devia ter o poder de fazer o que indiscutivelmente tinha que ser feito, e o abandono dos libertos significava, na prática, a sua reescravização” (DU BOIS, 1999, p. 78). Esse negro “objeto” foi propagado através de discursos ideológicos, passando de geração em geração, por vias midiáticas e pelo sistema educacional brasileiro, quando ainda a

¹Bureau of the Freedmen foi o Projeto de Lei do Ofício dos Homens Livres, que estabeleceu o Departamento dos Homens Livres em 3 de março de 1865, no governo do presidente Abraham Lincoln, para cuidar dos libertos após a guerra civil, por um ano para estabelecer a ordem, entre o norte e o sul dos EUA, nas situação que se referiam aos negros, sua liberdade e direitos. Pois o Sul tinha leis rigorosas contra qualquer ascensão e mobilidade negra, dificultando qualquer acesso a direitos dos brancos

questão racial não estava posta como um fenômeno social aqui no Brasil. Nosso país se apresentava como uma sociedade em que havia igualdade de interação racial após abolição, seguindo o discurso dos intelectuais e ativistas sociais que partiam do que rezava na constituição brasileira, ignorando o projeto político de preconceito racial, ao custear projetos políticos, econômicos e sociais de branqueamento e imigração. Esse discurso acabou por gerar o silenciamento do conflito racial nas primeiras décadas do século XX, gerando assim intelectuais nacionais da questão racial que produziram obras voltadas para o tema.

Entretanto esses textos, apesar de trazer importantes considerações sobre o negro e o projeto de branqueamento, não levantavam o debate da discriminação racial como um dado social concreto da realidade brasileira, mas apenas afirmando o mestiço como a principal característica da população brasileira, e sem as tais características depreciativas do racismo científico. Exemplo disso é a obra *Casa Grande e senzala* de Gilberto Freyre publicada em 1933, após sua ida aos EUA para estudos nas décadas de 10 e 20 do século XX, se horrorizando com as práticas da Lei Jim Crow, testemunhadas em sua formação na Universidade Baylor no Texas. Freyre traz para o Brasil uma nova perspectiva de compreensão da questão racial no Brasil, desconstruindo o racismo científico e seus intelectuais. Andrews (1997) afirma sobre Freyre que:

Sentindo aversão pela violência e brutalidade da segregação sulina, buscou refúgio numa visão do Brasil como uma democracia racial (...). Essa união era simbolizada e corporificada pelos mulatos racialmente mistos, que Freyre considerava não como um estágio transicional na estrada que levava à brancura nacional, mas antes como o elemento mais caracteristicamente brasileiro da sociedade nacional. Ele rejeitou explicitamente as alegações dos racistas científicos de que o mulato era incapaz de alcançar uma instabilidade como um igual social e intelectual do homem branco (p. 98).

Nos EUA a guerra civil entre norte e sul se encerra com o sufrágio negro, porém a partir desse momento histórico inicia-se o combate racial numa mobilização de absoluta relevância para a situação dos negros norte-americanos, que mesmo em ascensão, eram delegados a marginalização social. No Brasil como a abolição é tardia, e não há a segregação racial estruturada pelo Estado, toda política feita vai contra os interesses dos negros, como por exemplo: o investimento do governo nos imigrantes europeus.

Contudo não deixa de se repetir o uso de uma “re-escravização” do negro, re-configurada de exploração e inferiorização, através de sua depreciação para o trabalho assalariado e colonização das terras devolutas no interior do Brasil, onde o Estado brasileiro colocou o branco imigrante e excluiu completamente o negro nesse novo processo de desenvolvimento econômico.

Os negros ex-escravizados ficaram desamparados pois, na distribuição das terras públicas (devolutas), os brancos imigrantes foram alocados assim como também nos centros urbanos houve a alocação dos brancos imigrantes para atuarem no comércio, e serviços públicos dependendo da situação, excluindo completamente o negro da atual formação da sociedade brasileira e do desenvolvimento capitalista, retirando-os também das áreas urbanas. Deste modo, fora negado ao negro toda a sua contribuição até a abolição, culpando a escravidão e o negro pelo atraso da sociedade brasileira, esquecendo que seu desenvolvimento só foi possível pela exploração inicial da força de trabalho escravizada, espoliação, expropriação e apropriação da produção coletiva dos negros escravizados e dos indígenas, nativos do território.

A sociedade brasileira tem mais da metade da população de afro descendente e a própria história positiva de contribuições dos negros escravizados negada pelos discursos políticos, discursos do senso-comum, pelos meios de comunicação, e pelo espaço educacional, onde as práticas pedagógicas omitiram desde o processo de institucionalização de uma educação brasileira pública e privada. Ocultavam a participação do negro no processo de construção da sociedade brasileira, delegando ao negro um papel secundário, de atraso da sociedade, de “objetos” indesejáveis, que tornavam as cidades menos vistosas, motivo pelo qual, todas as políticas que se seguiram eram de eugenia e embranquecimento da população brasileira. Analisava as mudanças sociais que pela formação do território brasileiro, de império a república, sempre deveria ter existido dessa forma como certifica Gomes; “é, nesse contexto que a educação participa como um campo que articula de maneira tensa a teoria e a prática” (2012, p.99).

Houve até aqui o silenciamento da cultura afro-brasileira e africana por tanto tempo, de uma realidade social onde mais de 50% da população brasileira faz parte, e que na prática ainda se faz presente. Ou seja, o Brasil não se programou para uma ampliação e desenvolvimento de uma sociedade brasileira democrática, no que tange a pluralidade de suas políticas institucionais para arcar com a pluralidade étnica da sociedade, onde a representação histórica apresente todos os sujeitos como iguais construtores da sociedade brasileira, desde o processo de colonização do território.

Embora em condições desiguais, ainda assim todos foram responsáveis pela formação social do Brasil, logo desmerecer algum grupo social, significa desqualificá-lo, inferiorizá-lo, e isso projeta sobre os sujeitos desses grupos, uma auto-inferiorização, acreditando ser merecedor do lugar que foi colocado. Um novo comportamento foi assumido, de submissão e de descrença em si mesmo, se tornando uma cultura, que carece de muito tempo para ser desconstruída, onde o Estado tem por obrigação democrática produzir políticas públicas e informacionais.

A educação é um meio indispensável para superação da cultura do racismo, incluindo a participação do movimento social negro brasileiro, em lutar por isso e resistir ao racismo, como organização do próprio sujeito injustiçado, que resiste, luta e reivindica. Para o negro brasileiro – não só – é difícil compreender o sentimento duplo de ser dois sujeitos em um só corpo, pois é brasileiro e ao mesmo tempo é o negro africano descendente de escravizados. Ou seja, carrega duas identidades na qual a segunda é negada pela sociedade de todas as formas como um mal terrível, e se desvincular do que se é, promove no sujeito um apagamento de grande parte de si mesmo. Du Bois em sua obra *Almas da Gente Negra*, comenta como é prejudicial esse sentimento e como isso destrói o negro:

Um mundo que não lhe concede verdadeira consciência de si mesmo, mas que apenas lhe permite ver-se por meio da revelação do outro mundo. É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de se medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir a duplicidade – americano, e negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um só corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destrua. (DU BOIS, 1999, p. 54).

O movimento negro mobiliza-se para que nas políticas nacionais, na mídia, nos diversos meios de entretenimento e educação, estejam representados todos os sujeitos que formam a população brasileira, suas condições materiais de vida, suas tradições culturais, suas contribuições nas políticas e na construção do Brasil, dentro e fora da condição de escravizados. O respeito à intelectualidade negra brasileira, a diversidade que por mais que sejam invisibilizadas, crescem e se avolumam cada vez mais na sociedade, sendo elas acadêmicas ou não. Evidencia a necessidade de uma formação cultural, social e política, que através do acesso aos meios, proporcione um conhecimento da realidade múltipla e diversa, e saber da importância do negro para a formação da sociedade, onde o lugar do negro, não é apenas o de subalternidade, e de copiadores e receptores, de silenciados, dos sem história, mas também de criadores, inventores, construtores, produtores, e de produção de conhecimento. Seres históricos que fazem história, cravados na formação da sociedade brasileira. Ter o conhecimento de onde vieram e como eram, ou seja, de sua ancestralidade, de sua origem, de suas matrizes culturais, religiosas, do seu senso-comum, e como a mistura de sociedades produziram novos conhecimentos dos quais os negros são parte, sendo produtores e criadores de novas performances, e criações culturais, que representam hoje parte do nosso país.

Esses são alguns dos objetivos do movimento social negro no Brasil e fora dele, de proporcionar a sua comunidade valores e símbolos que os permitam se entender como importantes, como fundamentais no processo humano e histórico da sociedade e de seus territórios, ou seja, que a história da África e dos afro-brasileiros seja respeitada, valorizada e repassada. A denúncia e a superação do racismo institucional, estruturado nas esferas público e privado da sociedade brasileira, e alimentado ideologicamente por políticas de eugenia e embranquecimento, e discursos que passam imagens racistas, formam a luta incessante do Movimento Negro Brasileiro na reparação mínima do prejuízo que uma raça através de sua cor carrega por mais de 500 anos de história na sociedade brasileira.

Nessa empreitada se encontra José Correia Leite e o jornal *O Clarim D'Alvorada* do qual como redator chefe após a saída de Jayme Aguiar, com sua equipe, que trabalhava em horários de folga, na produção dos periódicos que custeavam com seu próprio recurso e de poucos colaboradores do jornal. Esses periódicos eram produzidos em sua própria residência, na capital de São Paulo e distribuídos de graça nas sociedades de bailes, meios de organizações sociais de negros para os negros, sendo uma forma de lazer e cultura dos negros, pela não aceitação dos mesmos em outros espaços onde houvessem brancos, visto que as instituições se negavam a aceitar negros por imposição dos brancos usuários dos espaços, numa atitude deliberadamente racista dos brancos e das instituições.

Primordialmente necessário superar a realidade social do negro em uma sociedade eurocêntrica e etnocêntrica, que se espelhando no processo civilizatório europeu/branco/ocidental excluía o negro de qualquer papel que lhe permitisse emancipação, liberdade, ascensão, mobilidade social, sendo que, os que alcançavam, tentavam o máximo possível se desvincular da sua cor e da sua raça. Por isso, a necessidade de ocupação dos espaços, que não se colocavam em disputa para os negros, que em pé de desigualdade e em conflito silenciado, precisa através de seu próprio esforço se expor na sociedade, e em todos os meios sociais possíveis. Encontrando referências em sua própria genealogia, que não precise buscar no branco uma referência que não encontra, e que só serve para inferiorizá-lo, pois essa formação desde a base familiar inicial, é capaz de produzir retornos fundamentais para a construção da identidade do negro que é desvalorizada e inferiorizada nos espaços públicos, e em toda a sociedade, quando se mostra o negro apenas como um objeto, uma mercadoria, como um ser inferior através do processo de escravização do negro africano. Seja na escola, no teatro, nas imagens midiáticas da época, nas propagandas públicas, etc.

Entender que isso é um projeto político de Estado que tem por objetivo o apagamento do negro e da sua história na sociedade e da sua existência como sujeitos e corpos ativos que circulam, por isso o genocídio negro e o encarceramento negro se estendem até a contemporaneidade. No Brasil não houve projeto político de inclusão e integração do negro na sociedade, aconteceu exatamente o contrário disso. O fim da escravidão econômica, onde a única saída do negro era pela morte ou prisão, no período pós-abolicionismo, insere esses sujeitos numa classe servil, segregada, subalterna, com direitos e privilégios altamente restritos. A abolição e o processo institucional de afastamento dos negros ao acesso à educação, direitos e trabalhos chaves de autoridades, foi um projeto político de garantir um negro ignorante, alienado e subalterno.

A importância histórica, política e cultural de construção de identidade, de uma reconfiguração do papel social do negro na história brasileira, se deu através do aumento de acesso a setores sociais antes não disponíveis aos negros, como por exemplo universidades, museus, cinemas, acesso a leituras e a conhecimentos, inclusive promovidas pela imprensa negra brasileira, e aqui em questão pela imprensa negra paulista, (mesmo sendo o Rio na década de 20 e 30 a capital do Brasil, a cidade de São Paulo era a cidade urbana palco dos grandes avanços culturais, tecnológico e científico no Brasil). José Correia Leite, como a grande maioria dos militantes negros da época tinham como objetivo, o acesso à educação para os pretos, ou seja, uma afirmação de como a educação e acesso aos meios de informação e educativos amplia a consciência de identidade e a percepção de si mesmo. Contudo, mesmo quando se percebia pequenos avanços na luta pelo acesso à educação da população negra brasileira, pôde se ver também o racismo estrutural na força policial aplicada aos negros nas periferias.

Correia Leite em sua biografia (LEITE & CUTI, 1992) afirma que se chamavam a polícia e apontava o negro como o criminoso, esse já era tratado com pouco caso e violência, levado para a delegacia e encarcerado. Como não tinham instrução, nem ninguém por eles, eram simplesmente esquecidos. Contra isso surgem os militantes negros que ao perceber as diferenciações sociais, entre brancos, imigrantes e negros, tomados por consciência de sua situação social e de sua comunidade, de seus iguais, põe a se colocar em luta. Avançam as lutas do movimento negro conquistando direitos e políticas públicas numa via, e na contramão o Estado, continua a perpetuar o racismo, a injustiça social relacionada ao negro e a desigualdade distributiva. Assim, nas primeiras décadas do século XX as conquistas com relação a políticas públicas direcionadas aos negros, eram pequenas ou quase nulas, justamente pela negação do racismo e da situação de miserabilidade e de marginalidade delegada ao negro na sociedade brasileira.

Assim, a pesquisa tem seus caminhos traçados, a partir da recepção do Pan-Africanismo no Brasil, pela história africana, e interesse de seguir uma área da questão racial além da relação do Brasil com a África, unindo os dois temas no mesmo debate. O Brasil passou pelo processo de colonização e o uso de força de trabalho escravo, da qual a sua população descendem dos negros seqüestrados, escravizados e vendidos para os latifundiários no Brasil. Neste período o Brasil era um dos maiores compradores de negros escravizados do continente americano dos 12,5 milhões de negros seqüestrados da África, estima-se que 2,5 milhões morreram no transporte e 50% do que restou foram comprados pelo Brasil, segundo David Eltis e David Richardson (2010).

Abordar o Pensamento Pan-Africanista em sua recepção no Brasil permite conhecer a articulação entre nações e continentes, e a influência (no caso aqui da pesquisa), a relação que se desdobra entre os intelectuais que recebem o pan-Africanismo no Brasil como na imprensa negra brasileira. Ao mesmo tempo a contribuição do movimento negro do Brasil para análises históricas e sociológicas do racismo norte americano. Embora esse último ponto não seja o objeto da pesquisa a ser pautado no trabalho de forma mais extensa.

O Pan-Africanismo tem como seu pai fundador o W.E.B. Du Bois (1868-1963), historiador acadêmico e político norte americano, que esteve à frente do primeiro e os demais quatro seguintes congressos do Pan-Africanismo no mundo. Eram como companheiros fundadores também, Edward Wilmot Blyden (1832-1912) de Saint Thomas-Caribe, considerado o mais importante pensador africano do século XIX, foi embaixador em Londres e presidente do Liberian College (universidade) na Libéria e Henry Sylvester Williams. Henry Sylvester (1869-1911) era de Trinidad, advogado e esteve na organização do primeiro Congresso Pan-africano, mas sua morte precoce impediu a continuidade de sua participação.

O fato de os dois principais companheiros de Du Bois estarem na empreitada da construção de espaços de debate para discutir a questão do negro, ou seja, a questão racial, com a organização do Congresso Pan-Africano em 1900, ter falecido na próxima década, levou Du Bois a continuar a luta por liberdade e integração, se articulando com outros intelectuais negros engajados na luta racial, no caso Marcus Garvey (1885-1940), jamaicano residindo nos EUA, organizador da United Negro Improvement Association (Associação Negra de Melhorias do Negro), que segundo Déves-Valdés (2008:201) teve filiais na América Latina, Caribe, Europa e África. Os principais nomes considerados da primeira geração do Pan-Africanismo.

Na sequência como segunda geração, tendo como principais nomes; continua Du Bois e Marcus Garvey, junto com os novos intelectuais como George Padmore, Amy Garvey, Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, entre outros. Na interpretação de análise de gerações do

Pensamento Pan-Africano de Eduardo Déves-Valdés (2008), em sua obra ele compreende os intelectuais de primeira geração Sylvester Williams, F. Z. S. Peregrino, Edward W. Blyden, Henry Turner, Booker T. Washington – entre outros mais - e que Garvey e Du Bois, seriam da segunda geração. Porém nesta pesquisa, tomo os considerados por Valdés de primeira geração como os precursores, e os de segunda geração como os de primeira geração do Pensamento Pan-Africano constituído e consolidado.

Garvey gerou através de seus projetos e seguidores o movimento garveyista, por sua capacidade discursiva e por ser carismático, era um político ativo, que em suas mobilizações na luta contra o racismo ia cada vez mais atraindo novos adeptos, e por isso ganhou projeção internacional, formando novos grupos pan-africanistas pelo mundo. Em José Correia Leite, jornalista negro responsável pelo jornal *O Clarim D'Alvorada*, a traduzir e trabalhar as matérias adquiridas através do intercâmbio jornalístico entre *O Clarim D'Alvorada* e o *Chicago Defender*, que traziam os pensamentos Pan-Africanistas de Marcus Garvey e outros, levando Correia Leite a se considerar um garveyista. José Correia Leite inclusive em um documentário da TV Cultura, *O negro da senzala ao soul*, de 1977, fala acerca dos movimentos culturais, e de afirmação do negro na década de 70.

Leite expressa que na sua época de juventude, suas inspirações de luta era o movimento garveyista, referindo-se às influências de lutas de identidade negra e contra o racismo vindo de fora do Brasil. No mesmo documentário o sociólogo Eduardo O. Oliveira, entrevistado afirma; “Na imprensa negra de São Paulo, você pôde ver a importância que teve para os movimentos sociais e políticos de São Paulo o movimento do Marcus Garvey nos EUA na década de 20”.

Tivemos também intelectuais como Alexander Crummell (1819-1898), norte americano que também foi um dos ativistas da causa no século XIX, que deu sua contribuição para a fundação do Pensamento Pan-africanista. O intelectual Booker T. Washington (1856-1915), também norte americano deu grande contribuição, era um educador e promotor de educação técnica e profissional para o negro norte afro-americano. O intelectual James Africanus Horton (1866-1930) de Gana, médico que atuou pelo exército britânico, também considerado um importante pensador africano do século XIX, um dos primeiros intelectuais da modernidade a desconstruir e desqualificar o discurso de degeneração da raça negra, em sua obra de 1868, *Países e povos da África Ocidental: uma reivindicação da raça africana*. Porém Crummell e Washington atravessam o momento de formação do pensamento africano mundial, onde estão a pensar a questão da luta contra o racismo, a segregação racial, os direitos civis, e a independência da “mãe” África.

Suas mortes ainda no início do século XX, de Sylvester, Blyden e Washington, e no fim do século XIX, de Crummell e Horton, de forma alguma desarticula a trajetória da causa e sua luta. Unindo teoria e práxis esses intelectuais compõem uma distinta casta de intelectuais africanos afrodescendentes, que se expandirá para o mundo na virada do século XIX para o século XX.

O movimento negro no Brasil é influenciado pelos movimentos antirracistas da América do Norte, e vice-versa. Com a contribuição dos intelectuais da sociedade brasileira junto com o movimento negro da época, promoveram fortes pressões sobre o governo brasileiro, em lutas por direitos para a população negra. Esse engajamento político do movimento negro brasileiro, nas diversas esferas como jornalismo, educação, direitos, na economia, em belas artes, artes cênicas, dramaturgia, etc. conquistaram no decorrer das décadas do século XX, algumas vitórias, que mesmo de forma ainda pequenas, nas décadas de 20 e 30, mas que seguindo em frente representam grandes vitórias no âmbito social da vida do negro brasileiro.

O acesso a sua própria história de origem, ou seja, para o negro ter sentido, a África é o centro do negro, logo sua cultura, ancestralidade, religiosidade - que no caso era proibida em São Paulo na década de 20, pois era proibido qualquer culto a religiões de matrizes africanas - significava uma integração da população negra à sociedade brasileira, numa perspectiva contra-hegemônica. Significava uma integração da população negra a sociedade brasileira com direito a sua identidade e sua cultura. Nessa luta do movimento negro diante do governo em busca de integração do negro na sociedade, mas do negro aceito como o negro na sua identidade plena, era o objetivo máximo no meio intelectual que utilizavam os jornais para construir uma ideologia negra para os negros. As informações dos jornais que se diziam noticiosos contribuíram de fato para a população negra brasileira na consolidação da construção de uma identidade.

Entre conflitos, logo, há a necessidade de encontrar uma forma de compreender, explicar e resolver, pois eles aparecem e interferem na vida social, no cotidiano da população negra. Os negros precisavam problematizar a sua situação real de vida, para poder transformá-la. As lutas eram voltadas para a emancipação e autonomia política, de uma população carente de políticas sociais que as atendesse, e de instituições sociais civis de representação.

Para além das questões de integração nacional, lutava-se para a transformação social, empoderamento do negro, pela representatividade negra no Brasil. O Brasil que excluía o negro, marginalizado por uma má distribuição de renda que determinava a vida da maioria da população brasileira em condições de permanentes conflitos e disputas políticas, apresentada por uma nação moderna em nível absurdo de desigualdade, estruturada sobre a égide do preconceito racial. Onde a maioria desta população de pobres mestiços e negros, que tinham que disputar as ofertas de

mercado com os brancos imigrantes europeus, que pela questão racial, era uma disputa injusta, porque o negro ou o mestiço não tinham chances, evidenciando discriminação de raça, classe e gênero, uma vez que para a mulher negra era muito pior.

Logo a desigualdade se amplia entre negros e brancos, e vai ficando cada vez maior, quando é negro e pobre, e negro pobre e mulher a realidade se mostra mais perversa. Correia Leite (SILVA & CUTI, 1992) afirma em sua biografia, que as mulheres negras empregadas, eram todas domésticas das elites e classe média branca, como sua própria mãe foi. Havia uma política de não se empregar negros e negras em cargos estratégicos, cargos de relevância na sociedade, mesmo quando o negro tivesse mais capacidade que um branco, em competição do mesmo cargo. Os governos da época tinham medo do Brasil promover uma revolução nos moldes do Haiti, e esse era uma das razões que leva a institucionalização de uma política eugenista e de embranquecimento da população negra no Brasil.

Podemos compreender que existiu em formas oficiais, a política eugenista no Brasil, o Apartheid (separação entre brancos e negros na África do Sul) a segregação racial nos EUA, o genocídio do negro na Argentina, ou seja, todas as formas possíveis de separação do negro do branco, o extermínio total do negro pelo genocídio e embranquecimento, são políticas estruturais de sociedades eurocêntrica e etnocêntrica que se almeja brancas.

A estruturação do racismo está em todas as áreas, política, econômica e cultural, mesmo que manipulada no Brasil, um racismo velado, mais difícil de ser entendido, pois mesmo que se perceba, na ausência de consciência, esse percebimento acaba por logo ser esquecido. Isso torna o racismo brasileiro mais perigoso e mais difícil de ser combatido, porque ele se justifica na falácia da igualdade racial brasileira, na meritocracia, na capacidade intelectual e técnica do indivíduo, como se tudo isso não tivesse associado às condições materiais e sócio/cultural dos sujeitos em questão. Essa estrutura de dominação racial, promove o esvaziamento do negro como negro, e esse negro vazio do negro é aceito, porque não questiona não se indigna diante das ações racistas, porém o negro que se auto afirma como negro, dentro de sua bagagem histórica, e com os elementos de sua cultura produzida por si mesmo, sofrem o rechaçamento dos sujeitos ao seu redor, sendo eles brancos, imigrantes e mesmo os negros.

O apelo de José Correia Leite e do Du Bois são muito próximos na luta pela emancipação do povo negro, pela educação e integração dela na sociedade, aceita como parte integrante e formadora da sociedade, assim como sujeito dotado de sua cidadania, que seja afro-americano, ou afro-brasileiro, mas que sua dupla identidade proveniente de suas origens ancestrais sejam respeitadas. Para isso, os intelectuais brasileiros eurocêntricos justificavam sua política de

embranquecimento no discurso de “inferioridade biológica do negro” e da degeneração da raça branca com a mestiçagem, da qual a elite brasileira amparavam suas ações políticas no Brasil. Ou seja, havia o discurso da igualdade racial jurídica para a população brasileira, enquanto as elites políticas e dominantes discutiam a política de eugenia baseada no racismo científico, promovendo a política de embranquecimento da população brasileira.

Foi levantada uma revisão bibliográfica sobre o tema, e através da revisão teórica sobre o pensamento Pan-Africanista e dos intelectuais brasileiros difusores do pensamento Pan-Africanista no Brasil, dentro do recorte temporal de década de 20 e 30. Sua contribuição de debate racial para a sociedade brasileira, através do jornal em questão analisado para verificação da recepção e do debate racial envolvendo o movimento negro e o Pan-Africanismo. A abordagem do trabalho tem como princípios o conhecimento de uma sociedade de classes, voltado para discutir a pensamento africano e afro-brasileiro dentro da sociedade capitalista, eurocêntrica e etnocêntrica. Na bibliografia foram abordados os autores do Pan-Africanismo e autores brasileiros do movimento negro, buscando os intelectuais relacionados entre o movimento negro e o pan-africanismo, priorizando as décadas de 20e 30 do século XX, com bibliografia de intelectuais dentro do tema.

Do Pensamento Pan-Africanista do fim do século XIX e início do século XX, assim como os militantes do movimento negro brasileiro do início e meado de século XX, tinham a educação como ponto de partida para a emancipação da população negra, de acordo com os autores aqui pesquisados. Não só o acesso à educação formal, mas também técnica. No Pensamento Pan-Africanista muito se trazia, de diferentes formas de pensar e solucionar a questão racial, mas, no Brasil a força e luta de integração do negro à sociedade era o que estava em voga entre os intelectuais do movimento negro e da imprensa negra na década de 20. Como podemos perceber, o acesso da mídia jornalística exclusivamente negra, de negros para negros, onde se obtinha informações sobre direitos, mobilizações, denúncias, propaganda de comércios, etc, tinha objetivos claros de acesso às informações e de conscientização da população negra e mobilizá-la, incluindo o encontro entre o jornalismo negro, por exemplo, entre os EUA e o Brasil.

I – O PAN-AFRICANISMO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

O Pan-Africanismo como teoria de interpretação da realidade social, econômica, política e cultural dos povos colonizados da África e da diáspora, produz vasto conhecimento da África e de seus povos e das civilizações antigas no território africano. Não sendo apenas o Egito um território da África que produziu de forma escrita, registros históricos de civilização e de produção de conhecimento capaz de ser compreendido, interpretado e explicado epistemologicamente, apresentando processo histórico de civilização e sociedades baseadas em organização sistematizada, baseada na regra e na hierarquia social, com desenvolvimento tecnológico, científico e intelectual a partir do uso de diversas tecnologias para construções arquitetônicas, irrigação, plantio, caça, pesca, cultivos, etc.

A África reconhecida apenas pela civilização egípcia não é suficiente para a afirmação da África como civilizada. Ao mesmo tempo em que no senso-comum a tomam como “berço da civilização”², negam ideologicamente a África como o primeiro continente a apresentar de forma escrita, uma forma sistematizada de sociedade organizada baseada na produção social, material, cultural política e econômica em princípios hierárquicos de sociedades civilizadas. Formulando-se um único discurso de uma África tribal, não civilizada, nem socialmente desenvolvida, generalizando e homogeneizando, negando a diversidade cultural e social das diversas populações e seus territórios.

Diante de um minúsculo continente, a Europa, que surge como o centro do mundo, porque se entendem como civilizados, históricos, ou únicos, sobre os demais territórios, que não compreendem a civilização como medida de coisa alguma para se justificar mais ou menos civilizada. Dentro desse contexto a Europa se afirmar como civilizadora dos demais territórios, que em seu próprio processo histórico não toma certos elementos como regras e normas de civilização e civilidade, que obrigue que em mesmo período todos os territórios do planeta tenham que estar em mesmo nível de desenvolvimento humano e civilizador. Que possam todos, terem os mesmos direitos e deveres uns frente aos outros, enquanto a Europa tem discurso ideológico de que em nível diferente de desenvolvimento, cabe ao mais desenvolvido, tutelar os demais, o que nos remete a questionar qual é o papel então desse pequeno continente que se chama Europa a se intitular como o mais desenvolvido civilizatoriamente e tutelar os demais continentes e seus

² Segundo o Afrocentrismo em sua busca pela produção de conhecimento, descobrem e provam que a civilização baseada na forma de organização a partir da agricultura, da escrita, das tecnologias de arquiteturas e engenharias registradas procedem do Egito. Logo desmente ser a Grécia ou Roma, o suposto berço da civilização, pois a África e o oriente são os primeiros territórios a constituir-se a partir de organização social vigente da escrita, linguagem e da organização do trabalho a partir da agricultura e pecuária.

territórios considerando-os como atrasados ou inferiores, precisando que estes sejam tutelados e civilizados a partir da concepção europeia de civilização mais avançada.

Ao tutelar esses territórios através do processo de colonização e escravização de seus povos, na justificativa de sua superioridade racial, étnica, intelectual, tecnológica, política, cultural e econômica, considerando esses povos como selvagens e bárbaros precisando ser civilizados dentro dos preceitos eurocêntrico e ocidental, pois faz de seus territórios superiores a outros utilizando diversas formas ideológicas de divisões, geográficas, culturais e políticas para determinar lados, oposições e gerar uma assimetria por territórios e continentes, criando divisões raciais, mas de forma negativa, numa classificação de princípios de inferioridade e superioridade, e numa relação assimétrica de dominação.

Nesse processo político, social e cultural histórico de compreensão do processo de colonização, se constitui a inferioridade racial, inferioridade territorial, e violência bruta e direta aplicada contra os povos originários dos territórios colonizados, dominados por brancos, brancos esses que eram os agressores como os proprietários, os políticos, os funcionários de altas patente da estrutura burocrática dos territórios africanos colonizados.

Mas não só, é que surge no final do século XIX e início do século XX o debate sobre as condições sociais dos então libertos negros que foram sequestrados em África e levados para o continente americano. Mais especificamente para América do Norte, onde surgem os primeiros movimentos questionadores da condição social, política e econômica do negro e dos próprios territórios africanos, submersos no colonialismo, considerados como territórios de povos sem história, atrasados, incivilizados e incapazes de promover seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural.

Ou seja, começam os debates políticos e acadêmicos acerca da realidade do negro africano e da diáspora, em condições sub-humanas e inferiores aos brancos, vivendo uma estrutura de desigualdades sociais alarmantes, de violência e opressão, por tamanha crueldade, e desumanidade que eram aplicadas aos negros. Surge daí os primeiros intelectuais que convocam, após muitos debates no cenário político e acadêmico, o primeiro Congresso Internacional Pan-Africano em 1919 em Paris na França, após a Conferência Pan-Africano de 1900. Esse congresso reafirmou o debate das questões problemáticas da condição dos povos dos territórios africanos colonizados, e dos direitos civis dos negros norte-americanos que necessitavam ser ampliados no nível de igualdade dos brancos, como por exemplo o direito de se candidatar e de votar em seus representantes.

Os EUA, país onde crescia uma das maiores economias capitalista do mundo, e onde o sistema era interpretado como o mais desenvolvido, era também o único país do continente

Americano com segregação racial institucionalizada, e o preconceito culturalmente propagado em todas as esferas políticas públicas e privadas.

No início do século XX, os intelectuais negros afro-americanos do norte, afro-caribenhos e africanos, fundam o Pan-Africanismo, e são considerados os pais do movimento pan-africanista, assim como os primeiros intelectuais e cientistas do Pensamento Pan-Africano, William Edward Burghardt Du Bois (1868/1963-EUA), Marcus Mosiah Garvey (1887/1940-Jamaica) e Henry Sylvester-William (1869/1911-Trinidade e Tobago). Edward Wilmot Blyden (1832-1912, Ilha de Saint Thomas, Caribe-EUA) também é considerado um dos fundadores do Pan-Africanismo, sendo um dos primeiros a sistematizar e articular a noção de “personalidade africana”³ e a singularidade da raça africana, de maior residência e atuação político/ativista na Libéria e em Londres na Inglaterra. São os primeiros intelectuais a discutir uma unidade dos povos africanos e seus territórios, que possa permitir uma frente de luta pela independência dos territórios africanos, e resistência contra as imposições das metrópoles, prosperidade política e espiritual dos povos africanos, os direitos civis dos negros africanos da América do Norte, etc.

Esses intelectuais também são os principais considerados da primeira geração do Pan-Africanismo, que desenvolveu diversas vertentes. Henry Sylvester-William participou da Conferência Pan-Africano em Londres em 1900, mas faleceu em 1911 não participando do primeiro Congresso Internacional Pan-africano em 1919 em Paris. Embora essas quatro personalidades do Pan-Africanismo fossem de áreas de atuação profissional diferentes, os quatro tinham em comum a raça e o ativismo político em prol da luta contra o racismo, independência dos territórios africanos dos países imperialistas colonizadores e a criação da unidade dos territórios africanos como Estados-Nação independentes do domínio político e econômico das metrópoles.

O Pan-Africanismo é um movimento teórico, filosófico, histórico, político e ideológico, que surge através de estudos e pesquisas sistematizadas por intelectuais negros, que lutavam contra a legislação de segregação racial nos EUA (Lei de Jim Crow, 1876/1965)⁴ e contra as fronteiras invisíveis e insensíveis impostas pela Conferência de Berlin, em 1885, do Continente Africano, dividindo todo o território africano em zonas de influências das nações imperialistas européias.

³Personalidade Africana segundo Blyden e Nkrumah consiste na constituição do negro africano e da diáspora a partir de sua história e de sua cultura, a importância do negro no mundo e na história. Desconstruindo a ideologia ocidental da África e do negro como desprovidos de história, negavam a inferioridade do negro e a supremacia do branco. Afirmavam a importância do negro na edificação da civilização egípcia, negando superioridades e inferioridades de raça. Em Nkrumah a personalidade africana é uma identidade geopolítica (MACEDO, 2016).

⁴As leis de Jim Crow, que vigoraram entre 1876 e 1965, foram leis locais e estaduais, promulgadas nos Estados do sul dos Estados Unidos, que institucionalizaram a segregação racial, afetando afro-americanos, asiáticos e outros grupos étnicos.

Os intelectuais inspirados pela luta contra o racismo, organizaram então a primeira conferência Pan-Africanista, em 1900 na Inglaterra em Londres. São eles William Edward Burghardt Du Bois (sociólogo e Historiador) e Henry Sylvester-Williams (advogado), com o objetivo de criar um movimento capaz de colocar em prática ações efetivas de luta contra a discriminação racial e de promover solidariedade entre as populações negras colonizadas. Promoveram diversos congressos pan-africanos no eixo francófono, lusofônico e anglofônico, após a conferência de 1900, com a contribuição de novos políticos ativistas e intelectuais do movimento negro internacional.

Na sequência da conferência vieram os congressos internacionais pan-africano. O I Congresso Pan-Africano foi em 1919 em Paris (França), o II Congresso foi em 1921 em Londres (Inglaterra), o III Congresso foi em 1923 em Lisboa (Portugal), o IV Congresso Pan-Africano foi em 1927 em Nova Iorque (EUA), o V Congresso foi em 1945 em Manchester (Inglaterra), o VI Congresso foi em 1953 em Kumasi (Gana), o VII Congresso foi em 1958 em Acra (Gana), o VIII Congresso em 1974 em Dar es Salaam (Tanzânia) e o IX Congresso foi em 1994 em Kampala (Uganda). Dos primeiros cinco congressos, o sociólogo, historiador e ativista político Du Bois participou sendo o ativista que mais esteve presente. Seguiu com presença mais distante devida a idade e a saúde até o sétimo congresso antes de seu falecimento em 1963 aos 95 anos, “que constituiu a força dinâmica organizadora dos eventos” (NASCIMENTO, 2009, p.106/107).

No Pensamento Pan-Africano independente de suas especificidades locais, regional e nacional, no centro do debate está o negro e a África, uma epistemologia africana, a independência do imperialismo na África, além do seu desenvolvimento social e material. Para a superação da falácia de superioridade universal dos brancos europeus e a inferioridade dos outros povos, usados por eles para invadirem e colonizarem continentes e territórios, na concepção de uma falsa superioridade e do direito universal de colonizar os povos considerados por eles inferiores e com isso a falácia do direito universal de ocupar seus territórios. Nesse contexto, os intelectuais que se mobilizavam contra a colonização, se movimentam pela libertação mental, política e simbólica dos povos colonizados, mas para além da luta política, lutavam nos espaços científicos de produção de conhecimento por uma epistemologia baseada na realidade social concreta, esvaziada de preconceitos, preferências e interesses particulares.

A África sofria com efeitos diretos da colonização e da divisão territorial em partilha entre os países Inglaterra, França, Portugal, Bélgica, Espanha e Itália, fazendo da África um continente de territórios divididos por metrópoles de poder imperialista. Assim permite a África, a desenvolver-se capitalisticamente, mas se desenvolver dependente, ou seja, ela exporta força de

trabalho, matéria prima, e outros materiais básicos, de baixo valor, enquanto importa tecnologia elaborada, avançada e de ponta, com alto valor devido seu custo e valores agregados, como tempo de produção, outras tecnologias utilizadas, capacidade intelectual, etc. Ou seja, o processo de libertação seria uma conquista contínua e diária e seria necessário cortar o cordão umbilical com a metrópole, para poder de fato, desenvolver-se economicamente, politicamente, socialmente e culturalmente.

O Pan-Africanismo é a crítica ao colonialismo, ao processo de dominação dos povos, investida pelo imperialismo do homem branco europeu, e a condenação de exterminar civilizações. Partindo agora das concepções teórica pan-africanista, foi elaborada uma síntese dos principais intelectuais do início do século XX, desse campo faremos uma breve apresentação das ideias centrais. Os pensadores deste movimento tinham por objetivo a libertação e o progresso da África e dos negros da diáspora, e o definitivo rompimento com a dominação imperialista, contribuição de uma constituição de crescimento, solidificação, auto-reconhecimento e desenvolvimento político, econômico e social dos povos africanos e da diáspora e eram considerados pela maioria desses intelectuais, como intelectuais periféricos, em busca de alternativas para a construção de emancipação da periferia.

Essa intelectualidade (que em grande medida teve a sua formação na Europa ou nos Estados Unidos) se localiza numa interseção entre as nações centrais e os territórios colonizados, sendo estes seus territórios de origem. Porém, inseridos numa comunicação moderna põem-se a dialogar em favor dos territórios de origem que são castigados pela dominação colonial e imperialista, partindo da periferia para a elaboração de uma reflexão sobre a civilização, a exploração, a raça, a educação, o mundo do trabalho, entre outros temas. Ao produzir um saber africano e diaspórico que dê conta de explicar o mundo a partir da África, ou do mundo negro africano, levando o século XIX ao debate e ideias sobre civilização e sobre a relação entre periferia e centro, não sendo mais possível silenciar as vozes negras e africanas.

Este grupo diaspórico elaborou diversas obras críticas das mais sortidas questões desde civilização, a exploração, ciência, geografia, no objetivo de combater a construção ideológica impostas do centro, mas tendo como o principal tema do século XIX o da civilização, que vai trazer desmembramento para diferentes temas como por exemplo as políticas e educação. O processo de evangelização e cristianização por parte da Europa teceu múltiplas críticas ao movimento do Pan-Africanismo, processo este que se apresentava com tutor e regeneradores do povo africano. Entretanto, esse projeto de substituição de costumes e de moralização incomoda Eduardo Déves-Valdés (2008), que cita uma frase de Blyden, “não existem comunidades cristãs

de negros em nenhuma parte do mundo, que sejam auto-sustentável e independente” (DÉVES-VALDÉS, 2008, p.28), partindo de suas reflexões e pesquisas sobre o tema do processo de colonização e descolonização da África.

Por certo, um conjunto de elementos que descaracterizaram o desenvolvimento cultural do próprio africano, impedindo seu desenvolvimento nas bases de sua própria cultura. E nessa demanda que os intelectuais do Pensamento Pan-Africano, tomam para si a tarefa de construir base epistemológica e fundamentos teóricos, na tarefa de desconstrução da lógica de dominação colonial e imperial. Em 1880, o intelectual Edward W. Blyden como um dos primeiros expoentes do Pensamento Pan-Africano questionou os fundamentos eurocêntricos de política colonizadora, sendo as reivindicações uma das tarefas importantes desses intelectuais periféricos, questionando a desqualificação impostas pelos colonizadores com seus discursos de centro, pois nenhum outro povo foi mais duramente desqualificado, étnica e culturalmente do que o povo negro logo, reivindicar sua humanidade e lutar por ela se tornou uma questão de justiça social, tomando para si, como pessoal a desconstrução dessas desqualificações a si e aos seus semelhantes.

Para Elisa Larkin Nascimento (2009) no processo expansionista da hegemonia capitalista dos Estados Unidos e da Europa, “um instrumento importante utilizado na reprodução forçada do modelo civilizacional do Ocidente é a ideologia da supremacia branca, que gerou os aspectos do racismo como sistema de dominação” (p.25). A produção do conhecimento racial, cultural e histórico, não apenas para a afirmação dos valores do povo africano e da África, mas que pudesse ser utilizado para uma maior reflexão teórica, referida ao conceito de “personalidade africana” por Blyden (DEVÉS-VALDÉS, 2008, p.35).

No caso de Blyden, o fez no intuito de contribuição para a humanidade confluindo para uma civilização universal, ao mesmo tempo que evitasse a cópia do modelo europeu, pois os africanos precisavam estar em comunicação e diálogo constante com seu povo, a fim de fortalecer a sua cultura. Em 1908 Blyden publicou sua obra intitulada, *Vida e Costumes Africanos*, obra que discute a questão identitária do povo africano, expressando estar na família a base de tudo na África, sendo a família a noção básica de construção da sociedade africana (DEVÉS-VALDÉS, 2008, p. 35).

Intelectuais como Léopold Sédar Senghor e Julius Nyerere reelaboram de Blyden o conceito de socialismo ancestral, sendo um dos conceitos dos intelectuais periféricos na intenção de recuperação da cultura apagada e silenciada pela dominação colonial. Blyden acreditava que a educação era um dos pilares para a construção de identidade, e a possibilidade de uma educação de desconstrução da desqualificação cultural, onde trabalha o tema em sua obra de 1881 *Objetivos*

e métodos de uma educação Liberal Africana, pois o que está em questão é “ser como nós mesmos ou ser como o centro” (DEVÉS-VALDÉS, 2008, p.48).

Edward Wilmot Blyden é considerado o intelectual fundamental no século XIX, ao assumir a tarefa de conduzir os africanos ao respeito de si mesmo, pois a identidade está relacionada ao respeito, ao auto respeito e ao respeito recebido dos outros, somando-se a outros intelectuais que formaram o primeiro momento do pensamento africano, como James A. Horton, James Johnson, Alexander Crummell, Paul Holle e J.P. David Boilat.

No início do século XX outros nomes surgem com força na construção do pensamento pan-africano, Sylvester Williams (Trinidad), William E.B. Du Bois (USA), Marcus Garvey (Jamaica). Assim como seus antecessores, são ativistas e militantes políticos contra o racismo, a segregação racial e contra sistemas de apartheid, organizando eventos, congressos, publicações entre intelectuais do pensamento africano, tanto anglófona, quanto francófona e lusófona, que impactaram os teóricos pelo mundo progressivamente a partir de 1900.

Quando em Londres foi organizado por Sylvester Williams, o I Congresso Pan-Africano, buscando gerar uma consciência de solidariedade a África, ou pan-negrista, para além das fronteiras continentais e coloniais, questionando no primeiro congresso o monopólio das terras africanas pelos europeus, terras essas usadas como terras coletivas e comunitárias dos povos africanos, novos comitês de debates e organização de mobilizações foram surgindo a partir do ativismo desses intelectuais como Partido Nacional Africano, sobre influência de Marcus Garvey.

Em 1923, a Liga Africana organizou um evento pan-africano, para debate da violência dos trabalhos forçados em alguns países africanos com acompanhamento de Du Bois. Novas lutas eram travadas por esses intelectuais engajados, como por exemplo, protesto contra a Lei de Terras na África do Sul em 1913, que impedia o negro de possuir terras, lei baseada pela concepção do homem branco pelos negros descendentes (boêres) de holandeses, franceses e com a ajuda dos britânicos, que utilizando de seus privilégios, impedia os negros de obter terras e viver da agricultura. (DEVÉS-VALDÉS, 2008)

Os movimentos articulados em busca da recuperação de expressões culturais africanas ocorreram por todo o século XX, pois estão dentro do debate da existência de uma civilização africana durante o processo de colonização e pós-colonização. Travaram essa batalha no campo teórico, epistemológico e ontológico, pois provar e comprovar que os povos africanos não eram bárbaros e sim, já tinham civilização é um esforço que requer de muita dedicação, e firmeza num propósito de devolver para a África e aos africanos a sua humanidade, que deles foram arrancadas. Nesse sentido era necessário reconhecimento dos próprios africanos em sua própria trajetória

cultural, pois só poderiam realizar seu papel na humanidade a partir de sua própria construção, ou seja, da reconstrução do seu eu, que jamais poderia voltar a ser como era, mas poderia por eles mesmos ser reconstruída. O africano muito já aprendeu com o “outro”, agora era necessário o contrário, assim acreditava Hayford, segundo Déves-Valdés (2008, p.84), havendo assim uma revolução conceitual.

No período de 1919 e 1927, ocorreram vários congressos pan-africanos em algumas cidades da Europa, pós Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, promovendo esses eventos históricos uma grande repercussão entre os intelectuais pan-africanistas e a elaboração de diversos meios de apoio a causa e ao negro. Com movimentos como, União para o Progresso da Raça Negra, inspirado por Marcus Garvey e movimentos juvenis de jovens educados no sistema universitário na África, América Latina e Ásia, inspirados por Du-Bois que embora em posições distintas, confluíram para elaboração de vários canais de comunicação, publicação e divulgação dos muitos escritores, estudantes e sindicalistas estudiosos da cultura africana, como o jornal *A Voz do Negro*.

Nesse período também fundaram a Liga Universal de Defesa da Raça Negra, depois para Comitê da Defesa da Raça Negra, por Maran e Tovalou, entre 1924 e 1926, em 1925 a fundação da Associação de Estudantes da África Ocidental. Ou seja, surgiram muitas organizações da sociedade civil que se articularam em prol da causa da civilização africana e contra o racismo que dividia os homens por raças e classificavam-nos em escalas civilizatórias (DÉVES-VALDÉS, 2008, p. 85/86).

Os intelectuais negros fundam o pensamento pan-africano, uma ideologia que permite a emancipação e seu autodesenvolvimento cultural e histórico a partir de princípios formulados pelo próprio homem negro. Promovem construção de sociedades nacionais independentes, fazendo necessárias a formulação da historiografia, pedagógica e uma politologia com expressão de um saber originado da África e pelos africanos. Trata-se de uma educação que se movimenta para a sua libertação e emancipação, desmascarando as ideologias eurocêntricas, que formularam teorias para sustentar e legitimar a colonização e a inferioridade do negro.

A colonização se apropriou de tudo o que poderia gerar riquezas e desenvolvimento econômico dos países da periferia, pois os expropriaram e espoliaram impedindo qualquer desenvolvimento, mas não só dessa forma, como também pelo apagamento das histórias originárias desses povos. No pressuposto de que a identidade é moldada pelo processo de reconhecimento ou da ausência deste, compreende-se que o “outro” é quem define quem somos, pôde de forma arbitrária, ou intencionalmente promover uma imagem desqualificada, e por assim dizer, gerar vários distúrbios de baixa estima, e, ou injustiça social.

O não reconhecimento ou o reconhecimento errôneo é uma forma de opressão, que delega a determinados indivíduos, ou grupos sociais, uma crença de inferioridade, os fazendo crer numa concepção distorcida de sua própria imagem, sendo sua auto depreciação, um dos mais fortes instrumentos de opressão – base de compreensão de Fanon -pois a identidade de todos merece ser respeitada dentro de suas similitudes e de suas diferenças, sendo condição necessária e vital a vida humana, onde sua constituição só se dá no processo de relação uns com os outros. “Para Hayford, a identidade está ligada à questão do respeito: auto-respeito e respeito recebido dos outros” (DEVES-VALDES, 2008, p.81).

A questão do multiculturalismo, surge em debates, em vários fóruns como questão atual da conjuntura. Não sendo possível intelectualmente impor uma cultura sobre outra sem o uso coercitivo das forças militares e paramilitares, numa permanente política de manutenção, usando as instituições públicas e privadas de consolidação de uma hegemonia globalizante, pelos seus imperativos.

Em aspectos gerais o Pan-Africanismo é um movimento político de reivindicação de unificação da África e a aliança progressista com as nações da diáspora unidas em prol do bem maior e coletivo aos negros (NASCIMENTO, 1981). O Pan-Africanismo significa a luta incessante pela libertação dos povos africanos onde quer que estejam, assim como diz a frase de Marcus Garvey “A África para os africanos, na própria pátria e no exterior”, seguindo com seu slogan da “Volta à África” (NASCIMENTO, 1981, p.74). Forjado na luta de resistência, o Pan-Africanismo vai se fundar e consolidar entre os intelectuais, políticos e ativistas americanos e caribenhos no início do século XX.

Com a perda de Sylvester em 1911 os principais ativistas do movimento entre caribe e EUA na década de 20 e 30 do século XX são Du Bois e Garvey, constituindo o movimento duboísta e garveyísmo. Não só como ativistas políticos do Movimento Negro Norte Americano e Caribenho, mas que terão suas propostas, projetos e ideias compartilhadas mundo afora atravessando fronteiras e continentes, influenciando importantes e futuros jovens intelectuais e ativistas das próximas gerações do Pensamento Pan-Africano (NASCIMENTO, 2009).

O Pan-Africanismo foi um acontecimento histórico e mais emblemático da África na contemporaneidade, assim como das diásporas africanas de magnitude internacional e com repercussões sem precedentes, fundando a Organização de Unidade Africana e depois sua sucessora União Africana. O Pan-Africanismo como fenômeno político foi fundamental na reconstrução da identidade negra e de unidade dos territórios africanos e diaspóricos, sendo essencial na luta e nas conquistas dos negros por reconhecimento, igualdade racial, direitos

humanos. Assim como elemento aglutinador, agregador e propagador em prol da descolonização do território africano, valorização do negro e formação de uma instituição continental em prol da África e dos negros no mundo. O movimento tinha o objetivo de que os negros se entendessem como um povo com originalidade, civilidade, cultura, com uma história, tendo como conceito central a ideia de raça. O movimento ideológico e político organizado, o Pan-Africanismo iniciava-se fora do continente africano, mas na diáspora contra a discriminação e subjugação da qual os negros nas colônias eram sujeitados, se deslocando para o continente Africano, com resultado sem precedentes para a constituição dos movimentos nacionalistas que lutaram pela derrota do imperialismo Europeu e do colonialismo na África. (TAVARES, 2015)

O período formador do Pan-Africanismo é considerado por Muryatan Santa Barbosa entre 1870 a 1920, fazendo parte desse processo o que ele, assim como Déves-Valdés (2008), consideram a primeira geração de ativistas que constituíram as bases do ideário pan-africano, por um grupo seletivo de intelectuais negros de tradição ocidental na África e na América, sendo destaque Paul Coffee, Martin Delany, Booker T. Washington, Alexander Crummel, J. A. Horton, Bishop James Johnson, Edward Blyden, Marcus Garvey, W.E. Du Bois entre outros (BARBOSA, 2015, p. 03).

Porém os dois maiores ativistas políticos do Pensamento Pan-Africano na década de 20 do século XX nas Américas são Du Bois e Garvey. Du Bois trabalha neste momento entre a consciência de ser negro e/ou ser estadunidense, poderíamos dizer que oscilava entre ser africano e ser estadunidense, ou seja, sua identidade nacional ou sua identidade ancestral de origem africana, o que o posicionava no mundo de forma diferenciada dos privilegiados brancos estadunidense, e assim a todos os negros estadunidenses e da diáspora. Segundo Barbosa (2015) Du Bois vivia o dilema,

Com o passar dos anos, Du Bois passou a entender este fato como um reflexo local do verdadeiro dilema universal do negro, emparedado entre a busca de sua especificidade e a integração ao Ocidente. Ele interpretava este dilema tendo, por premissa, a dicotomia clássica da filosofia romântica alemã: cultura x civilização. Dizia que neste sentido, que o negro possuiria uma essência (Cultural) que se contrapunha à lógica materialista e temporal da civilização ocidental. (BARBOSA, 2015, p. 06)

Du Bois não foi só um intelectual que pesquisou e escreveu, mas também um político que lutou pelos negros, sendo figura central do Pensamento Pan-Africano e do Movimento Negro Estadunidense, consolidando em plena ebulição cultural e política no Harlem Renaissance durante a década de 20 a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP)

organização de direitos civis, fundada em 1908. Em busca de articulação com outras nações da diáspora e com a África, lutando em prol de organizar congressos internacionais a procura de alianças que possam de fato unir esses dois polos, promovendo a circulação de ideias e projetos entre o Atlântico Sul e o Atlântico Norte, embora nas primeiras décadas tenha ficado quase que exclusivamente entre os Estados Unidos da América, Caribe e Europa.

Du Bois foi responsável pelo periódico *The Crisis*, foi dirigente da publicidade e das pesquisas, sendo um instrumento de informação, pesquisa e circulação de ideias da NAACP. Mas é Garvey o ativista político do Pan-Africanismo que vai ter na década de 20 uma grande influência internacional pelo seu mega-projeto de empreendimento de repatriação do negro à África fundando a Universal Negro Improvement Association (UNIA). O projeto visava conduzir à emancipação do povo negro e africano do domínio colonial, através de mecanismos de tomada de consciência da sua origem africana, gerando o sentimento de solidariedade e libertação do materialismo civilizacional ocidental. Pregava o retorno dos negros a “mãe África”, em prol de lutarem pela libertação da África da colonização promovendo sua independência, com um contingente de indivíduos negros especializados em alguma atividade técnica com o propósito de contribuir com a luta e promover o desenvolvimento da África sem depender de técnicos brancos, ou seja, profissionais nos mais diversos ramos, mas principalmente tecnológicos (PAULA, 2013, p. 15).

Garvey, para tal empreendimento, fundou a companhia de navegação Black Star Line e entre 1919 a 1921 arrecadou 10 milhões de dólares para esse projeto (PAULA, 2013, p. 16). Fundou ainda uma igreja para os negros, a African Orthodox Church com representações negras, o jornal *The Negro World* e a Legião Africana Universal. Além disso, fundou também o Corpo dos Enfermeiros da Cruz Negra, criou ordens militares dos negros e divulgou a Declaração dos Direitos do Povos Negros do Mundo com 54 pontos. Ou seja, Garvey foi o político ativista internacional de maior empreendimento do movimento Pan-Africanista no mundo com filiais da UNIA com 35 mil membros só nos EUA, chegando a ter 138 filiais em diversos países, mais sucursais da UNIA na Austrália, Inglaterra, países da África e em vários países da América Latina incluindo no Brasil (NASCIMENTO, 1981, p.83).

Essas ideias acabaram influenciando os jovens negros da década de 20 e das décadas seguintes, com os movimentos Rastafári, de Hip-Hop e o Black Panther Party. Sua influência também chegou ao Brasil na década de 20 através da imprensa negra brasileira, e teve no Brasil vários jornais difusores de seus feitos e seus projetos, sendo o jornal *O Clarim d'Alvorada* um dos principais jornais de promoção e divulgação das ideias de Garvey através de seu redator chefe José Correia Leite. Garvey era considerado um ativista político messiânico, mas optei por não adentrar

nesse ponto de ideias a partir de sua religiosidade (PAULA, 2013). Todo esse movimento produzido por Garvey ficou conhecido como Garveyísmo, e a UNIA representava os direitos humanos para os negros, mas não só, mas para todas as raças “categorizando a luta negra como de direitos humanos e não apenas civis, o que estabelece seu caráter internacional” (NASCIMENTO, 1981, p.85/86).

Segundo Nascimento “Garvey compreendeu três necessidades básicas mundiais do povo negro: a de dignidade e auto respeito como um povo unido, a de uma África independente e unida como base de força central, e a de instituições autônomas para impulsionar a vida das comunidades negras” (1981, p. 86). Embora tenha sofrido injustiças por conta de seu posicionamento político com relação a supremacia branca e a civilização ocidental, não vendo como um meio possível de progresso e prosperidade condizente para o povo negro e sua suposta “personalidade africana”. Foi o terrorismo legalizado contra os africanos e seu extermínio e escravismo que levou Garvey a seu posicionamento sobre a civilização ocidental.

Nesse sentido, Garvey foi caluniado, sofreu injúrias e difamações pela direita e esquerda branca e pelos pan-africanistas integracionistas, inclusive oposição do outro expoente do Pan-Africanismo, Du Bois, embora valorizasse o seu trabalho como um todo em prol dos negros. Garvey foi falsamente incriminado e preso pelas polícias Norte Americana e Jamaicana e com apoio Europeu, foi ignorado e freado em alguns congressos direcionados a causa do negro, foi impedido de viajar para comparecer em diversos eventos que estaria presente em prol da causa. Contudo sua morte precoce trouxe à tona seu importante legado e não permitiu morrer o seu trabalho e seus feitos que em grande parte segundo Nascimento (1981) se deve ao trabalho militante de sua viúva Amy Jacques-Garvey que continuou sua luta, e que combateu as distorções de sua figura (p. 86).

Mais tarde Du Bois observando esses acontecimentos conclui que “a liderança pan-africanista estava mais próxima dos capitalistas que do proletariado negro, admitindo ser o movimento de Garvey um movimento popular em vez de ser um movimento de intelectuais” (NASCIMENTO, 1981, p. 96). Em seu artigo Domingos (2017) afirma a importância de Garvey no Brasil na imprensa negra brasileira

Em 1932 O Clarim d’Alvorada saiu de circulação, porém notas sobre a mobilização racial capitaneada pelo “famoso” líder negro jamaicano (Garvey) aparecem na folha Progresso, e a coluna “O Mundo Negro” foi reeditada nas páginas da Tribuna Negra e d’A Raça, outros jornais da imprensa negra de São Paulo e Minas Gerais respectivamente (p. 146).

Domingues (2017) afirma que “seja como for, Garvey ganhou relativa visibilidade na imprensa dos afro-brasileiros, notadamente no *O Clarim d’Alvorada*” (p. 148). Em sua obra Pereira (2013) afirma que,

(...) Ainda na década de 1920, as informações sobre as lutas dos negros na diáspora já informava a constituição do movimento negro brasileiro através, por exemplo, do jornal *O Clarim d’Alvorada*, que publicava em suas páginas a seção “O Mundo Negro” para divulgar, entre outras, as ideias do pan-africanista Marcus Garvey e de seu jornal *The Negro World*, publicado em Nova York, nos Estados Unidos, entre 1918 e 1936. O Mesmo *Clarim d’Alvorada*, assim como militantes, jornalistas e viajantes, também informavam negros norte-americanos sobre o “mundo negro” vivenciado aqui no Brasil. Tanto que a Frente Negra Brasileira, por exemplo, chegou a ser vista por muitos negros norte-americanos como um referencial para a constituição da luta por direitos civis nos Estados Unidos. O movimento negro brasileiro sempre contribuiu para as idas e vindas de referências e informações no “Atlântico negro”. (p. 326)

Com isso deixa evidente a importância dessa articulação de ideias entre as duas partes do continente americano entre norte e sul, e como as lutas de ambas partes contribuíram para ambos avançarem em suas conquistas e para transformações positivas em prol dos negros e contra a situação de discriminação. Na próxima geração do Pensamento Pan-Africano, influenciados por Garvey e Du Bois e os demais precursores do pan-africanismo, vai surgir importantes nomes como C. R. L. James, Georg Padmore, Amy Ashwood Garvey, Jomo Kenyata, Wallace-Johnson, Garan Kouyaté e Kwame Nkrumah, e depois vindo outros, formando as futuras gerações (BARBOSA 2015, p. 12).

II – BREVE APRESENTAÇÃO DO JORNAL “O CLARIM D’ALVORADA” E DO INTELECTUAL JOSÉ CORREIA LEITE.

O Jornal *O Clarim d’Alvorada*, se tornou um importante ícone da imprensa negra brasileira, justamente pela atuação, conduta e militância de seu fundador e redator chefe José Benedito Corrêa Leite, mais conhecido como Correia Leite. O jornal e Leite se fundem num só, pois falar do jornal é falar de Leite e vice-versa.



Nesse capítulo, abordamos a discussão do recorte temporal e do objeto que permitirá uma análise para a apreensão de um conhecimento determinado no tempo-espaço, que permite a partir de estudo no método qualitativo e quantitativo, dentro de uma perspectiva metodológica, um recorte objetivo e observação de uma unidade de comunicação popular. Sistematizado em uma investigação dividida anualmente, para abrangência totalizante do material aqui sendo pesquisado (aqui no caso a coluna do jornal).

O objetivo em questão é a recepção do Pan-Africanismo através da coluna *O Mundo Negro* do jornal *O Clarim d’Alvorada*. Para tanto, faremos uma breve apresentação do jornal e da coluna para que possamos contextualizá-la no tempo e espaço ao qual faz parte, sua fundação e

sua trajetória. Fez-se necessário a leitura da biografia de José Correia Leite (1900-1989), por Luiz Silva, ...*E disse o velho militante José Correia Leite*, publicado em 1992, publicado pela Secretária Municipal de São Paulo, e Coordenadoria Especial do Negro em São Paulo. Infelizmente José Correia Leite vem a falecer aos 89 anos em 1989 e não esteve presente na publicação do livro.

O jornal *O Clarim d'Alvorada*, foi fundado por Jayme Aguiar e seu convidado, o amigo José Correia Leite, em janeiro de 1924, sendo eles os investidores e produtores do jornal, ao mesmo tempo em que tinham emprego ou trabalhos para se manterem. Ou seja, que exerciam dupla função com o trabalho de jornalismo e outro qualquer para se sustentar, e ainda colocar o jornal para a produção dos periódicos, compra de maquinário, pagar a impressão, etc. Nos primeiros quatro exemplares ele tem como título apenas *O Clarim*. A palavra Alvorada só foi adicionada a partir do quinto exemplar, passando então a ser "*O Clarim d'Alvorada*", até seu último exemplar em 1940.

Inicialmente tinha a intenção de ser um jornal literário, noticioso e humorístico. Aos poucos, entretanto, foi se transformando num jornal de cunho político, como instrumento de denúncia da situação do negro. Defendia uma proposta de conscientização do negro na comunidade paulistana, uma vez que era um jornal local, da cidade de São Paulo, embora, pudessem acessá-lo de outro município os Estado, até mesmo de outro país (caso do intercâmbio entre o jornalismo negro entre os EUA e Brasil). Mais tarde adicionou-se ao jornal um subtítulo- *Pelo interesse dos homens pretos. Noticioso, literário e combate*

Seu primeiro exemplar veio como literário, científico e político, o segundo exemplar como material literário, científico e humorístico e do terceiro exemplar adiante como material literário, noticioso e humorístico, mas que nunca perdeu seu caráter político e combativo em favor dos negros e contra o racismo. Na direção do jornal o próprio José Correia Leite, fundador e redator chefe, e Jim Araguay- pseudônimo de Jayme Aguiar - tendo direção exclusiva de Jayme Aguiar no exemplar de Nº 33 de 13 de maio de 1927, sem usar o pseudônimo, com matéria de capa sobre a "Mãe Preta" uma mobilização do movimento negro paulista em ter um monumento em homenagem a abolição em São Paulo com referência ao negro. Importante frisar que os jornalistas por questões de segurança, entre outras razões, usavam muitos pseudônimos, por exemplo; "Jayme de Aguiar era também Maria Rosa, Moysés Cintra, Jim Araguay, Praxedes, Ana Maria e Jim do Vale, Correia Leite era também Tuca, Menotti Del Picchia era também Hélio (CARNEIRO & KOSSOY, 2003:182).

O sujeito que personifica o jornal *O Clarim d'Alvorada*, o fundador, redator chefe, diretor do jornal e tantas outras responsabilidades era José Correia Leite. Autodidata, sem formação escolar, aprendeu a ler e escrever por mérito próprio em busca de quem ao seu redor e de contato

pudesse ajudar desde a infância. Filho de mãe ausente pelo trabalho, sem acesso à escola, passando os dias na rua, aos cuidados de terceiros e desde cedo trabalhando para comer e se abrigar do sol e da chuva que castigava seus dias nas ruas, devido ausência da mãe, pela exploração do trabalho doméstico subalterno e sem regularização institucional. José Correia Leite é definitivamente um sujeito formado pela sua própria experiência de vida, datado no tempo, num contexto, onde a mulher negra trabalhava para ajudar no sustento da família, ou sendo responsável sozinha pela família e por si mesma. A mulher negra nesse momento, como esclarece Correia Leite em sua biografia, só conseguia empregos nas funções de empregada doméstica, babá, cozinheira, lavadeira, ou seja, os empregos mais desvalorizados e mal remunerados, com super exploração, castigadas por muitas horas de trabalho (LEITE & CUTI, 1992).

Quando Jayme Aguiar disposto a montar um jornal, chama Correia Leite para fundar com ele, (porque Leite era o único amigo em que ele confiava para cumprir essa empreitada) Leite aceita e aproveita a oportunidade desde o início para que o jornal tivesse utilidade para a comunidade negra. Jayme Aguiar já era amigo de Leite de longa data e alguém que contribuiu pessoalmente com sua alfabetização, mais Sátiro e Manoelzinho (amigos de infância e adolescência). Leite com consciência adquirida através de sua própria experiência de vida, e do seu acesso as associações recreativas e sociedades de baile da juventude, se misturando participando de tudo o que sabia e considerava pertinente, implicando várias vezes em fortes discussões políticas sobre a questão nacional do Brasil e do negro.

Nesse momento o jovem Correia Leite se afasta das comunidades de imigrantes e se aproxima da comunidade negra, e essa aproximação e as leituras indicadas por amigos e livros dados, impulsionaram Leite para a militância política. Teve contato com a mobilização proletária comunista marxista através dos imigrantes espanhóis. Desses encontros pode expandir suas ideias, porém desde logo percebeu nesse movimento a importância da luta de classes e a exclusão ou silenciamento do sofrimento do negro na sociedade, alegando os militantes da luta de classe, o negro e o branco estar na mesma situação. De pronto Leite percebe na militância operária comunista, que o negro ali não era bem-vindo, e nem a sua voz de marginalizados da sociedade pela sua raça/cor.

Identificava no comunismo a ausência da luta política racial, com a alegação de que o trabalhador explorado era uma classe como um todo, logo ele não entendia, nem tomava essa resposta como verdade, pois entre os brancos trabalhadores explorados e os negros trabalhadores explorados, havia um abismo enorme que o comunista não problematizava e nem sistematizava para compreender que para o negro a exploração era dobrada. A situação se tornava bem pior

quando os militantes brancos recebiam os militantes negros utilizando atitudes racistas. Isso era a prova de que nem todos os trabalhadores eram iguais no quadro das desigualdades, pois o negro carregava um prejuízo muito maior, além do aspecto humano e psicológico de rejeição. Afirmando Leite:

O comunista sempre entendeu que não havia questão racial, não havia causa de negros. A questão era econômica, de classe. O proletariado era tão sofrido, tão explorado, quanto o negro. Eu nunca concordei com isso. Sempre me debati que havia também nesse meio um prejuízo do negro que era sempre mal recebido em casa de proletários brancos. (...) Por outro lado, no meio proletário, negro era visto, não de igual para igual, mas sempre com qualquer sentido de inferioridade. (LEITE & CUTI, 1992, p. 55).

Isto leva Leite a perceber que sua luta era definitivamente pela questão do negro, resolver o problema da comunidade negra, e sua mobilização foi para conscientizá-la através de seu trabalho no jornal e nas reuniões diversas que a vida lhe proporcionou dentro da comunidade negra, incluindo nas de lazer. Esse quadro comentado por Leite é algo que até os dias de hoje afasta o Movimento Negro Brasileiro da luta de classe, priorizando a questão racial, sendo essa primária e essencial antes que se pense na suposta luta de classes internacional. Uma vez que o movimento político pela luta de classe não reconhece a prioridade dos negros de emancipação da questão racial antes da luta de classe, definitivamente é porque não sente na própria pele, o desprezo que o negro vive na sociedade.

Sobre a imprensa negra brasileira e Correia Leite, Amauri Mendes Pereira afirma que:

A mudança, para um tom mais combativo em relação a discriminação racial e aos ‘prejuízos do negro’, só ocorrera com o “Clarim da Alvorada, após 1925. (...) O nome de José Correia Leite é sem dúvida, sinônimo de Imprensa Negra, além de ser uma das maiores referências de seriedade, de abnegação e de uma aguda consciência e capacidade crítica a serviço da “causa”. “Seu Leite, em sua extrema simplicidade, seguiria sendo a “reserva moral e lucidez” para as novas gerações de militantes, até seu falecimento, em 27 de fevereiro de 1989, aos 89 anos. (PEREIRA, 2008, p. 32).

Essa descrição de Amauri Mendes Pereira em sua obra, *Trajectoria e Perspectiva do Movimento Negro Brasileiro*, definem resumidamente o caráter do militante Correia Leite e a importância do jornal para a luta contra o racismo brasileiro, além da sua importância para o Movimento Negro Brasileiro, em seu primeiro momento, do qual Pereira descreve em sua obra como o “primeiro impulso”. Leite também em sua biografia diz; “Com relação à imprensa negra

Paulistana, ela passou a ser militante com *O Clarim d'Alvorada*” (LEITE & CUTI, 1992, p. 19). Apresentando a importância de Leite e do jornal *O Clarim D'Alvorada*, entre tantos outros jornais na época que formavam a imprensa negra no Brasil todo, tornando-se um dos jornais pioneiros em São Paulo.

Entretanto, o caráter de jornal combativo surge com José Correia Leite em 1925, sendo sua beligerância um tormento de denúncia para Frente Negra Brasileira, criada também por Correia Leite, um dos membros fundadores, que se demite no momento de organização e processo de hierarquização da organização, por discordar veementemente do seu estatuto, baseada no estatuto fascista de Mussolini na Itália, e ideias patrianovistas, por Arlindo da Veiga Santos, presidente da FNB em 1931.

Correia Leite já a frente do jornal e sendo o único fundador presente, faz deste um dos jornais da imprensa negra mais importante historicamente para a luta do Movimento Negro Brasileiro até os dias atuais com a luta do Movimento Negro Unificado. O jornal e Correia Leite é referência da luta contra a discriminação racial, e atravessou os três momentos de “impulso” do Movimento Negro no Brasil, como aborda Amauri Mendes Pereira (2008).

No primeiro momento a formação e atuação da Frente Negra Brasileira, em 1931, a Legião Negra Brasileira em 1932. No segundo momento a formação e atuação do Teatro Experimental do Negro em 1944, o Teatro Popular Brasileiro em 1950, a atuação da Unesco com Roger Batista e Florestan Fernandes como primeiros sociólogos a fazer pesquisa sobre a situação do negro no Brasil. Momento do qual sai o negro de cobaia dos cientistas formadores da ideologia racista do governo, com Nina Rodrigues e Arthur Ramos, e com a obra literária de Gilberto Freyre, o *Casa grande e Senzala*, que nas palavras de Correia Leite “...é mais casa grande do que senzala” (LEITE & CUTI, 1992:17), qual Leite e o jornal foram objetos pesquisados. No terceiro impulso, na fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial em 1978, e em 1979 para Movimento Negro Unificado, com a presença viva de Leite, porém já ausente das mobilizações por questão de saúde, com 80 anos de vida.

Importante frisar que Leite em sua militância, não utilizava do conhecimento conceitual e teórico acadêmico – embora como autodidata, estudasse e lesse livros de importantes intelectuais acadêmicos e militantes do seu tempo – mas não se preocupava em se apresentar como um intelectual, nem em buscar contato com intelectuais acadêmicos porque não enxergava nos serviços desses nenhuma utilidade real para o negro brasileiro, uma vez que suas pesquisas eram de uma visão de fora, e não voltada para os negros, nem partindo deles como objetos de pesquisa com voz, que trouxessem frutos concretos para o crescimento do negro, pois Leite se baseava na realidade concreta da qual vivia e que viviam os negros brasileiros principalmente na cidade de

São Paulo. Logo sua postura de denúncia e reivindicação, eram pautadas pela realidade social do negro e não baseada em pesquisa acadêmica, das quais na época ele não acreditava trazer nenhuma contribuição. Pelo contrário; desmobilizava, pois negava o conflito.

Leite viu tudo isso acontecer e se manteve firme na sua posição sobre a luta do negro a travar e batalhar pela superação da sua condição socioeconômica, era contra a formação de disputa partidária, sendo contra a Frente Negra Brasileira se tornar um partido. Tinha uma consciência forte sobre a situação do negro, e dedicou toda a sua vida a essa causa. O jornal foi a expressão mais forte de sua atuação, no momento onde São Paulo era o maior centro urbano brasileiro e palco dos maiores acontecimentos político/cultural do país. São Paulo com o seu crescimento demográfico por conta da imigração condicionou o negro a cada vez mais a se exilar em partes mais remotas, pelo espaço urbano cada vez mais povoado pelo branco europeu imigrante, que formavam fortes comunidades de apoio e solidariedade para com os seus.

Leite nessa convivência inicial com os imigrantes, principalmente os italianos, tomou consciência da importância que era essa formação de comunidades solidárias, um ponto forte de fortalecimento, e desejou isso para a população negra, e mobilizaram-se por muito tempo para isso, muitas vezes cansado de ver poucos resultados no mundo jovem negro. Também organizaram as sociedades, associações – as associações negras em São Paulo, entre 1907 a 1937 chegaram a totalizar 123 associações, sendo o Centro Cívico de Palmares, um dos maiores (DOMINGUES, 2008, p. 103) – centros cívicos, agremiações, jornais, irmandades, clubes, etc, que acabou por formar uma comunidade negra.

As atividades promovidas pelos ativistas negros baseava-se em caráter social, cultural, desportiva, educacional, jornalístico entre outros entretenimentos que pudessem agir como lazer para os negros e a desenvolver uma solidariedade negra. Assim os ativistas negros atuam na formação de novos e jovens ativistas negros para a causa, ou mesmo formando jovens negros mais bem preparados para a sociedade capitalista em desenvolvimento na década de 20/30 no Brasil. Se preocupando também com a educação e com a “imagem” do negro na sociedade, no intuito de desconstruir o estereótipo do negro como preguiçoso, bêbado, vagabundo, etc.

Para os militantes negros da época, a educação era algo que lhes possibilitaria a ascensão social, permitindo empregos mais valorizados, e com isso a sua participação da construção da “nova” sociedade. A Frente Negra Brasileira teve preocupação com isso, e lutou de todas as formas possíveis numa sociedade racista, pela formação do negro, inclusive com seus próprios recursos, fazendo um alistamento dos negros para a organização, para contribuição e para amparo dos mesmos, sendo por um tempo uma referência de fato.

Esses jovens negros, assim como os trabalhadores negros que se filiavam, tinham assistências diversas, e orientações na Frente Negra Brasileira, com o apoio de uma elite negra no comando da organização nacional, como afirma Leite em sua bibliografia; “Havia professores e doutores na direção da Frente Negra. E eu não tenho título nenhum. Sou um autodidata” (2008, p. 18), com isso possibilitando aos novos adeptos terem uma referência de negros que alcançaram sucessos. O que a levou a Frente Negra Brasileira mais tarde a se tornar um partido. Porém desde que não perdesse a comunicação com a comunidade negra e numa linguagem comum. Disputando eleições, foi derrotada, como pode perceber na afirmação de Amauri Mendes Pereira; “(...) foi o Partido político criado em 1934 que fracassou nas eleições de 1935, devido a uma limitação estrutural: sua base eleitoral era majoritariamente analfabeta, apesar dos esforços extraordinários de ‘professoras negras’ em alfabetizarem seu povo” (2008:34).

Ou seja, a derrota pelo analfabetismo de muitos de seus membros, o que foi realmente sentido como um desafio para o negro, a falta de acesso à educação, e a certeza do mal que padecia a população negra brasileira. A educação o princípio básico norteador da Frente Negra Brasileira, pois já há muito se percebia que um dos principais problemas do negro era a falta de acesso à educação, e como isso refletia sobre a sua vida, cultural, material e política.

Leite insistia em não envolver o negro com política partidária, mas promover uma ascensão do negro cultural, educacional e política – não no sentido partidário – para possibilitar a integração do negro na sociedade. Leite não se preocupa com um retorno a ancestralidade nas raízes africanas, mas com o processo do negro na construção e raízes da cultura afro-brasileira, embora muitos dos parentes dos negros, os com mais de 30 anos fossem ex-escravos, ainda sim sua origem na África era mais longe do que isso, mais ou menos 50 anos já de cultura afro-brasileira.

Eram nelas que Leite acreditava que os jovens e adultos negros deveriam se inspirar. Retornando às falas de Leite em sua bibliografia, suas ideias casam com o pensamento do pan-africanista Amílcar Cabral em pontos fundamentais como; “(...) enxergar as contradições da própria realidade social e econômica entender suas causas determinantes e agir para a sua transformação” (VILLEN, 2013, p. 17). O outro ponto, sobre o processo de conscientização educação/político/cultural, na qual Patrícia Villen afirma que:

Como bem ressaltou Mário de Andrade, a maestria do papel político de Cabral vai muito além da conquista da independência. Seu objetivo principal era um processo mais amplo e complexo: um trabalho de educação político-cultural com o propósito de ajudar o povo africano a entender o seu ‘direito de possuir a própria história’, ou seja, de ser tornar protagonista (VILLEN, 2013, p. 17).

Nessa concepção, Leite sempre quis muito mais que a simples ascensão material do negro, para ele era fundamental a total emancipação do negro e a construção de uma nova realidade, de uma transformação estrutural na sociedade onde retira completamente o negro do papel ao qual ele tinha, e tem até hoje na atual conjuntura. Sendo assim, dava para compreender a oposição a um Partido Político Negro no Brasil. Para Leite “um partido político existe para disputar o poder. Essa é a função do partido político” (1992, p. 131). De nada adiantaria políticos negros, na linha branca de atuação política governamental, estruturado numa base de “falsa igualdade racial” e de uma política eugenista de embranquecimento.

Nessa concepção abordamos a ideia de Amauri Mendes Pereira, expressada por Jacques d’Adesky, no prefácio da primeira edição de sua obra; “Para o autor, apenas o enegrecimento da fachada do poder não soluciona o problema, se tal fato resultar de uma política de promoção social e racial que não questiona os sentidos atuais da justiça e da democracia” (2008:10). A promoção social do negro só pode ser dada de fato se junto com ela existir uma educação política e cultural de valorização do mesmo, caminhando com políticas públicas, sociais, e leis que fortaleçam e valorize o negro como sujeito. Não como favorecimento nem com privilégios, apenas que se cumpra a justiça social via Estado/Governo do qual o negro faz parte.

Não adianta ter doutores negros, políticos negros, se esses nessa posição se embranquecem e esquecem seus iguais, lhes virando as costas, dizendo Leite; “Os negros que tinham condições de chegar para liderar o movimento e mostrar que não precisavam dos outros, esses não participavam, não queriam história com a gente. Nunca conseguimos apoio deles” (1992, p. 58). Muitos desses, segundo Leite em sua biografia, que poderiam contribuir de fato intelectualmente e economicamente, viraram as costas para seus iguais e evitava o máximo possível o contato com a comunidade negra (LEITE & CUTI, 1992).

Uma imagem foi construída pejorativamente num estereótipo degradante, para justificar o negro como responsável pelo “seu lugar” social, como culpa dele e não de um sistema estruturalizante do Estado brasileiro. Em prol disso se propaga um discurso no senso comum de igualdade racial que não existia, no intuito de silenciar as vozes que se levantavam, e de negar o racismo ou a segregação racial não legalizada que existia no Brasil – que podemos dizer ainda hoje, que existe - e omitir o papel do Estado de legitimador dessa situação de penúria do negro brasileiro em sua totalidade. E contra essa imagem José Correia Leite, e seu jornal *O Clarim d’Alvorada* lutaram, e tentaram de todas as formas possíveis combaterem. Que fosse pela informação/comunicação do jornal, que fosse à militância de Correia Leite pelos espaços que

transitava e pelas organizações que ajudou fundar e organizar. Fosse por qual forma que fosse a luta desse intelectual negro e desse jornal paulistano, marcaram história na realidade brasileira pelas suas contribuições, pela sua luta, pela sua trajetória de vida, pelo seu legado, e pelas produções físicas que persistem no tempo e nos proporciona hoje, contato e leitura obrigatória.

Algo importante a afirmar sobre o trabalho jornalístico de Correia Leite e do jornal, é que ele não trazia nenhum ganho ou lucro para seus produtores, pois o jornal *O Clarim d'Alvorada* era de negros para negros. A realidade dos negros é que não tinham condições de comprar jornais, e de fato não compravam –observando que uma enorme parcela da comunidade negra era de analfabetos – devido a isso o jornal era distribuído gratuitamente. Todavia tinha quem comprasse, tinha os contribuintes mensais, pois havia outras formas de assegurar a publicação do jornal. Assim como havia outras formas de acessar o conteúdo do jornal, sem que fosse exclusivamente pela leitura, pois tinham as reuniões para os debates das matérias, tinham os filhos e netos que liam para seus pais e avós.

Logo o jornal era um compromisso com a população negra da qual seus produtores acreditavam que suas perdas econômicas investidas no jornal, eram um ganho político, moral e uma recompensa de luta contra o racismo, e tal investimento era importante. O que prova que foi um trabalho árduo, mas um trabalho por amor a causa, amor a luta, pois seu tempo de lazer e descanso era dedicado a causa, o dinheiro que não ia para as necessidades básicas para se viver, também era para a luta com o jornal. O que apresenta uma grande devoção a luta contra a discriminação racial da parte de Leite como militante e como jornalista.

Um dos nomes muito citados por Leite com grande admiração e respeito, e sendo alguém com quem Leite tinha muita afinidade pela sua abnegação pessoal em prol da luta do negro contra a discriminação racial, e por um forte posicionamento do qual não se deixava abalar, era o militante negro Vicente Ferreira, um grande orador, e militante da causa, do qual não poderia deixar de comentar nessa breve apresentação. Vicente Ferreira chegou a publicar artigos no *O Clarim d'Alvorada*, assim como em outros jornais. Vale comentar que, segundo Petrônio Domingues em sua pesquisa monta um quadro de tabelas, sobre diversas pontuações importantes do Movimento Negro Brasileiro, apresentado em três fases, ele coloca como principais lideranças do MNB na primeira fase sendo: Vicente Ferreira, José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos (DOMINGUES, 2008, p. 119).

Parte de Leite e do jornal como uma militância voltada para a convicção do negro como sujeito brasileiro, acreditava numa política nacionalista e integracionista, na década de 20 com intuito, de dentro de padrões burgueses de educação, civilidade e etiqueta, o homem negro pudesse se igualar e ser tratado igual ao branco. Assim a luta por igualdade, justiça e reparação social, eram

ponto chave da luta de Correia Leite e seu jornal combativo, pois eram reivindicações fundamentais em suas denúncias sobre a marginalização da população negra.

De forma mais sucinta, José Correia Leite nasceu em 23 de agosto de 1900, em São Paulo, de uma família muito pobre do qual não tinha pai, e tinha dentro das estatísticas grandes possibilidades de ser mais um jovem com uma vida cotidiana sem nada a acrescentar para a sociedade que a discrimina. Entretanto, Leite foge à regra e se torna uma relevante exceção social, da qual se torna um dos grandes e mais importantes intelectuais do movimento negro brasileiro, como filho de pobres passou por muitas dificuldades e negligências, mas numa conjuntura que nada era favorável aos homens e mulheres de cor negra no Brasil. Muito jovem o Leite teve que trabalhar como entregador de marmitas e lenhador.

III-A CRIAÇÃO DA COLUNA “O MUNDO NEGRO” E SUA IMPORTÂNCIA.

A coluna *O Mundo Negro*, do jornal *O Clarim D'Alvorada*, surge após o contato de José Correia Leite com o intelectual Mário de Vasconcelos, após o conhecimento do movimento garveysta e o conhecimento do jornal *O Mundo Negro* fundado em 1918, na cidade de Nova Iorque. O jornal americano tinha a importância na difusão das concepções anti-racistas, era a voz da Associação Universal de Melhorias do Homem Negro e da Liga das Comunidades Africanas (UNIA). A UNIA foi fundada por Marcus Garvey e Amy Ashwood Garvey em 1914. O jornal americano *Mundo Negro*, teve papel fundamental no “Harlem Renaissance”⁵

The image shows the front page of the *Negro World* newspaper. The main headline reads "GREAT WORLD CONVENTION OF NEGROES" and "Members of the Race From All Parts of the World to Assemble at Liberty Hall, New York, Sunday, August 1, at 10 A. M. - Biggest and Most Representative Assemblage in History of the Race". Below this, it states "CONSTITUTION OF NEGRO LIBERTY IS TO BE WRITTEN". The page includes a large illustration of a globe and various columns of text, including a notice for the "HON. MARCUS GARVEY, WORLD FAMED ORATOR" who will speak at the convention.

This block contains a collage of newspaper clippings. At the top is a large headline "Eduquemos Nosso Povo" (Educate Our People) with the subtext "Negros do novo e do velho mundo, uni-vos" (Negroes of the new and old world, unite). Below this is a clipping from "O Mundo Negro" with a sub-header "Movimento" and "O Membro do Conselho". To the right is a clipping from "O Clarim d'Alvorada" titled "Cantilha de Historia Negra Preparação por Pessoas Brancas". Below these are smaller clippings from "AMERICA Contemporanea" and "O Clarim d'Alvorada" with the date "Assinatura para 1932".

Ainda em 1924, Leite começou a se inteirar sobre os acontecimentos anti-racistas nos EUA, como movimentos muito importantes considerados para a época como a fomentação do Harlem em Manhattan. Um bairro que foi transformado num centro cultural e comercial afro-americano, por negros em ascensão, construindo territorialidade nesse espaço, dando fama ao local

⁵Harlem Renaissance foi um movimento cultural que teve o bairro negro norte americano, o Harlem em Manhattan, em Nova Iorque como centro. Vários importantes talentos na música, artes plásticas e literatura emergiram a partir do início do século XX e deram força a mobilização antirracista principalmente após a 2 Guerra Mundial, pondo em contato intelectuais e artistas afro-americanos, experiências europeias de relações raciais, com o socialismo e comunismo europeu.

e aos negros que ali habitavam. O clube de negros que se tornou famoso por sair de lá grandes nomes do movimento negro cultural norte-americano como o compositor e músico Duke Ellington (1899-1974), o famoso Cotton Club onde frequentavam gangsteres famosos e os novos ricos da América. Resultado de experiências relacionadas a ida dos negros para a Primeira Guerra Mundial e conhecimento do comunismo (LEITE & CUTI, 1992, p. 38).

Ou seja, esse é o momento de conhecimento de Leite sobre ascensão do negro nos EUA, atuação de luta anti-racista na América do norte e do Pan-Africanismo. E nesse momento com o Jayme Aguiar, saindo do jornal, Leite com Vicente Ferreira e Lino Guedes, lança o primeiro jornal de sua autoria com o título *Hoje é Dia da Mãe-Preta*, numa tentativa de lançar uma homenagem ao trabalho negro na construção do Brasil seguindo a mobilização no Rio de Janeiro do projeto do Monumento da Mãe Negra e um dia de comemoração. Momento do qual o jornal passa a ser definitivamente um jornal de luta e de mobilização da raça.

O jornal foi o primeiro e único na época, voltado para denúncia, reivindicação de direitos para os negros e de mobilização da raça, ganhando notoriedade por isso, firmou-se o nome *O Clarim d'Alvorada*, e um grupo de apoiadores como Luiz de Souza, Gervásio de Moraes, Henrique Cunha e outros e continuando como colaborador financeiro e com artigos o Jayme Aguiar.

Nessa mesma década entre 1920 e 1930 começa a haver a circulação de comunicações entre a imprensa negra norte-americana e a imprensa negra brasileira, circulação que começa a ocorrer entre a diáspora negra, evidenciando o intercâmbio entre o Brasil e os EUA. Era um interesse dos intelectuais negros norte americano nas relações raciais no Brasil, acreditando na possibilidade de ser uma nação onde após a abolição da escravidão, a sociedade alcançou a tão desejada igualdade racial. Momento em que não só a informação circula como estabelece uma relação próxima, entre os intelectuais das duas nações, fazendo circular ideias, informações, projetos de lutas, estratégias, principalmente através das correspondências dos jornais que atravessavam os oceanos, circulando de uma nação para outra. Para a época o meio principal de transportes dos correios era por mar através dos navios, e essas informações levavam tempos como meses entre um porto e o outro. Contudo não reduzia a capacidade de mobilização e comunicação. Pelo contrário. Estabeleceu um poder maior de mobilização para as duas nações, inclusive fazendo surgir no Brasil a primeira organização política da mobilização de raça, a Frente Negra Brasileira na década. O que podemos considerar a primeira instituição de mobilização negra no Brasil, de estrutura nacional, com muitos membros e criando canais de diálogo entre o Estado brasileiro e a população negra, envolvendo cultura, postos de empregos, educação e reivindicação de direitos (PEREIRA, 2013, p. 150).

Na articulação de informações entre a imprensa negra brasileira e a imprensa negra norte-americana, se dá pela relação entre os jornais *O Clarim d'Alvorada* e o *Chicago Defender*, e entre o fundador e editor do *Chicago Defender* Robert Abbot e fundador e editor do *O Clarim d'Alvorada*, José Correia Leite. Um envia para o outro o jornal e fazem circular as ideias, e os projetos de ambos os lados. Ao mesmo tempo em que era também um aprendizado e uma compreensão mais ampla da questão racial num patamar internacional de compreensão pós-colonização e pós-abolição, dialogando então com os territórios africanos ainda ocupados pelo imperialismo colonial. O intermédio entre Robert Abbot e o Correia Leite se deu pela colaboração do padre Olímpio de Castro no Rio de Janeiro.

De um encontro no jornal de um grupo de baianos, que se prontificaram em colaborar com o jornal, *O Clarim d'Alvorada* ficou com representantes na Bahia, sendo eles Alcino dos Santos e João Sótero da Silva. Através deles Correia Leite teve contato com o poliglota Mário de Vasconcelos, tendo então maior conhecimento do movimento pan-africanista, e do movimento do Marcus Garvey. Essa articulação se dava por meio do Mário de Vasconcelos que mandava materiais do movimento negro nos Estados Unidos e de outras partes, já traduzidos para o jornal, dando assim origem as publicações dos artigos de Marcus Garvey e outros intelectuais negros norte-americanos e caribenhos. Assim apresenta preocupação do jornal a luta anti-racista de cunho nacionalista, porém com visão internacionalista, e que este material o jornal *The Negro World*, pudesse contribuir com a conscientização de raça no Brasil e sua mobilização. Leite declara que:

Então por intermédio desse Mário de Vasconcelos, O Clarim d'Alvorada ficou sabendo dessa movimentação norte-americana. (...) Eu sei que o grupo garveysta d'O Clarim d'Alvorada era reduzido, não afetava muito. Nós fizemos uma seção dentro d'O Clarim d'Alvorada com o título "O Mundo Negro" que era justamente o título do jornal que o Marcus Garvey tinha nos Estados Unidos: "Nigro World". A gente publicava todo o material que o Mario de Vasconcelos mandava. E foi esse propriamente o primeiro contato que O Clarim d'Alvorada teve nesse sentido (LEITE & CUTI, 1992, p. 78).

Providenciam assim uma coluna específica para abordar o tema da luta anti-racial internacional a partir de Robert Abbot, um colaborador internacional, através do padre negro provedor da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito, do Rio de Janeiro, o padre Olímpio de Castro, embora o padre já fosse um colaborador com poesias para o jornal. Na mobilização do movimento negro a reivindicação de um monumento em homenagem à Mãe Negra, razão pelo qual após a visita de Robert Abbot ao Brasil, e sua visita ao Rio de Janeiro e a São Paulo, fizesse com que ele encontrasse no padre negro a fonte necessária de contato entre

ele e as informações sobre a mobilização em torno da homenagem por qual muito se interessaram. O padre Olímpio de Castro entrou em contato com Leite para obter as informações para Robert Abbot. Desse intermédio no interesse de Abbot se deu a troca de jornais entre o *Chicago Defender* e *O Clarim d'Alvorada*, e a circulação de ideias e informações (CORREIA & LEITE, 1992).

Simultaneamente ocorre a articulação entre jornais da imprensa negra norte-americana e brasileira e o conhecimento do movimento pan-africanista e garveysta por Leite e as publicações no jornal. Leite reconhece sobre o movimento garveysta, que:

O movimento garveysta entre nós ficou restrito, mas serviu para tirar certa dubiedade do que nós estávamos fazendo. Procurávamos fazer doutrinação, uma espécie de evangelização. As ideias do Marcus Garvey vieram reforçar as nossas. Com elas nos criamos mais convicção de que estávamos certos. Fomos descobrindo a forma sutil do preconceito brasileiro, a maneira de como a gente era discriminado. (LEITE & CUTI, 1992, p. 81).

Essa articulação entre duas nações com os jornais da imprensa negra deu mais reconhecimento para o jornal *O Clarim d'Alvorada*, e não poderia ser diferente com o seu modelo de atuação. O jornal cumpria um propósito político de conscientização e socialização negra para os negros, era em prol da raça. Mais cedo ou mais tarde, implicando a recepção pan-africanista no Brasil, pois a luta anti-racial era internacional. O mesmo conflito político, socioeconômico e cultural se dava nas ex-colônias, em graus diferentes de acordo com a postura de cada nação, porém eram reais. E podemos afirmar que ainda hoje o são.

O Pensamento Pan-Africanista ganha aceitação no Brasil, trazendo através do jornal *O Clarim d'Alvorada*, em sua coluna *O Mundo Negro*, abordando como se deu essa recepção, quais os principais temas abordados, e qual era o diálogo entre a coluna e o Pensamento Pan-Africano. Como os intelectuais entre Leite e seus colaboradores apresentavam o pan-africanismo no Brasil, e para época, como já visto acima, o momento do qual o pan-africanismo passa a ser publicado pelo jornal, estavam ligadas diretamente as concepções intelectuais de Marcus Garvey e ao movimento garveysta. Na década de 20 do século XX, Marcus Garvey era um dos principais intelectuais e ativista do pan-africanismo, acompanhado pelo seu principal intelectual W.E.B Du Bois.

O papel político do jornal, mesmo do jornalismo como um meio de difusão ideológica, ou mesmo informativo, numa via de construção de saberes já existentes, porém negados que precisa de um canal de divulgação, que por meios do jornal ocupa um lugar peculiar na sociedade no meio das populações negras. Ou seja, *O Clarim d'Alvorada* ocupa essa característica política,

e a coluna, a circulação de saberes já sistematizado, num saber que proporciona conhecimento negro, do mundo negro para o negro, e que vem a formar sujeitos capazes do confronto com a falsa realidade social de igualdade racial que é negada, e ao ser negado dialeticamente se reafirma. Mas impede de ser debatida com frases prontas de um discurso branco que mascara o racismo, negando a existência de uma relação social estabelecida que tenha por interesses dominantes a sua manutenção. Diante disso negar o racismo, é negar a pôr um fim numa relação desigual que apenas a um grupo beneficia.

O jornalismo também é um instrumento de classe, seja ela burguesa, proletária, negra, ou indígena, ela é definitivamente uma ferramenta não só de circulação de ideias, mas de propagação de uma ideologia, que pode ser inclusiva ou exclusivista, que pode fomentar a igualdade ou a desigualdade. O jornalismo tem um caráter de formação de opinião, nesse sentido ele é um instrumento de poder, poder de mobilizar, de moldar, de incitar, projetos de dominação ou de superação da dominação, pode encontrar no jornalismo a sua ferramenta política de atuação e poder. Porém a função crítica e política da imprensa na década 20 e 30 do século XX teve como um de seus panteões o José Correia Leite e o Jornal *O Clarim d'Alvorada*. Rosa reforça essa ideia quando diz que:

Quando compreendido o contexto em que o racismo e as desigualdades raciais se operacionalizam, a produção da imprensa negra cresce em importância e significado frente ao poderio ideológico, cultural, político e econômico ao qual se contrapõe. (...) Os jornais da imprensa negra passaram a ser o canal de comunicação no qual o “protesto se faz ouvir” (...) verifica que a imprensa negra procurava “reunir os negros que haviam dispersado, conscientizá-los e reivindicar a participação sócio-política e econômica” e estava comprometida com o “esforço de unir os negros em favor de uma causa comum” (ROSA, 2014, p. 559-560).

O papel colaborativo da imprensa negra brasileira, em grande parte a imprensa negra paulista era focado na melhoria social do negro em todos os aspectos possíveis, para a ascensão da raça negra no Brasil, e sua total integração a sociedade da qual ele teve papel importante na construção, mas que lhe é negado o papel e a importância. Nesse sentido político, crítico, informativo e reivindicativo a imprensa negra traça a sua trajetória e particularmente aqui nesta pesquisa o jornal *O Clarim d'Alvorada* tem um papel central na imprensa negra nas primeiras décadas do século XX, na perspectiva nacionalista, e na perspectiva internacionalista com a coluna *O Mundo Negro*.

A partir da imprensa negra paulista se inicia um “movimento de identidade étnica”, e o enfrentamento da impermeável imprensa branca aos anseios reivindicatórios da comunidade negra

brasileira, onde os sociólogos Roger Bastide e Florestan Fernandes, classificam a imprensa negra paulista como “imprensa adicional”, por conta do tríplice desdobramento, como instrumento de reivindicação, solidariedade e de educação (ROSA, 2014:561-562). A partir do domínio da técnica jornalística e do uso da esfera pública a imprensa negra enuncia-se de um discurso dissonante da imprensa branca brasileira e de seu discurso hegemônico, que promove o apagamento e o silenciamento do negro da sociedade brasileira. Logo, o combate ao racismo tem no jornalismo do início ao meado do século XX uma ferramenta fundamental.

IV - RECEPÇÃO DO PAN-AFRICANISMO NO BRASIL, PELA IMPRENSA NEGRA PAULISTA ATRAVÉS DO JORNAL “O CLARIM D’ALVORADA”.

Na primeira fase do jornal *O Clarim d’Alvorada*, os seus jornalistas e os seus colaboradores com matérias e artigos, tratavam das causas de interesses dos negros, em debates mais políticos e moralistas de condutas adequadas. Era sempre baseado na conduta do negro, no seu comportamento e todo o mal que a raça negra sofria. Os textos apelavam para uma conduta moral elevada, para que o negro deixasse de ser motivo de escárnio do branco e da sociedade, apresentando por assim dizer, como salvaguarda do comportamento moral dos negros. Tinha o debate do “problema do negro”, e como se esse problema só pudesse ser resolvido pelo próprio comportamento dos negros. Nessa perspectiva para o jornal zelar pelos negros, lhes apresentar negros heróis na história, trazer os abolicionistas sempre como matéria para apresentar homens negros de grande valor e importância, tinha a ver com elevar o valor e a autoestima da população negra.

O uso da meritocracia estava presente em cada discurso, principalmente na preocupação que traziam dos negros que se envolviam com álcool e promiscuidade. Pontos de extrema desaprovação para os ativistas negros do jornal que tomavam esses problemas com álcool, promiscuidade, e os negros “vagabundos” (desempregados em praças públicas), e do que mais se fala nas matérias do jornal era a falta de união da raça, como problemas da raça e daí a causa do racismo que sofriam. Será interessante trazermos aqui alguns trechos de matérias entre 1924 a 1927;

Um dever urge, portanto, zelar pela nossa raça, em reuniões mais frequentes nas associações, afim de se tratarem com seriedade dos interesses mais inadiáveis e palpitantes. Relembremos, mais uma vez, que não temos união. Tratemos de conquistá-la! Assim dentro em breve, seremos tão felizes como as outras raças, que são respeitados e progressistas, mercê dos seus próprios esforços. (CINTRA, 1924, p. 03. *O Clarim d’Alvorada*, Um dever, março de 1924).

(...) Jim de Araguay e Leite, tratavam em silêncio de pôr em prática os seus intentos; era o da fundação de um porta voz, que tivesse por dilema, defender os interesses dos seus irmãos, determinando-lhes o bom caminho, que demonstrasse as necessidades de se unirem para uma nova vida, vida tal e qual têm os outros povos progressistas numa epopeia valorosa. (...) *O Clarim d’Alvorada* a de compartilhar também com o seu franco apoio de iniciador, com imenso prazer, para o engrandecimento da nossa raça que é

incontestavelmente um dos primeiros obreiros desta terra valorosa de Santa Cruz. (AGUIAR, 1925, p. 01. O Clarim d'Alvorada, Nosso aniversário 25 de janeiro).

Nesses trechos de comemoração do jornal de um ano, fica evidente a sua principal razão de existir, que é o de unir a raça negra, lhes cobrar uma conduta adequada, boa educação, e boas maneiras em seus comportamentos cotidianos. Há uma necessidade de que os negros se comportem como os brancos, porque é o comportamento do branco o comportamento normativo e aceito, como o comportamento a ser praticado e seguido. Logo quanto mais parecido com o branco melhor será o negro aceito na sociedade atual que é interpretada pelos intelectuais do jornal dessa forma.

Educando e instruindo os nossos irmãos de cor, conseguiremos vencer os escólios que cercam a mão do nosso futuro concorrendo de modo digno para a grandeza de nossa pátria material ou intelectualmente. Eis o atalho em que devemos penetrar. (...) Basta pensarmos na decadência em que nos achamos para que com esperança e indômita energia iniciarmos a luta pacífica contra os preconceitos que nos oprimem. (BOOKER, 1925, p. 02. O Clarim d'Alvorada, Água mole em pedra dura, Bate bate, mas não fura! 25 de janeiro).

Vivemos sem lar; não é por falta de capacidade nem tão pouco por falta de inteligência; é apenas em virtude de não existir entre nós uma completa união. (...) Todos nós, sem exceção, precisamos cuidar dos nossos interesses sociais, das nossas tradições tão belas e do futuro dos nossos filhos, afim de quando homens sejam conhecedores perfeitos dos direitos que tem os homens unidos. (LEITE, 1925, p. 03. O Clarim d'Alvorada, Vivemos sem lar, 25 de janeiro).

Vemos em suas matérias a afirmação da educação e da união como projetos prioritários para a melhoria material e social dos negros. Entende que a educação promove conhecimentos para profissionalização e transformação em cidadão, sendo o negro estudado e qualificado ou capacitado para serviços mais nobres. Mas a união é de fato algo para qual o jornal atenta a cada edição com projeto a ser alcançado para raça e a fundação de uma instituição que trabalhe em prol dos negros, desde projetos de educação, saúde, emprego, moradia, capacitação profissional, etc.

Busca-se constituir no seio da sociedade civil uma entidade que cuide dos interesses do negro diante da sociedade civil e do Estado, que reivindique direitos, que cobre dos negros e do Estado ações concretas para a integração do negro na nova sociedade em progresso dentro do sistema capitalista de desenvolvimento econômico. Ao observar os primeiros exemplares percebe-se que a meritocracia está nos discursos, dos intelectuais do jornal, - sem ter conhecimento do conceito - onde se acreditava que o progresso negro dependia da busca pelo seu desenvolvimento, social e material, pela educação, pelo emprego, e pelo comportamento. Não se compreendia a

miséria do negro, seu analfabetismo, seu desemprego, seus vícios (o alcoolismo, por exemplo), como resultado de um processo de desvalorização do negro, como um projeto político institucionalizado e estrutural.

O governo não era visto como culpado do racismo, ou mesmo da miséria na qual vivia a maioria, ou quase a totalidade da população negra brasileira. Como podemos ver em alguns textos.

Temos o governo que nos auxilia tanto; porém, bem pouco são os que procuram compreender tudo isso! (...) Então, quando conquistarmos essa grande vitória, poderemos proclamar altamente e com orgulho: conquistamos enfim, os nossos merecidos louros, após trinta anos de atraso! (...) Necessário é que, os que tem posição social, recordem-se que há vários patrícios nossos em completa miséria. (...) A quem é que deveremos pedir por esses pobres infelizes, a não ser aos caridosos e conhecedores dos sofrimentos desses deserdados da sorte? (CINTRA/AGUIAR, 1924, p. 1-2. O Clarim d'Alvorada, De que necessitamos, junho 1924).

Compreendem os intelectuais, ativistas e jornalista do jornal com o tempo de atuação na luta em prol da raça negra, e a sua articulação, ou seja, com a circulação de informações de fora do Brasil para a imprensa negra paulista e do Brasil para fora, que se fazia necessário olhar a questão racial no Brasil de forma mais crítica politicamente veiculando o Estado num projeto político de opressão e repressão ao negro brasileiro. Como podemos ver nesse periódico, levantar a questão de gênero, mesmo sem essa definição conceitual e de categoria de análise, mas abordar a degradação da mulher negra brasileira em duas importantes fases da vida; a juventude com a promiscuidade e vício e a velhice com o desamparo e vício. Vejamos

Um dos pontos mais triste, que sempre contemplamos em todos os recantos da nossa Paulicéia, é sem dúvida a decadência da mulher preta. Quantas vezes deparamos, em pleno coração da cidade, com patrícias errantes, arrastando imundos trajes, dominadas pelo maldito álcool... Tudo isso poderia ser evitado; se possuíssemos uma união verdadeira, um Centro composto de senhoras que se interessassem por essas vítimas de ilusões e da maldade do mundo. Existem em nossa capital vários asilos, e felizes são essas que conseguem ir para lá; porém nossas patrícias, que muitas vezes as contemplamos arquejantes pela avançada idade, se não tiverem uma proteção, morrem à mingua. (...) Então havemos de observar que se diminuirá aos poucos esse grande mal, que impera em nossa raça; a decadência, que parece querer nos dominar. (LEITE, 1924, p. 01. Jornal O Clarim d'Alvorada, Decadência, outubro de 1924).

A luta em prol da raça negra travada pelo jornal *O Clarim d'Alvorada*, fazia com que quanto mais experiência e conhecimento adquirem seus jornalistas, mais críticos iam ficando suas matérias, pois seus colaboradores também ativistas negros eram também atuantes em outros jornais. Acabavam assim por promover uma articulação entre vários jornais da imprensa negra e

de fato isso contribui para um amadurecimento da equipe do jornal. Surgem textos que se preocupam com uma análise mais apurada, como esse do Ejalves.

No Brasil, há duas classes que combatem corpo a corpo; porém, não é a branca e nem a preta – é o capital privilegiado e o trabalho escravo. É necessário que nós pretos esqueçamos da cor, e tenhamos na mente, que somos os produtores, os escravizados, os espoliados, os sacrificados, os infelizes, enfim somos aqueles que trabalhamos para a grandeza da pátria; mas, em primeiro lugar para o enriquecimento de meia dúzia de exploradores privilegiados; sejam eles brancos ou pretos. (...) Por isso, nós trabalhadores devemos unir para combater os que gozam o capital privilegiado, embora sejam da nossa cor. (...) Diz ainda o digno redator da *Folha da Noite*, único órgão mais independente desta capital, nós trabalhadores pretos devemos formar ao lado de nossos irmãos trabalhadores brancos, na conquista da liberdade, que não nos veio em 88 e que só poderá ser conquistada a golpes de pensamentos; de devotamento, de sacrifícios até com o próprio sangue. (EJALVES, 1924, p. 03. O Clarim d'Alvorada, o inimigo do preto é o preto! maio 1924).

Vejamos que embora tenha certo cunho marxista, é de fato uma crítica aos negros que conseguem uma posição social igual aos dos brancos, e que, no entanto no quesito das exceções as regras, esses negros, mesmo em posições socialmente superior a maioria de seus irmãos de cor, nada fazem em prol raça a qual pertence, e seguem fazendo exatamente como os brancos que exploraram e continuam a explorar os negros. Como o racismo é negado na sociedade brasileira, alegando uma igualdade racial na prática inexistente, esse conflito de fato não se evidencia em confronto aberto e legítimo na sociedade, - é o problema do negro, para o negro resolver - tendo por ora apenas declarado uma luta do proletariado contra a burguesia. Por serem as lutas socialistas e comunistas que já avançam no Brasil, inclusive com a imigração dos europeus que já viviam essa realidade política e cultural em seus países de origem.

Essa é uma inquietação dos membros do jornal, inclusive gerando várias críticas aos irmãos de cor que se embranquecem na ascensão social e viram as costas para seus irmãos, a ponto de ignorá-los e achincalhá-los. Isso reflete uma negação do preto que ascendeu de sua própria raça e cor, e a tentativa desesperadora de ser reconhecido como branco, e assim sendo, implica em estes se afastarem de seus irmãos de cor e estarem sempre rodeados por brancos e em locais de brancos onde a esses são permitidos a entrada. Há um afastamento geral da causa e luta racial, visto que estes que ascendem inclusive são oprimidos a negarem o racismo pela sua própria ascensão, e oportunidade de trabalhar e conviver com os brancos, logo não falar de racismo já é de pronto uma imposição silenciosa no meio para o preto.

Leite em todo momento tenta em seus textos promover discursos de valorização da raça negra, e a convocação dos irmãos de cor de se unirem para criarem uma fundação de negros para negros, que tenha função social e político de atuação na sociedade, se espelhando aos lutadores pela liberdade como Zumbi e a formação de Palmares, as lutas dos abolicionistas e da grandeza histórica da luta de resistência da raça negra. Num de seus textos para o jornal ele intitula o *Valor da Raça* e descreve um pouco dessa luta.

Se analisarmos o valor dos nossos antepassados, veremos, através da história, a sublime coragem de uma raça que, embora escravizada, não se deixaram dominar na luta, em conquista de seus direitos. (...) Quantas gotas de lágrimas, custou a liberdade àqueles pobres mártires, que foram um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem de nossa pátria. O Bom nome da nossa classe, depende do nosso procedimento. É nosso dever o de introduzir na evolução social o valor da nossa raça. (LEITE, 1924, p. 01. O Clarim d'Alvorada, Valor da Raça, abril de 1924).

Têm muito conteúdo importante em cada periódico para análise, embora o meu objeto aqui seja a recepção do Pan-Africanismo, faz-se necessário demonstrar um pouco dos artigos trabalhados no jornal até o momento que começam as articulações com a imprensa negra de fora do Brasil. Há um momento do qual, o jornal fala ainda sem muito conhecimento, sobre a luta racial no exterior, tendo um periódico que cita inclusive o desconhecimento do debate que se trava sobre a questão lá fora. Leite em seu artigo no jornal intitulado *O verbo do preto*, afirma:

É necessário que desapareça de uma vez para sempre a falta de união em nosso meio, pelo contrário, seremos sempre desprezados. Muitos patrícios a que se admiram do grande Congresso de pretos que dentro em pouco se reunirá na América do Norte; falam, discutem sobre o assunto; porém, de que forma? Não o sabemos! (LEITE, 1924, p. 03. O Clarim d'Alvorada, O verbo preto, dezembro de 1924).

O conhecimento de atividades a nível nacional e internacional de articulação de homens pretos, que unidos se mobilizam e organizam na sociedade, proporcionam eventos que traz para o cenário político, científico, econômico e cultural, a questão racial e a degradação a que vive as populações pretas pelo mundo. Levantando como pauta política de reivindicações de direitos e reparos, além de muitas outras questões pertinentes a desvalorização da raça em prol da exploração do negro escravizado e da sua desumanização com extrema violência promovendo a degradação da raça em prol do desenvolvimento capitalista na sua expansão imperialista. Mas os membros do jornal ainda desconhecem as pautas, as principais personalidades, contudo, aqui já demonstram um sério interesse de conhecer o que se passa e de se inteirar dos acontecimentos sobre a luta racial fora do Brasil, e trazer dessas lutas o que puder contribuir com a luta aqui. No momento desse

artigo de José Correia Leite, final de 1924, mais precisamente em dezembro, já se passou pelo Congresso Pan-Africano em 1923, este já sendo o terceiro, e está sendo articulado o quarto, que só vai acontecer em 1927.

Como uma das principais análises do jornal era a vida dos pretos na própria cidade de São Paulo, a união é fundamental na concepção dos fundadores do jornal, mas não só, pois tomam o negro como responsáveis em parte pela sua própria degradação atual. Num contexto político após a terceira década da Lei Áurea, lutar por uma solução para essa realidade é o que faz surgir e sobreviver com todas as dificuldades o Jornal *O Clarim d'Alvorada*. Educação como ponto chave de superação das desigualdades entre negros e brancos, a fim de desconstruir o papel de marginalizado e de inferiorizado que é atribuído ao negro, mas compreendendo estes que o negro tem certa culpa em se encontrar nesta situação.

Não falam da culpa governamental, ou de um projeto político de racismo, mas toma o negro como o culpado de ser taxado como tal por uma conduta de desvalorizar os valores, e simbolismos eurocêntricos, burguês e branco. Tomam que o negro precisa formar uma identidade, mas uma identidade igual e pautada pela do branco. Não são capazes, não ainda, de perceber a política ou o projeto institucional de invisibilizar o negro, e a sua negação como cidadão brasileiro, ou cidadão de iguais direitos aos demais grupos sociais brasileiro. É como se os preconceitos pudessem desaparecer apenas com os negros se comportando iguais aos brancos. No entanto é de certa forma a aproximação com a imprensa negra estrangeira e com os intelectuais do movimento Pan-Africanista que possibilita um olhar para a questão racial, e a mobilização para combatê-la de forma diferente. Inclusive será no momento de maior acúmulo de conhecimento da causa racial entre Brasil e o exterior que possibilita a união da raça e a criação de uma entidade a nível nacional que represente os negros e que por eles lute, fazendo uma frente em prol dos interesses da raça. Somando-se já ao tempo da militância negra isolada por comunidades e cidades, levando em consideração a dificuldade e a demora das vias de comunicação para a época.

Quando os membros do jornal exaltam a raça, e afirmam que nesta sociedade sem união, a raça sucumbiria, deixa evidente a força da raça na formação da terra de Santa Cruz. É necessário agir pensando no futuro das gerações, nos interesses sociais, nas tradições da raça ao lutar para que as novas gerações sejam conhecedoras de seus direitos, como homens unidos têm. Como construtores desta terra, precisam lutar para fazer parte desta sociedade, que os delegam as margens. Há uma consciência múltipla, que afirma dialeticamente; 1ª esta terra se forma e enriquece com a exploração do trabalho do negro; 2ª somos parte desta terra; 3ª somos negados

como membros cidadãos desta terra; 4ª logo precisamos lutar por conquistar nosso lugar de direito nesta terra.

Assim sendo, o negro é cidadão brasileiro, mas precisa provar ser, e provar ter sido, importante na formação do Brasil. Há o discurso que o Brasil é formado pelas três raças para negar o racismo, porém na prática só o que o branco construiu é importante. Essa é a análise que Leite, expressa em quase todos os seus artigos publicados no jornal, isso para não generalizar, até o momento que se dá a articulação com outros jornalistas, também ativistas, intelectuais, que se mobilizam através dos jornais, revistas, livros e artigos científicos, acadêmicos e políticos em escala internacional.

Booker é um dos colaboradores e escritores do jornal, - ganhou nota no jornal de novo colaborador no exemplar N12 de comemoração de um ano em janeiro de 1925 - que sempre levanta a questão da falsa inferioridade do negro, e traz muitas das informações dos negros e das civilizações da África. Ele ora e outra traz textos com exemplos vivo de personalidades negras famosas pelo mundo, em diversas áreas profissionais, como artes plásticas, medicina, criações tecnológicas. É a busca de informações sobre os negros fora do Brasil, para que estes sirvam também de exemplos inspiradores para mobilizar os jovens, para se unirem a causa.

No final de 1925, tentam convocar os jovens para formarem um *Congresso da Mocidade dos Homens de Cor* e convocam os jovens para que se possa tirar no congresso lideranças negras a instituir uma organização da raça. Se cogita, afirma Leite, a fundação de um partido político de homens negros, no seu artigo intitulado *Esmola* no periódico de N16, publicado em 15 de novembro de 1925. Leite nesse sentido vem travando também a convocação para a construção de sociedades beneficentes que possa atender certas necessidades para o combate de mazelas da população negra. No entanto, faz a crítica da dificuldade que é de angariar fundo para esse trabalho, enquanto para as sociedades de bailes os irmãos se unem, porém não para a fundação de uma sociedade beneficente,

Entretanto, quando surge uma ideia, para fundarmos uma sociedade beneficente, todos para assim dizer, apresentam desculpas, mas para um festival dançante, dezenas de mil réis são destinados sem hesitar; depois gritamos em altas vozes, nada possuímos, há preconceitos de raça e que ainda não somos livres. (LEITE, 1926, p. 03. O Clarim d'Alvorada, Moços de hoje..., julho de 1926).

É Gervásio de Moraes, um fervoroso crítico, com um apanhado de informações internacionais, que em seu artigo intitulado *Inquisição Moderna*, no periódico de novembro de 1926, que nos apresenta Robert Abbot do *Chicago Defender*, que vem ao Brasil discutir, com

intelectuais e ativistas brasileiros, a questão racial na América do Norte. Moraes comenta sobre a presença de Abbot aqui, no momento em que ele já está retornando para a América do Norte, antes de fecharem com o jornal *O Clarim d'Alvorada* o intercâmbio de comunicação e informações através do envio dos jornais um para o outro. Gervásio Moraes se mostra crítico das ideias como ele mesmo chama em seu artigo “Abbotina”, pois compreende o racismo nos Estados Unidos como um mal definitivamente muito maior do que no Brasil, e não aceita a ideia de se unirem como pretos contra os brancos. Moraes não acredita ser o racismo culpa dos brancos.

Logo, não os toma como inimigos como ocorre na América do Norte, que tem no branco seu inimigo direto, e a necessidade de confronto direto com os brancos. Inclusive ele mesmo cita muitos dos males raciais que existem na América do Norte, ao fazer duras críticas ao país do discurso da “liberdade” construindo uma estátua que a representa, sendo o país que se desenvolveu a ponto de ser referência em desenvolvimento econômico mundial. Apesar disso, ainda existe tal coisa absurda como a segregação racial, e grupos religiosos de extermínio dos negros como a Ku-Klux-Klan. Moraes acredita que diante desse quadro descrito por ele em seu artigo, que as ideias abottinas não tem nada para nos oferecer. E declara;

Do formidável país de Lincoln, daquela nação sólida e viril, de férrea vitalidade econômica, não nos servem os credos e doutrinas sociais. A ideia Abbotina, importando capacidades negras para a separação racial no Brasil, equivale a uma disjunção dinâmica e violenta. (MORAES, 1926, p. 02. *O Clarim d'Alvorada*, A inquisição moderna, novembro de 1926).

Leite também se manifesta sobre as ideias dos patrícios da raça de fora do Brasil, e toma-os como os abolicionistas modernos. Entende que infelizmente a desunião do povo negro brasileiro se dá justamente no discurso da falsa igualdade racial, e de o negro brasileiro ter o “direito” de acesso aos espaços dos quais os brancos também tem e quando alguém o impede de adentrar, não ser por uma lei imposta, mas se deve ao atendente “mal educado e grosseiro”. Quase dois anos após a fundação do jornal, Leite e os membros do jornal se apresentam muito mais perspicazes. Nesse mesmo periódico que Moraes faz a crítica as ideias Abbotinas, Leite com seu artigo, *Quem Somos...* afirma

O único interesse que os humildes dirigentes do Clarim têm em mira, é o reerguimento moral da classe preta, desta capital e fora dela. (...) Não somos os únicos a falar a verdade, mas também não somos obrigados a ser solidários aos nossos patrícios, isto é, esses que caminham na rota das grandes ideias, e que são os verdadeiros apóstolos, os abolicionistas modernos. O dia que formos ou que os nossos patrícios forem coagidos em nossos direitos

de bons cidadãos brasileiros que somos; então sairemos da nossa obscuridade com nossa pena que nunca se inflamou contra essa tirania fantástica. (LEITE, 1926, p. 03. O Clarim d'Alvorada, Quem somos..., novembro de 1926).

O jornal está começando sua relação com outras ideias, outros intelectuais e outros ativistas da raça, que por serem de outras sociedades tem especificidades e ambientes diferentes do Brasil. Nosso país tem de fato no continente americano uma relação étnica racial diferente dos demais países. Não só por ter comprado metade dos negros escravizados encaminhados para a América, como um vasto territorial, e também a diversidades de sociedades indígenas existentes. Somado a uma ocupação de exploração e dominação, diferenciando-se dos outros dois países de vasto território como Canadá e os Estados Unidos que foi de ocupação para construção de uma nova sociedade. Embora tenham se utilizado do sistema escravocrata para o desenvolvimento econômico da formação das novas sociedades sobre as terras e povos indígenas originários.

A segunda fase do jornal se dá a partir de 1927, momento também de maior consciência política de seus membros e colaboradores, evidenciando a partir destes periódicos, artigos mais críticos, mas, mais críticos sobre o governo e sua atuação, sobre autoridades, sobre lideranças, etc. No exemplar de comemoração de três anos do Jornal *O Clarim d'Alvorada*, em janeiro de 1927, surge uma matéria exclusiva falando do continente negro, intitulado *O Continente Negro*, falando exatamente da África, de autoria de Booker. Um dos poucos negros na época com formação universitária, Booker era formado em direito, se tornando colaborador do jornal em janeiro de 1925. Faz referência a África e a algumas importantes personalidades do continente negro, trazendo a África para a pauta do jornal, apresentando o conhecimento das origens de uma população, que não sente mais nenhum apreço pelo seu passado, nem seus antepassados.

A história completa e sincera do que foi a África está oculta aos povos modernos pela miserável influência americana. Entretanto, já os romanos diziam sempre que nova ex África sempre alguma coisa nova vem da África. Assim, deixavam patente o justo valor dos pele-negras. Manancial inesgotável de riquezas, é a África a única tábua de salvação da Europa. (BOOKER, 1927, p. 04. O Clarim d'Alvorada, O Continente Negro, janeiro de 1927).

O jornal apresenta, no ano de 1928, uma nova fase, zerando seus periódicos e começando do um, considerada pelos membros do jornal de segunda fase, inclusive registrada na capa do jornal desta maneira, já se apresentando em subtítulo *Pelo interesse dos Homens Pretos, Noticioso, Literário e Combativo* e depois como *Órgão da Raça Negra*, e de propriedade de uma sociedade, tendo como gerente Luiz de Souza.

Durante todo o início do jornal podemos ver em seus artigos, o uso muito mais frequente de classe do que raça, e do uso de homem de cor, irmãos de cor, patrícios de cor e pretos, e raríssimas vezes negra ou negro para distinguir a raça. Todavia, a partir dessa nova fase do jornal, seus membros passam a usar os termos mais conceituais, ou por assim dizer mais teórico, como que se trabalhando com uma identidade étnica racial, dentro de um discurso político e científico, já baseada nas concepções internacional da luta racial. Leite para não generalizar, quase nunca se referia a palavra negro, ou negra, mas os termos para identificação eram de preto, de cor, da classe.

A partir desde momento estão falando também através de novos pensamentos que é a corrente Pan-Africana dos intelectuais negros norte-americanos, caribenhos e africanos. Podemos notar pelos colaboradores, já no período de 1927, um anúncio da temporada mais combativa e muito mais crítica, em processo de intercâmbio com a imprensa negra de fora do Brasil. Ainda no terceiro ano de aniversário do jornal, – considerando toda a caminhada - com Moraes, Booker e Veiga dos Santos já utilizando a palavra “negra” para definição da raça. Como por exemplo, aqui essa afirmação de Arlindo Veiga dos Santos – que virá a ser um dos fundadores e o primeiro presidente da Frente Negra Brasileira que nascerá em 1931 – onde ele diz; “A situação da Gente Negra Brasileira, parte integrante do todo nacional brasileiro definido pelo sangue em grande parte, e mais talvez pelos ideais pátrios, é de um diferente social, criado por preconceitos sociais e políticos” (SANTOS, 1927:05).

O ano de 1927 foi um ano de transição para a segunda fase do jornal, abrindo novos rumos, e expansão de área de atuação e abrangência do jornal, passando da simples finalidade jornalística nacional, para uma abordagem de acontecimentos e personalidades internacionais dentro da questão racial.

A defesa do jornal, dos intelectuais que lutam pela causa, abdicando muitas vezes de sua própria vida em prol da causa, são alvos de calúnia, difamação e desmoralizações por parte da imprensa tradicional e até mesmo da imprensa negra descompromissada com os irmãos de cor, conforme avança a luta racial de parte da imprensa negra. O surgimento de novas ideias dos intelectuais negros de fora do Brasil, faz com que o jornal assuma uma postura crítica em defesa. A postura desses jornais descompromissados com a causa, é duramente criticada pelo jornal *O Clarim d'Alvorada*. Principalmente na imprensa negra, uma vez que ao desvalorizar os irmãos intelectuais negros que dão a vida pela causa da luta contra o racismo e de desenvolvimento social para elevação moral e material da raça negra, acaba por propagar na sociedade a maior desvalorização do negro, atitudes praticadas também por negros. Por promover ainda mais uma

imagem de desunião da raça, e deslegitimando uma luta necessária e legítima dos negros brasileiros em permanente situação de miséria e degradação humana.

Nesse sentido *O Clarim d'Alvorada*, têm um papel fundamental de combate a essas injúrias e apresenta a voz desses intelectuais negros através do jornal e de sua equipe. Gervásio de Moraes no seu artigo intitulado *Um ídolo que fala*, e *Observai*, de Luiz de Souza do periódico de março de 1928, abrindo a primeira página do jornal afirmam;

E mais a nossa admiração se avoluma, quando pretendemos estudar compreendendo, qual seria o gesto do ídolo, como lutador, como homem de letra, como negro e como brasileiro que pensa e realiza, ao sentir esse formidabilíssimo erro de seus engraçados protetores que chegam mesmo a sacrificarem um princípio, um ideal enorme e sacrossanto esmagando estupidamente a própria dignidade revoltando-se contra seus irmãos também quando estes vem de marchar através mil vicissitudes, para erguer bem alto o nome de um povo, portanto, parte integrante de uma raça que é a negra! (MORAES, 1928, p. 01. *O Clarim d'Alvorada*, *Um ídolo que fala!* Março de 1928).

Há muito que venho notando um certo descaso entre os nossos patrícios sobre os que vem lutando intelectualmente, sem medir esforços para engrandecimento da nossa raça que caminha errante para a ignorância, não obstante, alguns dos nossos batalhadores incansáveis em suas orações fervorosas, mostrar-lhes as necessidades que passamos e a grande falta de união existente entre nós. (SOUZA, 1928, p. 01) (*O Clarim d'Alvorada*, *Observai*, março de 1928).

Logo a atuação do jornal se posicionando como críticos dos que discursam contra os próprios irmãos de cor, e muitas vezes sem o devido conhecimento para poder opinar, tomam a equipe do jornal como má conduta e prejudicial a luta da questão racial no Brasil. Neste mesmo periódico citado acima tem o direito de resposta, o orador Vicente Ferreira do Rio de Janeiro, que ao fazer críticas a alguns ativistas negros de São Paulo, gerou retorno de Correia Leite acabando por se tornar uma relação de luta, jornalismo e amizade entre Leite e Ferreira. Ao vir para São Paulo, Ferreira se tornou amigo pessoal de Leite e um dos colaboradores do jornal e da luta pela raça, da qual Ferreira já era um ativista. O caso do Ferreira, trago aqui, porque em sua biografia Leite, e no próprio jornal demonstra grande apreço por esse orador que têm em Zumbi dos Palmares e o Quilombo Palmares, o maior símbolo de luta da raça negra no Brasil.

No mesmo exemplar de março de 1928, Leite escreve um artigo intitulado *Na terra do preconceito*, falando sobre o preconceito da América do norte, dizendo que mesmo com a separação entre brancos e negros e o que é do negro, é do negro e o que é do branco, é do branco, ainda assim as condições materiais dos negros norte-americanos é superior. Os negros vivem

socialmente e materialmente com dignidade, em contraste com a situação do negro brasileiro. O preconceito racial na América do norte reconhecido, sem o rebaixamento material e social degradante de miséria econômica, intelectual e cultural, permite que o negro, se organize em diversas instituições atuando em prol da valorização coletivamente como uma raça unida, que se ajudam mutuamente, organizando debates, estudos, escolas, universidades, postos de atendimento à saúde, etc.

Entende-se que isso dá ao negro norte americano o orgulho de sua raça, e o preconceito oficializado, permite o combate e o enfrentamento. No Brasil não há preconceito e pretos e brancos vivem harmoniosamente, mas que se houvesse preconceito com certeza a questão racial no Brasil a muito teria sido resolvido. Leite nesse artigo escreve:

Lá existe de fato a separação de raças, e foi esse preconceito que fez do negro norte americano um homem orgulhoso. Bem orgulhoso são eles, porque sabem caminhar altivos diante dos seus terríveis inimigos que, são os seus próprios patrícios brancos. E desta forma, o negro norte americano, triunfa sempre. Aqui não precisa que eu diga; não existe preconceito algum para combater. Vivemos em comunhão perfeita não somente com os brasileiros brancos, como também com o próprio estrangeiro. Mas se aqui existisse o preconceito teria com certeza que, a nossa questão racial há muito estaria resolvida. Portanto não temos preconceito nenhum a combater, o que precisamos é trabalhar para a união do elemento negro brasileiro, não somente para o nosso bem, como também para o bem da nossa querida pátria. Precisamos adquirir um pouco de admiração como essas que estão conquistando os negros norte-americanos. Não podemos viver toda a vida a esperar... a esperar... e num eterno retrocesso. Os negros norte-americanos, têm o direito de ser admirados, a prova está nesse belo exemplo. Possuem os negros da América do norte, atualmente mais de duzentos jornais, sem contar as suas revistas, Entre eles destacam-se em primeiro plano o *The Chicago Defender*, *Philadelphia Tribune*, *The Afro American*, *The Negro World* e *The Washington Eagle*. Agora e nós aqui? (LEITE, 1928, p. 03. O Clarim d'Alvorada. Na Terra do preconceito, março, 1928, SP).

Aqui se revela a aproximação do jornal e de Leite com a imprensa negra internacional, imprensa essa que já é envolvida com o Pensamento Pan-Africanista, onde muitos ativistas e jornalistas já atuam nas mobilizações e manifestações Pan-Africanas e com suas pautas, que seja divulgando, informando, publicando artigos dos intelectuais do Pan-Africanismo, momento este, que é logo após o IV Congresso Pan-Africano. Leite ainda não debate o racismo dentro de uma percepção institucional, como um projeto político de Estado, e compreende que sem a legalização pelo Estado ele não existe de forma estrutural, não ainda. Contudo, compreende que o racismo

declarado e oficial, permite aos negros reconhecer seu inimigo e diante desse conhecimento promover o enfrentamento e o confronto, usando medidas concretas contra um alvo certo. Então a luta se trava dentro do Estado, contra o branco, na ocupação do Estado e de reivindicar esses direitos iguais aos dos brancos e o reconhecimento de negros, mas negros afro-americanos com os mesmos direitos que os brancos americanos.

Percebe-se que a recepção do Pan-Africanismo traz muitas contribuições para compreender o racismo brasileiro, e aos poucos a partir do ano de 1928, o jornal assume uma postura não só combativa, mais sai do foco apenas nacionalista, para que possa compreender de fato o racismo no Brasil, que mesmo não oficial, ou seja, não legalizado, ainda assim a sua população negra como um todo não progride.

As lutas Pan-Africanistas pelo mundo buscam compreender um pouco sobre o continente africano, sobre o processo de libertação, em outros territórios da América e Antilhas. Essa troca de informações que passam a circular entre os jornais e seus intelectuais e jornalistas, permitem a partir deste momento, uma luta contra o racismo mais objetiva para seus ativistas negros no Brasil. Se uma organização do povo negro, tão convocada por Leite e o jornal se fazia urgente, agora se percebe isso com muito mais força e começa a envolver muito mais ativistas negros e jovens negros nesta causa.

Houve jornais da imprensa negra, que não compreenderam desta forma, mas são aqueles que nunca atuaram em prol do progresso do povo negro, e nem de sua integração à sociedade brasileira como cidadãos portadores de direitos e deveres iguais ao branco. Embora assim reze as Leis e discursos oficiais, ou seja, há igualdade jurídica, porém há somente no papel e não na prática. Na Constituição de 24 de fevereiro 1891, vemos o discurso oficial que não é aplicado à prática no combate ao racismo.

SEÇÃO I; DAS QUALIDADES DO CIDADÃO BRASILEIRO, **Art. 69.** São os cidadãos brasileiros; 1º Os nascidos no Brasil, ainda que de pais estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação; (...) SEÇÃO II; DECLARAÇÃO DE DIREITOS; **Art. 72.** A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes a liberdade, a segurança individual e a propriedade nos termos seguintes: § 1o Ninguém pode ser obrigado a fazer, ou deixar de fazer alguma coisa, se não em virtude de lei. § 2o Todos são iguais perante a lei. (BALEIRO, 2012, p. 80-81).

A atuação de muitos ativistas negros era de acordo constitucional como a posição do Estado, e nela negar o racismo oficial. Pois toma a constituição como a voz do Estado, e este afirma ser o Estado brasileiro não racista. Muitos dos ativistas e jornalistas desta época tomam as Leis

como algo verdadeiramente sério, e as autoridades de condutas irrepreensíveis. Logo compreendem que o que eles vêem contra os negros, é devido a sua própria responsabilidade, ou seja, sua culpa, e passam a assumir papel de protetores, evangelizadores, educadores morais dos negros, no intuito de através dos jornais, educar e doutrinar os negros a vir a serem cidadãos educados e comportados diante da sociedade para seu próprio bem e progresso. Como se o que tornassem os negros miseráveis, e os mantivessem desempregados e analfabetos, fossem por única razão de falta de força de vontade do próprio negro, de se instruir, de buscar emprego, de conseguir se empregar, etc. O alcoolismo e a promiscuidade também tão reprovada, é compreendida como motivos de sua miséria, e não a fuga da miséria já imposta por um projeto político de nação que recusa o negro.

Mas a partir deste momento, ou seja, desse intercâmbio de comunicação, a compreensão da realidade concreta brasileira dos negros começa a mudar, o olhar por outra perspectiva, altera a percepção dos intelectuais negros da imprensa negra combativa no Brasil, e aqui em particular de São Paulo. Com Gervásio de Moraes no artigo, *Carta de um negro*, datada de maio de 1927, mês de comemoração da abolição, sendo sempre uma edição especial, afirma;

Não estando mais com ferros pesados pendurados nos braços e no cativeiro, mas sentem-se encarcerados e agrilhoados numa cela sem nome, enquanto de forma rasteira o preconceito domina a sociedade brasileira, manifestando-se uma luta desigual, cínica, covarde e monstruosa... ser negro é sofrer o total abandono da sociedade brasileira que tanto se beneficiou com a exploração escravagista para fazer crescer a nação e a economia. Porém parecem que os negros são os estrangeiros indesejáveis que cometeram um crime nacional; existir. Nesse ponto já merecemos a crítica de Ruy Barbosa na inesquecível Conferência de Haya, onde disse “A pátria brasileira cometeu um crime de honra, quando concedeu a Carta de Alforria aos negros brasileiros sem tê-los educados previamente, para tais circunstância, o negro passou a ser um cadáver putrefato, contaminando a sociedade”! (MORAES, 1927, p. 07-08. O Clarim d’Alvorada, Carta de um negro, maio de 1927).

Sua crítica ao Estado brasileiro é que concedeu a liberdade, mas não garantiu a sobrevivência digna dos pretos, e nem promoveu uma política de reparação dos homens que trabalharam para construir a economia desse país e garantir o capital dos homens brancos ricos desta sociedade. Gervásio até aqui é um dos jornalistas que apresenta o conhecimento a partir das questões raciais do Brasil como questões políticas de Estado e da questão racial a partir da África para poder resolver a questão da desigualdade racial no Brasil e nas Américas.

Em 1929, o jornal *O Clarim d'Alvorada*, passa a traduzir e publicar os artigos de Marcus Garvey, publicados no jornal *The Negro World*, como já informamos através do poliglota Mário de Vasconcelos. O jornal cria uma coluna exclusivamente para a publicação dos artigos de Garvey, da qual dão o nome exatamente do Jornal de Garvey, traduzindo *The Negro World*, se chamando a coluna de *O Mundo Negro*, que traz as ideias revolucionárias de Garvey para os negros. Ao mesmo tempo em que valoriza o negro e contribui para a reestruturação de uma identidade negra, e divulgação do protagonismo dos negros na história, e dos negros como sujeitos. Garvey passa a não só ter suas ideias divulgadas no jornal, como artigos sobre ele como uma grande liderança negra internacional, e um dos intelectuais do Pan-Africanismo.

Eduquemos Nosso Povo

Neiros do novo e do velho mundo, uni-vos.

O Mundo Negro

Movimento | São Paulo, Dezembro de 1931 | Pan-negro

O Membro do Conselho

Offensas novamente a sua honra da figura de Marcus Garvey. Esse agitador dos negros, negro de todo o mundo, não faz muito tempo, foi esculhido e preso nos cárceres a que concorreu como legítimo representante do Ass. Universal para o Levantamento do Raso Negro. Foi esse nome do membro do conselho, a bater logo as portas da prisão.



Agora esta surpresa geral, amonesta ao este brasileiro, de constituição de conselheiro do Conselho Oriental Brasileiro.

O homem, para ser digno, de si mesmo, deve estar sempre pronto e arriscar sua vida e seu bem estar em defesa de uma grande causa.

Theodore Roosevelt.

Cartilha da Historia Negra

Preparada por Pessoas Brancas

O Clarim d'Alvorada, proseguindo na sua finalidade de educador, no desenvolvimento de todos os conhecimentos que dizem respeito a evolução da raça negra no mundo contemporâneo, apresenta hoje, aos seus leitores, o livro de um magnífico trabalho que Mr. Robert H. Carter, educador branco, e membro da comissão sobre a cooperação interracial na U. S. A., deu a publicidade.

Para se conhecer a inteligência e a habilidade da raça negra, é preciso saber-se algo a respeito de certo que sabe o Sr. a respeito de George Carver, o mais competente químico agrícola do sul e membro da *Louise Royal Society of Arts* (Sociedade Real de Artes e Letras)? Já leram alguma coisa sobre Baylis Whately, filha de escravos africanos que escreveu poesias tão famosas a ponto de, ser cumprimentada pelo presidente Washington e realçada pela imprensa inglesa?

Concerne ao qual, diz respeito a esse negro inimitável, Robert R. Moton, chefe do Instituto Tuskegee com frequência de dois mil estudantes e um cabedal de renda de meio milhão de dólares por ano?

Acerta da individualidade de Roland Hayes, o famoso tenor negro do mundo, que canta perfeitamente em vários idiomas e tem sido honrado pelas cabeças coroadas de toda Europa?

Vejam-se se conhece o vulto de Mary Mc.Leod Bethune, que com inteligência e perseverança, conseguiu uma grande escola para meninas negras, em Dayton, Florida, com uma planta atinca a 500 mil dólares?

Assim que, apesar de todos os obstáculos, centenas de outros negros da raça negra, vão caminhando na senda do progresso em passos largos.

O se deve indicar pontos de vender esses rotulos, que mais concorrem para a nossa liderança de uma suposta superioridade?

A historia norte-americana, o negro tem tido uma grande parte de valor, e alguém dirá que não?

Ouviu já falar de Crispus Attucks, um negro, que foi o primeiro martyr da independência norte-americana; que Peter Salem, outro negro que foi o supremo heroi da batalha de Bunker Hill, e Salem Poor, outro negro distinguido nessa mesma batalha, onde 3 mil negros tomaram parte. Na guerra civil o Gen. Andrew Jackson comitou ferrosamente a coragem com tropas negras, na batalha de Nova Orleans e acreditou um desses heróis mortos, com o título de comandante britânico. Comandante Perry, já foi com alto honrar dos seus marinheiros negros na batalha de Lake Erie. E no entanto, procuramos conservar estas valtores na ignorância e feitos nossos meros subservientes.

AMERICA Contemporanea

João Marieno de Oliveira

A frente de um pugilo de moços bem educados, apparece um modesto idealista, mas, este nome que é mais, uma substancia de combater, e um estado de resistência, no meio que a stanno iniciando. presidente da Associação...

Cabellos lisos?

a Sra. B. P. Costa (oidicta)

Alisa cabelo, com perfeição por meio da *WATERBURY'S HAIR RESTORER* (Linha) *WATERBURY'S HAIR RESTORER* (Linha) *WATERBURY'S HAIR RESTORER* (Linha)

Rua Capote Valente, 44

Assignatura para 1932

Para quem os negros organizados em classe não conseguem obter a educação básica, a assignatura para 1932 do *O CLARIM d'ALVORADA* sempre se encontra pronta para ser enviada.

Esse exemplar de dezembro de 1931, pode nos apresentar como aparecia a coluna *O Mundo Negro*. O que chama a atenção nesse exemplar são as várias informações; a frase no cabeçalho da página surge com a frase de Marcus Garvey; *Eduquemos Nosso Povo*, um dos slogans

da UNIA, na verdade um manifesto de Marcus Garvey. Abaixo do título do manifesto no cabeçalho, está a frase; *Negros do novo e velho mundo, uni-vos*, frase modificada, porém tirada do *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels, a que Marx convoca, *Trabalhadores de todo o mundo uni-vos*. Então abaixo temos a coluna com seu nome *O Mundo Negro*, e dentro da coluna, está escrito: *Movimento Pan-Africano*, acompanhado da data e abaixo então os artigos trazidos da América do Norte. Podemos ver ainda como se para encerrar a coluna, uma frase de profundidade. Como estímulo e inspirando a população negra leitora do jornal, com o nome de uma personalidade pública da América do Norte, aqui no caso de Theodoro Roosevelt; “O homem para ser digno de si mesmo, deve estar pronto a arriscar sua vida e seu bem estar em defesa de uma grande causa” (O Clarim d’Alvorada, Dezembro de 1931, p.03).

Também podemos observar que a página segue trazendo o continente americano como pauta, com o título; *América contemporânea*, que vai aparecer em vários números do jornal. Percebe-se que é importante não estar só e que a luta é a mesma, mesmo com especificidades diferente, só tem a somar e a contribuir com a causa, e não a prejudica-la. No entanto, isso vai sendo observado no decorrer dos anos com os exemplares, porque no início se pensava travar uma luta absolutamente nacionalista, de integração do negro na sociedade brasileira como cidadão verdadeiramente brasileiro, e o engrandecimento material e moral dos negros. Na coluna deste número tem o Título *Conhece-te a ti mesmo*, por Leslie Bishop, do *Mundo Negro*, de tradução de Mario Vasconcelos citando as ideias de Marcus Garvey, onde cita o mesmo

Está provado que grande parte dos escritores brancos do mundo, procuram demonstrar aos negros, que eles ficaram sempre enganados na África ou fora dela. No entanto, Garvey têm enchido colunas no The Negro World demonstrando esse falso conceito, que pairava na mente do nosso povo; removendo inteligentemente essa impressão daninha, para trazer a compreensão que só por meio da mediação do seu próprio governo, o homem preto pode adquirir o seu bem estar e fazer calar a propaganda desses escritores que procuram conservar o homem preto nessa eterna sujeição.(O Clarim d’Alvorada, Dez.1931, p. 03).

Em 1927 esse intercâmbio de comunicação entre as imprensas negra brasileira e norte-americana, vem contribuir com a formação da Frente Negra Brasileira em 1931, embora fosse inevitável o surgimento desta, pelo tempo de reuniões e encontros entre os intelectuais, jornalistas, oradores, políticos, etc. Desde a fundação em janeiro de 1924 do jornal *O Clarim d’Alvorada*, vem travando com seus inúmeros apelos e convocação, em praticamente todos os números do jornal, junto obviamente com outros jornais paulista. Ao permitir a união e a formação desses homens negros em ativistas políticos atuantes na cidade de São Paulo, fortalecendo a luta de criação de

uma instituição de negros para os negros, que tivesse um caráter político e nacional, de amparo, reivindicativo e combativo. A ser de fato uma instituição da sociedade civil para fazer frente a outras instituições e ao governo brasileiro, de alguma forma, a compreensão. Ou a consciência que esta era a forma de o negro, como entidade poderia ter voz, ser ouvido, ser enxergado na sociedade. Exatamente como as instituições negras mundo a fora que se organizam para fazer a luta contra o racismo, lutar pelo desenvolvimento material e moral do negro. Compreenderem que não havia como lutar sozinhos, isolados, mas precisavam de uma instituição que representasse o negro em coletividade.

No mesmo número do jornal citado acima, Marcus Garvey é citado novamente, o que demonstra que Garvey acaba por ser o Pan-Africanista de conhecimento do jornal e sendo abordado constantemente como referência de liderança da raça negra no mundo. Logo tudo o que Garvey faz é importante para a raça negra, porque os membros do jornal e Leite compreendem Garvey como um lutador fervoroso da questão racial, que dedicava-se completamente a causa, e a Associação Universal para o Desenvolvimento da Raça Negra (UNIA). Todas as mobilizações e eventos promovidos por ele e seus aliados, é voltada para o progresso da raça negra, e para a constituição de uma identidade forte e de imenso valor para a raça. Todos os seus feitos são trazidos para informação através do jornal, e neste pequeno texto fica evidente a concordância com as ideias de Garvey.

Voltamos novamente a nos ocupar da figura de Marcus Garvey. Esse agitador das massas negras de todo o mundo, não faz muito tempo, foi achincalhado e preso nas eleições a que concorrera como legítimo representante do povo de sua terra. Cumprida a pena o presidente da Associação Universal para o Levantamento da Raça Negra, foi em nome de 40 milhões de pretos, a bater Liga das Nações. (O Clarim d'Alvorada, O Membro do Conselho, Dez. 1931, p. 03).

Na verdade, é o repasse das informações sobre o líder ativista, e seus feitos. Garvey tentou fazer parte através da UNIA, da Liga das Nações, mas Garvey incomodava demais com sua luta racial as instituições da sociedade civil branca, ao governo de Estado Norte Americano, e ao Estado Jamaicano. Com suas ideias revolucionárias de agitação da massa negra na América e pelo mundo afora. A coragem, ousadia, a convicção e o não recuo de Garvey indo até as últimas consequências pela raça negra, acabava sendo de admiração de Leite e de alguns membros do jornal e acabava sendo inspiração, exemplo, ao mesmo tempo contribuindo com pensamentos de levantamento moral da raça e afirmação de uma identidade negra a ser construída pelos próprios negros, e o resgate da cultura negra silenciada e ocultada pelos brancos.

Garvey aborda em seus artigos a cultura africana, para redefinição da identidade cultural do negro, buscando sua ancestralidade, aliás, elementos fundamentais do Pan-africanismo, que passa pelo processo de educação, educação formal que deve ser garantida pelo Estado e informal que deve ser priorizada pela família negra, o repasse histórico de seus ancestrais, de sua raiz africana. Como negros diaspóricos, esse processo de educação da história africana não é para negar sua condição de afro-americanos, afro-jamaicanos, ou qualquer outro, mas era necessário que para se aceitarem como negros americanos, era necessário reconhecerem suas origens africanas, é de suma importância o autoconhecimento, para sua afirmação como sujeito, numa sociedade de tantas diversidades e tantas negações.

Garvey não media esforço em mobilizar-se e mobilizar o mundo em sua volta em prol da questão dos negros, inclusive sendo considerada radical pelo seu projeto de exigir das organizações de Estados uma terra para o povo negro construir sua África e eles próprios se autogovernarem sem nenhuma interferência branca.

Para Leite as ideias de Garvey, tinha muito a oferecer para os ativistas negros no Brasil, e a contribuir para o surgimento de uma organização negra nacional. Sobre a educação, que é um dos principais pontos para Garvey e para o Pensamento Pan-Africanista e seu movimento, também era importante para os ativistas negros no Brasil, e Leite, e o jornal sempre expuseram essa concepção. Nessa época, os ativistas negros no Brasil, ainda não cogitavam uma educação diferente da educação formal, instruída pelo governo, ou já em projetos muito distintos direcionado a uma determinada sociedade que se define a partir de princípios ideológico branco, burguês e liberal, omitindo muito da História que diz respeito ao outro lado, e de si mesma. Eles ainda não adquiriram uma força conceitual sobre educação e formas de educação, ainda nem sequer se mobilizam por uma educação nacional gratuita que atenda toda a população brasileira, pois a família negra que quiser que seu filho frequente a escola, tem que pagar para poder ter acesso ao ensino escolar.

Segundo pesquisas voltadas sobre crianças negras nas escolas paulista, a tese de Marcia Luiza Pires de Araújo, com *A escolarização de crianças negras paulistas (1920-1940)*, de 2013 revela que a inserção de crianças negras em escolas era de aproximadamente 10%. Acrescentando gráficos e dados que na cidade de São Paulo, das famílias negras pesquisadas era nulo a inserção no 2ª Grau, hoje ensino médio, ou seja, justamente na fase da adolescência, e entre os motivos estão o preconceito racial e a necessidade de trabalhar para ajudar a família (ARAÚJO, 2013:05/182/183/). Nesse sentido temos um artigo do Nº2 do jornal em seu primeiro ano com o seguinte título *Instrução*

A instrução é a cultura do nosso espírito quando intelectual e material quando procuramos aprender uma disciplina que nos auxilie, materialmente como sejam as várias profissões. A cultura da nossa inteligência é a instrução inteligentemente falada. O mestre é o seu apregoeiro por excelência, incumbem-se de ensinar as crianças. Mas nem sempre e principalmente em nossos dias!

Também o adulto vai à escola. A escola é o recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as ciências, artes, música, etc. É na escola que encontramos os meios precisos para nos fazer entendidos pelos nossos irmãos.

Somos seus fiéis discípulos e os mestres sacerdócios amáveis que nos dão à luz do saber. Para eles devemos a nossa educação em geral. Esta é a perfeição da educação. A perfeição é a instrução combatida com polidez é o bem viver e a ciência unida a virtude. (...) Ide à escola! Aproveite o precioso tempo para engrandecer a nossa raça e o nosso querido Brasil! (O CLARIM D'ALVORADA, S/AUTOR, fevereiro de 1924).

O período abordado, ou seja, década de 20 a 30 do século XX, a questão de um projeto de educação nacional, ainda está em plena ebulição de debate. Nesse período o Brasil está passando pelas Reformas Maximiliano de 1915, entrando na Reforma João Luiz Alvez em 1925, passando pelo debate do “Escolanovismo”⁶ de mobilização dos democratas liberais. Ainda nessa época alguns intelectuais da educação fizeram reformas estaduais, caminhando para um projeto nacional de educação para o Brasil, como Lourenço filho do Ceará e Anísio Teixeira na Bahia, ambos no decorrer da década de 20, quando foi em 1924 foi fundada a Associação Brasileira de Educação. Que na primeira fase foi dominada por intelectuais do catolicismo, mas que em 1932, muda para os intelectuais da Escola Nova publicando o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, defendendo a obrigatoriedade, gratuidade, laicidade da educação no ensino público, e expansão da mesma. Reformas educacionais modernas que surgem a partir da Era Vargas, dentro de um projeto de nação voltada para o desenvolvimento capitalista industrial e tecnológico (ALMEIDA, 2016).

Nos Estados Unidos na mesma época o Movimento Negro Norte Americano, já se envolvia nas reformas educacionais, pois o Pensamento Pan-africanista já debatia em congressos a questão da educação do negro nos Estados Unidos, quando lutavam por pôr fim a segregação racial nas escolas públicas, ainda em regime de segregação racial institucional. No Brasil neste momento o ainda incipiente Movimento Negro, não estavam dentro do debate de um projeto de

⁶ Movimento gerado pelos pedagogos que se voltavam para uma nova forma de sistema educacional para o Brasil, nas primeiras décadas do século XX: Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974), Lourenço Filho (1897-1970) e Cecília Meireles (1901-1964), entre muitos outros num total de 26 intelectuais, ganhando mais tarde para o movimento Florestan Fernandes (1920-1995) e Darcy Ribeiro (1922-1997). A Escola Nova era pautava numa educação pública, gratuita, laica, em princípios de liberdade e contemporânea, contrária a formação pautada no catolicismo e no conservadorismo. Indo contrário aos interesses privados dominadas por empresários e pela igreja cristã sobre a instrução no país, e gerou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; concretização da luta dos intelectuais do Escolanovismo do início do século que sai em 1932 com o manifesto, exigindo a universalização da educação, em promover a diminuição das desigualdades.

educação para a nação, - isso vai ocorrer de forma sólida com o Movimento Negro Unificado - e talvez exatamente por isso, não se dava conta que a escola não promoveria uma emancipação intelectual do negro no sentido amplo. Sua preocupação para época era de fato diminuir o analfabetismo entre os negros e capacitá-los para empregos dos quais acreditavam que poderiam ocupar iguais aos brancos. Não compreendiam que bons empregos aos brancos e não aos negros, fossem por racismo, mas por falta de escolaridade, e também não compreendiam que ter ou não ter acesso à educação tinha a ver com a cor de sua pele, não percebiam a conexão entre as coisas pelo racismo. Mas vejamos que o intercâmbio de comunicações, que permitiu compreender que a condição dos negros não se devia a sua inércia, ao seu esforço, ou vontade, precisou compreender a partir de outras realidades, inclusive aparentemente pior que a deles, que os mesmos estavam em desvantagens.

O aprendizado com o material racial de fora, com os intelectuais negros do Pan-Africanismo, e do Movimento Negro Norte Americano, acabou por trazer para os negros da imprensa paulista, muitos questionamentos e debates sobre a questão racial no Brasil. Mas o jornal *O Clarim d'Alvorada*, aprendeu a forma que fortaleceu o jornal e seus jornalistas. Embora pela sua qualidade crítica, e de fervorosa luta em prol dos negros e trazendo o preconceito de cor sempre em pauta no jornal, também despertou muitas inimizades, incluindo jornais que criticavam suas atuações, e negando o racismo, desrespeitando e abordando de forma desrespeitosa o jornal e seus membros.

Sempre de muita crítica essa atuação dos negros que ofendiam os seus irmãos de cor, em prol de aparecer, como era entendido por Leite e pelo jornal. Contudo, as ideias contemporâneas e as ideias Pan-Africanas, ganhavam cada vez mais espaço e mais importância no jornal e trazia novas reflexões sobre a questão racial no Brasil. O Exemplar de 24 de novembro de 1929 na primeira página traz a seguinte declaração; “(...) O homem branco está tentando tudo que está no seu poder para nos subjugar. Ele é um ladrão e ainda está roubando tudo o que suas mãos, podem pegar; ele está tentando enganar os negros a respeito de proteger o seu dinheiro e seus direitos” (O Clarim d'Alvorada, 1929:01). Esse texto não sai com o nome de seu autor, porém pelas palavras muito medidas e sensatas de Correia Leite, acredito não ser dele, mas já expressa a consciência de um conflito racial entre negros e brancos.

Pela dominação branca e escravização dos negros por quase IV séculos completos, compreende-se a desvantagem do negro nesta sociedade fundada por brancos pela escravização do negro. E essa compreensão só vem a surgir em Leite e no jornal, a partir do intercâmbio com a imprensa negra norte americana e particularmente com o jornal de Marcus Garvey. No artigo de

Garvey traduzido pelo jornal na comemoração de 13 de maio em 1930 é publicado no jornal dizendo;

A ideia de superioridade da raça branca é disputável, todavia devemos admitir que, do estandarte do homem branco, ele é muitíssimo superior ao resto de nós. Mas aquela qualidade de supremacia é inumana e perigosa para ser permanentemente auxiliadora. Tal superioridade foi dividida e gozada por outras raças antes, até mesmo pela nossa, quando nós gabávamos de uma civilização nas margens do Rio Nilo, enquanto as outras ainda estavam nas trevas. (...) Que nenhum homem preto sinta que tem o direito exclusivo ao mundo. Se outros homens não têm, que o homem branco também se sinta do mesmo modo. O mundo é a propriedade de todo o ser humano, e cada um têm o direito a sua porção. O homem preto precisa da sua, e em termos formais ele não está pedindo (O Clarim d'Alvorada, maio, 1930, p. 01 trad. Mário Vasconcelos).

Este trecho mostra claramente como o jornal traz agora novas concepções para discutir a questão racial, e o lugar do preto no mundo. Garvey discute que a ordem que se apresenta como universal e natural, é a do branco superior como portador de direitos e privilégios e como dono do mundo. Já o negro no papel de inferiores e subalternos, é uma construção social, para justificar o tornar o negro despossuído, expropriado e espoliado da qual a história é testemunha e que cabe ao próprio homem as transformações necessárias para novos contextos sociais. Em evidência que o homem branco se faz superior, monopoliza o discurso e determina o negro em posição inferior, com isso chama aos homens pretos a reescreverem sua história que um dia já foi de glória, mas que não se forjem sobre a dominação de nenhuma outra raça.

O Clarim d'Alvorada passa para uma reflexão de duas frentes, a integração do negro na sociedade e a constante convocação para a construção de uma unidade entre os negros, mas ao mesmo tempo uma internacionalização da luta negra, trazendo os de fora para o debate, mostrando a importância das lideranças negras do mundo para a luta nacional. O jornal passa a transcender seu território de atuação e de reflexão e análise. Essa citação que seguirá aqui mostra um pouco de como é importante para o jornal olhar para fora e compreender a luta racial que se trava aqui,

A história nos ensina que somos os descendentes dos nossos antepassados, que foram roubados da África; o presente nos ensina que a África está sendo dividida entre as nações ladras do mundo como suas propriedades. Hoje, milhões de povos pretos de descendência africana estão se submetendo a dominação daqueles que têm roubando-lhes a riqueza, o lar, a família e a cultura (O Clarim d'Alvorada, agosto, 1930, p. 04).

A partir desse intercâmbio a África entra na pauta, as civilizações africanas, as lutas africanas pela independência, tudo entra em pauta no jornal. A cultura africana, como a cultura afro-americana e a cultura afro-brasileira, passam a surgir como questões fundamentais de engrandecimento do negro. Passa a ser bem vistos todos os negros envolvidos com o engrandecimento da raça, todas as mobilizações, agitações e manifestações contra o preconceito racial em qualquer parte do mundo. Embora a prioridade seja de mudar a vida do negro no quadro nacional do Brasil, ainda sim, não é mais possível desconsiderar toda a luta racial.

Como podemos frisar no próprio testemunho do jornal sobre sua preocupação e importância de abordar a luta racial mundo afora, afirma:

Eis que o nosso órgão procura fazer em o Mundo Negro, a exemplo de outros órgãos portentosos daqui e de fora. Portanto não se assustem patriotas negros do Brasil! Nós queremos acompanhar a evolução negra do mundo para sustentarmos as finalidades de um bom jornal, sem percebermos as atitudes dos negroides que se debatem nas obscuridades de suas obras negativas (O Clarim d'Alvorada, agosto, 1931, p. 04).

Leite entende que não é mais possível se omitir diante deste quadro que se apresenta, e cada vez mais chegam viajantes negros de fora que vem conhecer o Brasil e sua tão falada igualdade e interação racial, e interagir com esses negros passa a ser um critério complementar do jornal e importante de fortalecimento e de convencimento para a juventude negra lutar por um futuro melhor da raça. A maturidade dos ativistas no geral na imprensa negra, e do jornal *O Clarim d'Alvorada* com Leite, cada vez mais atuantes, mais combativos, reivindicativos, mas ao mesmo tempo reconhecedores de toda a contribuição de todos na luta pelo progresso material e social do negro. Esse trecho de *Ideia contemporâneas; Colaboração da "liga dos amigos em luta"* de janeiro de 1932 diz:

É preciso que a luta para a elevação da raça negra, seja feita de modo a se aproveitar todos elementos e agitadores, que por um ou por outro modo, tem dado de si, uma parcela para a formação da união que deveria ser a verdadeira frente da Raça Negra onde deverá imperar a liberdade de consciência. (...) O homem deve trabalhar, produzir e pensar livremente ou de acordo com o meio de que ele é produto. (O Clarim d'Alvorada, janeiro, janeiro de 1932, p. 04).

As colocações passam a estar mais pautadas conceitualmente, a partir de uma linguagem, mais política e científica, o que também apresenta característica intelectual dos sociólogos, historiadores, filósofos brasileiros, lidos pelos jornalistas. Até mesmo para levantar

suas críticas sobre suas produções e reproduções de ideias, como a dos intelectuais do Movimento Negro de fora do país e do Pensamento Pan-Africanista de Marcus Garvey. Junto com suas ideias estão muito outros colaboradores; Evaristo de Moraes, Veiga dos Santos, Conego Olympio de Castro, Leopoldo de Freitas, Cyro Costas, Motta Filho, Lino Guedes, Vicente Ferreira e muitos outros. Essa crítica aos intelectuais brasileiros como surge no exemplar de maio de 1932, mês de comemoração da abolição no jornal, faz uma dura crítica intitulada *Liberdade ainda que para pior...* ao livro *Problemas de política objetiva*, de Oliveira Viana, na qual em determinado trecho conclui.

O Haiti era pobre e anarquizado. Os Estados Unidos intervieram na sua vida e tomaram as rédeas de seu governo. -Conclui o Sr. Viana, ou autoriza a conclusão: antes ser escravo com ordem e abastança.

Contesta o Sr. Plínio Barreto: -Isso é que não! A liberdade ainda que para pior...

Invocou e aplicou o caso Luiz Gama aqui reproduzido. (LEITE, Aureleano, O Clarim d'Alvorada, maio 1932, p. 01).

Gervásio de Moraes ainda no exemplar de maio de 1932, afirma em seu artigo *Seguindo o Roteiro*, o compromisso do jornal, sobre a luta pelas reivindicações para a raça negra, como principal diretriz do jornal, alerta que seu papel é exclusivamente pela causa e não para a sua vaidade, significando encargos e deveres, deveres estes que assume por amor a raça e a causa. Afirma ser com a raça que aprendeu a ter vontade e coragem, reafirma o compromisso assim como todos os outros afro-americanos que tratam a árdua luta em prol da raça negra, que caminham juntos e somam para a coletividade.

Um membro da Frente Negra Brasileira publica um artigo assinando como *frente negrito*, também nesse mesmo exemplar especial comemorativo da abolição, com o artigo intitulado: *A miragem*. Fala sobre o horizonte pelo qual luta Marcus Garvey e sobre o respeito ao seu intento, porque muito além de pregar ele exerce o trabalho de realizar. Fala então do esforço dos lutadores da raça que conseguiram enfim realizar o desejo que em luta conseguiram alcançar, com a fundação da Frente Negra Brasileira, objetivo de longos anos de luta, mobilizações e agitações em prol da elevação moral e material da raça negra. Enfim a Frente Negra Brasileira vem para embate político em prol da raça negra, reivindicar direitos, amparar os necessitados, instruir os jovens, aconselhar os pretos desse país a nível nacional, para promover seu progresso junto ao governo e a sociedade civil, mas acima de tudo com os negros.

Em 28 de setembro de 1940, considerada pelo jornal como a 3ª Fase do jornal, publica seu último exemplar, em mais um especial de 6 páginas quando o normal é de 4 páginas. O jornal

ao longo de sua existência manteve uma rotina de fazer três edições especiais; o de comemoração da abolição da escravatura, sempre exaltando as lideranças deste movimento, como Luiz da Gama, José do Patrocínio e Cruz e Souza, entre outros. O de 28 de setembro, dia da Lei do Ventre Livre, compreendida por Leite como o anúncio do fim da escravidão, e o mês de janeiro como comemoração de aniversário do jornal. O último exemplar traz na capa um projeto dos ativistas do Movimento Negro que era o de realizar o monumento em homenagem a Mãe Negra, simbolicamente representando a pátria brasileira. A mulher negra mãe que com seus seios alimentaram os sinhozinhos e sinhazinhas desse Brasil, os filhos e filhas dos senhores brancos, lhes permitindo cumprir seu projeto de sociedade, sobre o sacrifício do negro, e sacrifício de seus filhos de sangue. Traz na capa o projeto do Monumento de homenagem à Mãe Negra da capa de 28 de setembro de 1928, projeto esse realizado. Ao lado Leite abre com a frase de José do Patrocínio; *Não principiamos, continuamos...*

Leite em sua satisfação ao retorno revive através do jornal lembranças de lutas travadas como o do monumento. Os muitos colaboradores e escritores que passaram pelo jornal, como os que ele cita Evaristo de Moraes, Leopoldo de Freitas, Bezerra de Menezes, Conego Olímpio de Castro, Artur Mota, Vicente Ferreira e muitos outros. Fala do objetivo do jornal e seu papel informativo, doutrinador, educador, incentivador, e seu dever cívico de engrandecimento da raça negra, lutar por ela, ajudá-la a progredir, se desenvolver, promover a ascensão do negro, em luta na campanha de elevação socioeconômico, moral e cultura da raça, tendo sido as diretrizes do jornal. De muitas outras tentativas que até aqui ainda não havia alcançado como a realização do 1º Congresso da Raça Negra- porém este foi se realizar em 1958 através do *Teatro Experimental do Negro*, tendo Abdias do Nascimento como um de seus principais nomes, chamando de *Primeiro Congresso Nacional do Negro*, organizado pela Sociedade Beneficente Floresta Aurora, na cidade de Porto Alegre - com apoio do Partido Trabalhista Brasileiro (GOMES, 2009, p. 01). Relembra do artigo da Mãe Negra de 1928, sentir-se muito de o negro não ser reconhecido como o “trabalhador número 1 do Brasil”, como afirmou em discurso, Adhemar de Barros, na época como interventor federal.

O Pan-Africanismo surge também no último exemplar com o título; *Memória de um Negro*, que apresenta a autobiografia de Booker Taliaferro Washington (1856-1915), grande liderança negra norte americana do final do século XIX. Era educador, foi conselheiro do presidente norte americano, sendo líder na comunidade afro-americana de 1890 a 1915, fundador da Universidade Tuskegee em Alabama, foi quem convidou Marcus Garvey, jamaicano para a América do Norte. Obra de tradução de Graciliano Ramos como leitura obrigatória e empolgante com a descrição dos aspectos do problema do negro americano, abordando as condições social da

raça, transformando sua autobiografia num porta voz das aspirações de todos os homens de cor, “que como ele, sentiam sobre os ombros o peso dos preconceitos raciais” (O Clarim d’Alvorada, setembro, 1940:03). Nesse exemplar definido como primeiro número da 3ª fase do jornal *O Clarim d’Alvorada*, também tem uma breve nota comunicando a presença no Brasil do sociólogo negro Franklin Frazier (EUA, 1894-1962), do Departamento de Sociologia da Universidade de Howard (EUA), em trabalho de pesquisa sobre a raça negra.

No último exemplar que conseguimos ter acesso, no caso o único de 1940 e o último do jornal *O Clarim d’Alvorada*, não há como ter certeza se o jornal foi apenas de 4 páginas como visto em PDF, ou vieram faltando páginas. Como já dito antes, essas datas comemorativas sempre vinham com 6 páginas. Nessas 4 páginas percebe-se a ausência da coluna *O Mundo Negro*, mas não temos como afirmar que não existiu nesse último exemplar. Embora devido a página de anúncios, acredito ter sido esse exemplar apenas de 4 páginas, porém não há como garantir. Em cada texto, tem as críticas, a valorização da raça, a cobrança para a raça jamais esmorecer, têm as lembranças de seus muitos feitos, têm os agradecimentos a seus leitores, colaboradores e escritores.

Há certa nostalgia – não é afirmado ser o último periódico, nem mesmo não sabendo ou tendo certeza ser o último -de quem encerra um ciclo de muito tempo de luta por este meio, e em seus últimos artigos, os escritores são com seus respectivos artigos; Leite com *Não principiamos continuamos*; Pedro Boaventura, com *E o vento Levou*; Dos Anzões Carapuça, com *Clarínadas*; Jayme Aguiar, com *Reação*; Fernando Góes, com *Uma posição para o negro no Brasil*; Luiz Bastos, com *Para onde vai a afrologia*; e Manoel Antonio dos Santos com *Acabemos com isso!*

Embora não seja possível comentar sobre cada artigo de Garvey, e sobre Garvey no jornal *O Clarim d’Alvorada*, ainda sim gostaria de deixar aqui alguns títulos registrados;

- Preconceitos de raça., 18 agosto, 1929:01
- Os negros não precisam de protetores brancos. 24 novembro, 1929:04.
- Marcus Garvey. 25 janeiro, 1930:04.
- Um africano no estrangeiro descreve a vida norte-americana ao editor do ‘Negro World’ 25 janeiro, 1930:04.
- Os negros devem desenvolver uma psicologia baseada em orgulho, amor de raça e respeito racial. 13 abril. 1930:04.
- Marcus Garvey. 13 abril. 1930:04.
- Composição de Leola Washington a Marcus Garvey. 13 maio 1930:04.
- O que devemos fazer para nos libertar. 23 agosto. 1930:04.

- Chegou a ocasião de reduplicarmos as nossas forças. 28 set. 1930:04.
- Para conquistar os opressores precisamos de homens bravos e leais. 28 set. 1930:02.
- O programa da Associação Universal para o Levantamento da Raça Negra é um credo que deve ser defendido por todos os negros da terra. 26 julho, 1931:04
- Para se gozar o melhor da vida devemos criar uma filosofia nossa e transladar aos nossos filhos um credo, uma política para o levantamento da raça. 26 julho, 1931:04.
- O mundo negro. 26 julho 1931:04.

Devido a disponibilidades dos números do jornal disponíveis online, entre PDF e imagens, e em condições de leitura, consegui apenas 28 números, dos quais analisei desde o primeiro para devidas comparações no debate antes e depois dos artigos de Marcus Garvey, e como se apresentava todos os escritos no jornal com as ideias revolucionárias de Garvey. Ficava clara a afinidade de ideias entre eles no jornal, sem expor divergências que pudessem afetar a credibilidade e confiança no jornal, era necessário seguir e respeitar as diretrizes do qual os membros do jornal com a qual a equipe haviam se comprometido. Entretanto tiveram artigos de colaboradores em raras vezes do qual Correia Leite se pronunciou com o que eu não considero críticas, mas fazendo ressalvas. Leite embora fosse muito crítico, assim também como os demais do jornal *O Clarim d'Alvorada*, era muito comedido com as palavras, apresentando sempre um respeito muito grande pelas instituições, pelas autoridades, e mesmo com a dignidade dos indivíduos dos quais em discordância ele precisasse se manifestar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal brasileiro *O Clarim d'Alvorada* com a responsabilidade de redator de José Correia Leite, na coluna *O Mundo Negro*, traduzindo os artigos de Marcus Garvey, no *The Negro World*, apresenta a valorização do negro brasileiro e a dignidade do negro, porém descartando um suposto retorno para a África. Ou seja, o retorno do negro para o continente africano a partir da concepção de Marcus Garvey. Leite nem sequer cogitava esta possibilidade, mas não deixava de destacar com bravura o empreendimento de Garvey nos inúmeros periódicos do qual abordava a questão racial através de seus artigos.

Leite já observava a situação sobre as únicas vagas de empregos preenchidas pelos negros brasileiros e questionava, já relacionando o preto com a situação de empregos subalternos. Deve-se a isso a postura política do jornal que já nasce na perspectiva integracionista, se formos levar em consideração os artigos de comportamento. Na tentativa vã de encaixe do negro brasileiro a realidade do branco brasileiro ou estrangeiro, assimilando uma ideia de nação e cidadania brasileira. Nessa perspectiva se diferenciava das ideias de retorno à África e de não assimilação do negro aos princípios morais e valorativos brancos norte americano na concepção de Garvey. No início do século XX, muitos ativistas negros se tornavam respeitadas lideranças norte-americanas da questão racial e dentre eles vem formar os principais pensadores do Pensamento Pan-Africano de primeira geração Garvey e Du Bois. Porém enquanto Du Bois pregava a defesa do negro numa política integracionista do negro afro-americano, muito mais próximo das ideias de Leite e do jornal *O Clarim d'Alvorada*. Garvey já abordava por um viés radical de não integração e pelo retorno à África, devido a impossibilidade de pela segregação racial de obter a cidadania negra nos Estados Unidos.

Se nos Estados Unidos e em outros países o *The Negro World*, foi responsável por difundir as ideias de Garvey pro mundo, *O Clarim d'Alvorada* foi o difusor de suas ideias aqui no Brasil, não só, mas foi um dos principais jornais da imprensa negra a difundir suas ideias numa perspectiva positiva. O *The Negro World* trabalhava com a ideia de diáspora negra e a solidariedade entre os povos negros no mundo, de forma completamente internacionalista, ou por assim dizer, amplitude transnacional. Nesse sentido se diferenciando dos interesses de Leite e do jornal que estavam completamente envolvidos, dentro de uma ideia nacionalista de um povo negro brasileiro, o negro brasileiro não se pretendia africanos, mas sim brasileiros.

Como compreendido pelo sociólogo Paul Gilroy (2001) esse intercâmbio de ideias produzidas por intelectuais negros ativistas, gerando conexões e redes de solidariedades, num espaço transnacional, entre os continentes num processo de agilização de articulação de informações e ideias, Gilroy vai definir como *Atlântico Negro*. Inclusive sendo título de sua mais famosa obra; *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*, da qual em um dos capítulos, trata exatamente da contracultura na modernidade criada exatamente pela circulação de ideias concebidas pelos intelectuais negros ativistas ao redor do mundo.

De certa forma a compreensão do jornal *O Clarim d'Alvorada* sobre os significados das experiências políticas dos negros afro-americanos tenha sido apropriada por vezes de formas diferentes, ainda sim sua importância para o surgimento do Movimento Negro Brasileiro, para o ativismo negro no Brasil, não foi de forma alguma diminuída. Se Leite e o jornal abordavam no início a questão da segregação racial nos Estados Unidos de forma superficial, apenas evidenciando os embates entre negros e brancos de forma extremamente violenta em um país que pregava liberdade. Mas privava parte de seu povo, no caso o negro à liberdade, então esse país não servia de exemplo para o Brasil onde havia a “harmonia” entre negros e brancos e não havia “segregação racial”. Porém após essa articulação entre os jornais, *O Clarim d'Alvorada*, *Chicago Defender* e o *The Negro World*, essa postura muda completamente. Pois antes era impossível ver e compreender a diversidade de posições políticas, e as matizes das questões raciais sem uma leitura mais apurada dos fatos, e sem ouvir os lados que compõem o conflito racial norte americano. Pois a primeira publicação do *The Negro World* no *O Clarim d'Alvorada* no ano de 1929, foi justamente quando questionavam a república brasileira sobre suas políticas de marginalização da população negra brasileira, desrespeitando a constituição de 1891, sem deixar de evidenciar Garvey como líder jamaicano.

Leite sempre buscava através de seus artigos e dos de Garvey e do jornal *Chicago Defender*, através de seu intermediário Robert Abbot, a união e a força da raça, clamando sempre para a união, para que essa tivesse o caráter de promover o progresso da raça. Logo para Leite a coletividade era fundamental para esse desenvolvimento da raça, tão desejado, que inclusive em sua concepção era necessária para acompanharem como progresso que o desenvolvimento nacional traria para o Brasil. Assim mostravam que no Brasil também tinha conflitos raciais e que atingiam de formas negativas apenas os negros, ao dar a seus leitores um panorama internacional da questão racial pelo mundo, pois a inferiorização do negro não se dava só no Brasil e Estados Unidos. Mas eram os negros na África e as populações negras da diáspora, passavam por situações muito próximas de preconceito, inferiorização e desvalorização da identidade e da personalidade

africana, e que lutavam pelo despertar para o progresso dos negros. Pois para Leite o progresso do negro dependia de sua inserção e integração na modernidade. Acreditava que os negros precisavam “superar o atraso”, do qual acusavam os negros de serem os responsáveis na sociedade brasileira. Culpavam os negros do atraso da sociedade moderna de desenvolvimento capitalista industrial e tecnológico no Brasil, como se o negro tivesse sido culpado de sua escravização pelo branco. Que usou o serviço escravo por mais de três séculos baseando a economia brasileira na agricultura, desconsiderando o desenvolvimento do qual a Europa e os Estados Unidos – espelho para o branco brasileiro – se encontravam “anos luz” à frente. Ajudando a construir narrativas de uma era de transformações das quais os negros precisavam ser inseridos, se adequando a um novo contexto histórico do qual ele estava ficando de lado. Para os ativistas negros era a hora de o Negro atuar como protagonista de sua própria história e não as delegar aos brancos. Leite instigava os negros três frentes, em progresso do negro em São Paulo, pela integração nacional, e a transnacional os líderes negros estrangeiro para influência e referência de atuação dos negros no Brasil. Em seu artigo FRANCISCO afirma que; “*O Clarim d’Alvorada* utilizou o *The Negro World* como um recurso capaz de estruturar uma visão em que as populações negras assumiam o papel ativo de agente na modernidade” (2014, p. 104). O negro que se levantasse para agir na sociedade, sem temer a opressão, que vivia por todos os lados, mas abdicasse de um suposto papel de vítima para o papel de sujeito do qual deveria ser, por sua capacidade humana e coragem histórica.

Garvey abordava uma total emancipação do negro dos brancos e uma separação em prol do desenvolvimento e protagonismo do negro, desta visão Leite desconsiderava, pois não concebia uma separação entre negros e brancos no Brasil, mas sim se orgulhava da relação “harmoniosa” que estes tinham, embora houvesse a discriminação. Contudo para Leite ainda sim, não havia violência entre negros e brancos como havia nos Estados Unidos. Mas foi possível através do Pensamento Pan-Africano de Garvey, perceber as formas de discriminação no Brasil, e contra isso lutar mais efetivamente. Pois Garvey instigava os negros ao enfrentamento da dominação branca. Garvey afirmava o falseamento da história da África como selvagem e bárbara, alegando enquanto a Europa se encontrava na pré-história a África já havia civilizações extremamente avançadas. Em sua tese de repatriação dos negros diaspórico ao continente africano, pode ser empiricamente afirmada na sua “colonização” por ex-escravos da Libéria. Por objetivo de fundar uma nação completamente capaz de se auto-gerir a partir dos negros, apresentando um sistema moderno de desenvolvimento. As ideias de Garvey, foi o que gerou a denominação de Garveysmo, movimento de cunho Pan-Africanista, anticolonialista, na concepção de um nacionalismo negro de valorização das populações africanas e da diáspora. Garvey disparava como um dos maiores – se não o maior - líderes negros de sua época, como podemos ver em sua frase; “O nosso destino está em nossas

mãos. Somos os senhores de nossa sorte e os arquitetos do porvir” (O Clarim d’Alvorada, 1930:04). Leite e o jornal *O Clarim d’Alvorada* teciam seus discursos a luz do Garveysmo, após iniciado o intercâmbio entre os jornais na medida em que reivindicava na prática a igualdade racial e a autodeterminação dos homens e mulheres negros e negras. Era a convocatória pelo protagonismo negro. O *Clarim d’Alvorada* atuava como um jornal de “certa” originalidade, e igualdade de gênero, se ler os nomes dos autores dos artigos, notícias, narrativas, o jornal desde cedo mostrava a preocupação com a questão de gênero e abria espaço para mulheres negras.

A recepção do Pan-Africanismo no Brasil a princípio ocorre devido ao ativismo negro na imprensa no Brasil, em conexão com o ativismo negro norte americano e caribenho. Não é iniciado pela academia como objeto de pesquisa, é durante a recepção do Pan-Africanismo no Brasil, que a academia inicia uma agenda de debates acerca dessa questão racial no Brasil a partir de um “suposto” preconceito racial levantado pelos ativistas negros e seus instrumentos de propagação: o jornal. Na imprensa negra brasileira, mas como objeto de estudo desse trabalho a imprensa negra paulista, no jornal *O Clarim d’Alvorada* e na figura de José Correia Leite.

O Pan-Africanismo na figura do intelectual Marcus Garvey e seu movimento, este chamado de Movimento Garveysta, já estavam ganhando notoriedade no Brasil no meio da imprensa negra e do ativismo negro, logo o ativismo negro em volta do mundo começa a despertar nos jornalistas do jornal *O Clarim d’Alvorada*, imensa curiosidade. Principalmente daquele do qual a imprensa negra brasileira já denominava “Moisés dos Pretos”⁷, o que despertava muito interesses tanto positivo como pela imprensa negra ativista, e negativamente como motivo de escárnio pela imprensa negra não ativista no sentido de compromisso em valorização do negro e contra o preconceito racial. Essa atitude da imprensa negra não ativista se dava devido a negação do preconceito racial, pois acreditavam que, a imprensa negra ativista estava criando um problema para o negro que não existia.

Porém aqui o pensador africanista é usado por seus intérpretes para contribuir numa leitura da realidade contemporânea. Pode ser interpretado de diversas formas de acordo com os interesses de quem o interpreta. Assim se instrumentalizando de forma a contribuir com o debate da questão racial no Brasil, por aqueles que a tomam como um fenômeno social da realidade brasileira. Ou até mesmo para negar o conflito racial para outros, promovendo a negação do

⁷Moisés Negro era a denominação que a imprensa negra dava ao Movimento Garveysta e seu fundador devido ao objetivo de uma terra - como a terra prometida aos judeus - para os negros fundarem sua África e se autogovernarem sem interferência da raça branca.

racismo com a ridicularização sobre uma personalidade de forte expressão e grande atuação da luta contra o racismo.

Embora controversa porque, entre os dois principais ativistas e pensadores do Pensamento Pan-Africanista da década de 20 do século XX, W.E.B Du Bois e Marcus Garvey, seguiram juntos por um tempo, mas depois o movimento revolucionário Garveysta era considerado por deveras radical por Du Bois, os afastando de um objetivo comum, mas não no que tangia a luta pela educação do povo preto e sua emancipação e valorização social e material. Somente a questão de realocar os negros de volta para África, numa terra exigida as Liga das Nações, e nela criar a África dos negros, para os negros e governados pelos negros. Du Bois já reivindicada o direito da cidadania dos afro-americanos a identidade de um americano de fato com todos os direitos e deveres que os brancos americanos, sem jamais negar a identidade negra dos povos pretos norte-americanos. Na verdade, a Associação Universal pela Melhoria do Negro (Universal Negro Improvement Association – UNIA), tinha grandes empreendimentos e um deles era o de retorno dos negros para a África, ou seja, a repatriação.

Na interpretação de Leite sobre Garvey, o principal sentido são os aspectos políticos que traz contribuições para o embate contra o racismo no Brasil, mas vai além disso, desconstruir o conceito de igualdade racial que insiste em negar o conflito que afeta a maioria – para não generalizar – da população negra brasileira diretamente. Nesse sentido as teorias garveysta tende a contribuir, a instrumentalizar, a fortalecer a luta e seus ativistas intelectuais, que apela para o conhecimento e para a formação, que seja da escola formal, que seja dos estudos em reuniões, mas entende que o progresso do negro passa pela educação formal e informal, para instrução profissional e tomada de consciência.

Assim sendo, Garvey e outros intelectuais ativistas negros, americanos e caribenhos, assim como africanos, são buscados como referência de luta, como lideranças a serem seguidas, não sem questionar, sem compreender, mas para enfrentamento do preconceito racial e para formação de novas lideranças, para formação de novas organizações pelo Brasil, que venha fortalecer a causa. Nesse sentido poderíamos compreender que o jornal *O Clarim da Alvorada* e Leite usam os trabalhos de Garvey e sua personalidade para instrumentalizar o ativismo negro no Brasil, também ajudando a pensar as estratégias políticas que possam ser travadas direta ou indiretamente diante da sociedade e sua população.

As traduções de Mário de Vasconcelos ajudam muito o jornal, mas ao mesmo tempo também tem as traduções do jornal do Chicago Defender, e seus tradutores que eram buscados por

Leite para que pudesse traduzir, para a publicação no Jornal. Ficaram observados alguns pequenos erros, mas nenhum que altere de forma nenhuma a mensagem que se quer passar do texto original, e isso mostra a seriedade da qual era tratado as traduções, para o jornal e para Leite. Com essas obras podiam refutar o discurso de igualdade racial no Brasil, onde com o excesso desses artigos, foi evidenciando as facetas do racismo, surgindo a forma como o racismo se apresenta no Brasil, e como ele devido a isso, é muito mais difícil de combater. Como combater algo que negam que existe? Se os que poderiam se manifestar são silenciados, invisibilizados, são totalmente tratados como sem voz na sociedade, os que têm voz, os portadores da verdade na sociedade negam o preconceito racial, e por vias constitucional as leis também o nega, faz assim com que se torne inviável qualquer projeto de erradicação do preconceito.

Nessa concepção, Leite tenta extrair o que considera positivo em Garvey, que possa ser de fato apropriado pelo negro brasileiro, e que possa trazer contribuições para as mobilizações no Brasil no que diz respeito à valorização do negro, na sua integração a sociedade em progresso desenvolvimentista nacionalista, - vejamos que Garvey entra em debate no jornal em 1929, exatamente no ano da crise de 29, quando tivemos o “Movimento Tenentista”⁸ e suas revoltas ao longo da década, que culminou na revolução de 30, que mudou a estrutura de poder do país. Contudo, essas mudanças traziam poucas mudanças para os negros, e essas poucas eram devido aos esforços dos ativistas negros com algumas influências, nessa nova estrutura que se colocava com Getúlio Vargas no poder. Ao mesmo tempo em que a crise que começou nos Estados Unidos, também promovia por lá muitas mudanças e todas que afetavam diretamente os negros, pois se a crise de 29 afetou todo o país negativamente; afetou os negros de forma muito mais severa.

Se Leite e Garvey tinham por objetivo principal a valorização do negro, suas ações políticas passaram a ser uma política de mobilização de massa, pois a população negra no Brasil era enorme e nos Estados Unidos também era. Embora em menor número que o Brasil, como já explicado antes, pelo número de negros escravizados comprados por latifundiários no Brasil no decorrer de praticamente quatro séculos. Leite e sua equipe do jornal parecem absorver as ideias de Garvey e as traduzirem para sustentar a ideia da necessidade de união da raça em prol de si mesma, enquanto que nos Estados Unidos, a população negra já era unida, e fechadas em

⁸ O Movimento Tenentista foi um movimento político militar na década de 20 do século XX, que objetivavam mudanças estruturais de poder e sócio/político/econômico, o fim do voto de cabresto, com o fim do voto aberto e reforma da educação pública. Promoveu algumas revoltas como do Forte 18 de Copacabana (1922), Paulista (1924), Comuna de Manaus (1924) e Coluna Prestes (1925). Eram contra o poder oligárquico representado pela política do café com leite.

comunidades negras, para se defenderem dos brancos e enfrenta-los diante de todas as mazelas que estes tentavam impor aos negros.

Embora Leite se considerasse um garveysta, ele esclarece em sua biografia que era o único Movimento Negro que eles conheciam e que embora fosse de fora do Brasil, o uso deste movimento era como ferramenta de instrumentalização do jornal *O Clarim d'Alvorada* e seus jornalistas para inspiração e para atuação dentro do território nacional. Sem promover uma identidade africana, mas para promover uma identidade negra brasileira, uma identidade afro-brasileira. A África vai ganhando importância no decorrer da década de 30 para 40, porém não é o ponto de debate de Leite e do jornal, mesmo que na década de 30 a África sempre aparece nos artigos dos jornalistas do jornal e nos debates dos negros intelectuais ativistas nacionais. Garvey acabou por ganhar duas identidades de sua personalidade no Brasil na imprensa negra; uma positiva e outra negativa. Negativo devido ao seu projeto de obter uma terra para a fundação de uma África para os negros que desejassem voltar para a África e promover seu retorno, alguns acreditavam ser um projeto absurdo, e o difamavam, o ridicularizando. Positivo, devido a sua luta efetiva em melhoria das condições do negro pelo mundo. Para Petrônio Domingues em seu artigo; *O Moisés dos Pretos: Marcus Garvey no Brasil*, afirma que Garvey foi apropriado de formas diferente pela imprensa negra brasileira (DOMINGUES, 2017).

Observando se há coerência entre Garvey e Leite, podemos afirmar que sim, exceto pela repatriação dos negros, chamando a atenção por manter a originalidade dos artigos de Garvey para apenas a tradução, isso esclarece, apresentar não só de quem eram as ideias, mas de valorizar o líder jamaicano e sua luta ao redor do mundo. Leite deixa de fora essa questão de Garvey de realocação dos negros e a criação de um território para fundar “uma África”. Não que Leite desconsidere, mas ele acredita que essa ideia não cabe ao povo negro brasileiro, e nem é isso que o povo brasileiro almeja, e nem ele mesmo consegue conceber essa ideia para a população negra no Brasil. Mas através do jornal *O Clarim d'Alvorada* as ideias de Garvey circulou pelo Brasil, e de forma positiva e estratégica. Até onde pude acompanhar na pesquisa, não houve obras literárias como livros, mas muitos artigos publicados de Garvey, e muitos deles publicados no jornal, fazendo uma circulação de ideias, porque como já visto antes havia outros intelectuais e ativistas negros colaboradores de fora do país.

As ideias de Garvey passam a serem apropriadas pelo Movimento Negro Brasileiro, culminando na formação da Frente Negra Brasileira, e a atuação desta, mesmo com as divergências de Leite, pois houve a apropriação do Movimento Garveysta por intelectuais da Frente Negra Brasileira, que como já disse apenas desconsiderava a questão de repatriação das populações

negras retiradas da África e seus descendentes. Era necessário o negro se reinventar, e a imprensa negra combativa e o jornal *O Clarim d'Alvorada* alcançou esse objetivo com a contribuição que a recepção do Pan-Africanismo deu, a ponto de surgir o primeiro movimento negro a nível nacional no Brasil, articulado, organizado, político e atuante.

Garvey ao ser introduzido no Brasil na década de 20 foi apropriado pelas forças da imprensa negra em disputa no cenário nacional, principalmente paulista, ponto em grande ebulição nacional por já ser na época uma grande metrópole em formação, onde além dos negros e brancos descendentes de portugueses, São Paulo recebia um enorme contingente de imigrantes de diversas nacionalidades. O que tornava São Paulo não só uma absorvedora de ideias como de emissora, e nessa lógica a disputa política de ideias e doutrinação da população preta pela imprensa negra se dava por duas frentes; uma de banalizar e fofocas, por parte da imprensa negra não combativa, mais voltada para assuntos triviais e corriqueiros. Por outra, de fomentar o combate ao preconceito racial e de reeducar a população negra em prol de comportamento e conduta mais apropriada para o negro ser bem visto e aceito na sociedade. Se o autoritarismo do Estado Novo com Getúlio Vargas no poder, desintegrou a Frente Negra Brasileira em seus poucos anos de vida, ainda sim a Frente Negra Brasileira foi o resultado de muito ativismo e foi o aprendizado necessário para tudo o que veio depois.

Desde a década de 20 quando o Pensamento Pan-Africanista de primeira geração é recepcionado no Brasil, também é recepcionado pela primeira geração do Movimento Negro Brasileiro, levando em consideração a leitura de Amauri Mendes Pereira (2008). Onde ele compreende o Movimento Negro Brasileiro em três fases e a Frente Negra Brasileira é a primeira, logo poderíamos dizer que o Pensamento Pan-Africanismo de primeira geração é recepcionado pela primeira geração do Movimento Negro Brasileiro, contribuindo para o surgimento da Frente Negra Brasileira, e na personificação de suas duas principais personalidades; Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite.

A introdução ao Pensamento Pan-Africano no Brasil tem critério político de atuação no ativismo negro brasileiro, e buscou a possibilidade de promover a união da raça e a construção de uma entidade que representasse a raça, como objetivo mostrado desde o início de uma rede de jornais que se articulavam entre si, incluindo escritores comuns, formando a imprensa negra combativa brasileira. E mesmo a parte da imprensa negra que de forma pejorativa se referiam aos ativistas da imprensa negra combativa, e se posicionavam contra as principais lideranças nacionais e estrangeiras, estes pertenciam a imprensa negra que não representavam nenhum viés político combativo. Na verdade, eram tendenciosos a desqualificar os jornalistas da imprensa negra

combativa, e na postura de negação do preconceito racial e nas críticas ofensivas de quem se posicionava afirmando o preconceito.

No jornal *O Clarim d'Alvorada* e em sua equipe como em Leite, havia uma chave de leitura política e ideológica que os posicionavam como um dos jornais mais combativo do Brasil de sua época. Na interpretação de Pereira (2008), este afirma que “a mudança para um tom mais combativo em relação a discriminação racial e aos prejuízos do negro, só ocorrerá com o *Clarim d'Alvorada*, após 1925” (p. 32). Já Domingues (2017), considera o jornal o mais importante de São Paulo e talvez do Brasil, “no que tange o *Clarim d'Alvorada* – o principal jornal da imprensa negra de São Paulo, senão do Brasil, na década de 1920, fundada por José Correia Leite e Jayme Aguiar com a perspectiva de fazer valer os interesses dos homens pretos (...) (p.144)”. Pereira (2013) compreende o jornal como responsável pela formação intelectual e política da liderança que vai fundar a Frente Negra Brasileira como o primeiro movimento social negro organizado no Brasil chamando a atenção para a descrição sobre o jornal feita por Santos que, “jornais como o *Clarim d'Alvorada* e o *Getulino*, - são ainda hoje motivos de orgulho dos movimentos – denunciavam as discriminações raciais mais chocantes do nosso quadro urbano, (...) sendo essa imprensa o embrião da primeira instituição de luta contra o racismo brasileiro, a Frente Negra Brasileira” (p. 116). Em Francisco (2017), sua análise se apresenta a partir da seguinte afirmação,

Com a abordagem cada vez mais combativa do *O Clarim d'Alvorada*, o clamor pela formação de uma coletividade negra foi acompanhado por uma profusão de símbolos que faziam parte do imaginário das lideranças negras. À medida que os seus jornalistas urgiam pela participação política dos “irmãos de raça”, os artigos publicados passavam a explorar cada vez mais as representações que poderiam definir uma identidade para os negros da cidade de São Paulo. Uma das mais usadas pelo jornal foi a dos abolicionistas, dando início a uma narrativa em que estes ocupavam um lugar especial como “redentores da raça”. Apropriando-se de figuras históricas, o jornal recuperou determinados aspectos do passado brasileiro que interessavam ao seu projeto político na tentativa de reescrever a história da população negra do Brasil, negociando com a memória coletiva de negros e brancos. (p. 382).

Francisco (2014) ainda afirma em outro artigo a importância do aspecto transnacional do jornal, dizendo,

Os ativistas negros no Brasil, assim como os de outros países, viviam um momento crucial e deveriam atuar como protagonistas no que se imaginava ser um processo de redenção de toda a “raça negra”. Nas páginas do Clarim, reforçava-se, cada vez mais, uma perspectiva transnacional, em que a articulação das lideranças era considerada parte de um quadro amplo de lutas negras. (p. 101)

Na leitura de Felix (2009), vai dizer que *O Clarim d'Alvorada* “certamente é o mais importante jornal da imprensa negra da década de 1930 (p. 71), e em Ferreira (2011) ela afirma em sua tese de doutorado que “é com *O Clarim d'Alvorada* que o caráter combativo da imprensa negra desenvolveu-se e acentuou-se” (p. 04). Santos (2018) vai afirmar que a partir da segunda fase o jornal vai apresentar uma fase fortemente combativa, “segunda fase do jornal, de 1928 a 1932, tem como característica uma postura mais contundente e combativa em relação aos problemas da população negra. Foram essas características, aliás, que notabilizaram o jornal no meio negro paulistano” (p; 03).

Como podemos observar na leitura sobre a imprensa negra brasileira do século XX, raramente ou nunca será deixado de fora um dos jornais de maior prestígio do Movimento Negro Brasileiro do século. Primeiro por ter sido uma importante ferramenta na luta contra a discriminação racial, e por ter sido porta-voz da população negra por meio de mídias de comunicação da época. Logo o jornal *O Clarim d'Alvorada*, sempre entra nas pesquisas sobre a imprensa negra brasileira, sobre a imprensa escrita do século XX, como ferramenta de luta do Movimento Negro Brasileiro. Ou seja, é definitivamente um jornal de forte presença e atuação nos meios de comunicação de sua época, com importância até os dias atuais em análise de sua importância para o atual movimento negro brasileiro, o Movimento Negro Unificado.

Leite se posicionava com seriedade, de forma objetiva com o que eram o propósito do Jornal e de sua equipe, no sentido de uma leitura da realidade crítica, e numa postura dialética de intervir politicamente na realidade social da população negra brasileira. De forma que podemos elaborar uma noção de que ao mesmo tempo em que já está fundado um Pensamento Pan-Africanista no mundo, também já está sendo forjado o Movimento Negro Brasileiro através do ativismo jornalístico brasileiro. Por Leite ao nascer em 23 de agosto de 1900, e viver praticamente durante todo o século XX, ele descreve em sua biografia, sua trajetória e como foi seu encontro com o Pan-Africanismo, que se deu através do Movimento Garveyista, e este é o momento histórico do qual pesquiso nesse trabalho (LEITE & CUTI, 1992). Mas convém abordar que a trajetória de Leite lhe permite estar presente e atuante nas três fases do Movimento Negro Brasileiro, e lhe permite conhecer todas as gerações do Pensamento Pan-Africano, até seu falecimento em 27 de fevereiro 1989. Podemos afirmar aqui que o Pensamento Pan-africano ele é de forma decisiva influenciador da intelectualidade negra brasileira do início do século XX, - como também de toda a trajetória do MNB - com forte influência nesse momento do Movimento Garveyista no Brasil.

Leite e o jornal vão no final da década de 20 e durante a atuação do jornal na década de 30, trabalhar os conceitos abordados pelo Pensamento Pan-Africano, como identidade, raça, África

com o conceito de territorialidade, nacionalismo, liberdade, direitos, privilégios, governo, Estado, nação, sociedade, são inúmeros os termos que adquiriram uma expressão política a partir de uma leitura mais teórica, conceitual, e também acadêmica. Assim levando em consideração as leituras e os contatos de Leite e do jornal com ativistas negros graduados, e com o intercâmbio entre os estados brasileiros e o estrangeiro. O uso de fatos históricos no jornal também apresenta a seriedade com a qual o jornal tratava suas matérias, buscando sempre informações reais, apresentando momentos históricos e personalidades históricas que houvesse ligação direta ou indireta com os negros, que negativa ou positiva pudesse concretamente promover o desenvolvimento da raça negra no Brasil. Garvey e Leite em seu ativismo tiveram em comum a vida toda dada em prol da luta contra o preconceito racial e em melhoria das condições sociais e materiais da raça negra. Foram homens que atuaram com um olhar crítico e reflexivo sobre sua própria atuação, vivência, experiências e de sua rede de relações que junto com eles caminharam traçando uma trajetória de vida e luta. Assim ampliando o conceito de cultura e história a partir da voz do negro indo além do tempo e espaço, através de questionamentos, argumentações e afirmações, abrindo o campo de debate sobre o preconceito racial no Brasil e no mundo. Nesse sentido Leite aqui no Brasil como um combativo ativista da questão racial, se torna objeto da primeira pesquisa sobre a questão racial no Brasil, dirigidas por Florestan Fernandes e Roger Bastide. Depois que através do ativismo negro o preconceito racial ganha notoriedade de fenômeno social, isso ocorre na década de 40, não tendo como negar a influência dos intelectuais da imprensa negra combativa no Brasil e dos intelectuais do Pan-Africanismo.

Percebe-se que a apropriação do Pensamento Pan-Africano, é de certa forma limitado, pela ausência de livros traduzidos no Brasil das primeiras obras, como as obras de Du Bois, na qual sua primeira obra *The Soul of Black Folk*, publicada em 1903. Uma literatura clássica da sociologia norte americana, traduzida no Brasil como *As Almas da Gente Negra*, encontrei a edição mais antiga datada de 1999, por Heloisa Toller Gomes, não conseguindo saber de fato quando houve a primeira edição em português no Brasil. Coloquei aqui essa obra por ser sua obra mais conhecida no Brasil, porém até o final da década de 40 Du Bois já havia escrito exatamente 16 obras, - no total Du Bois tem 3 autobiografias, 24 livros e 6 romances - todas relacionadas ao negro e a raça, dentro da análise científica da História e da Sociologia. Na edição de *Almas da Gente Negra*, online em PDF datada de 1989, de tradução de José Luiz Pereira da Costa, nos traz um dado importante para avaliar o acesso do negro em universidades no Brasil na década de 20, onde ele cita; “Em 1920, ao ser criada a Universidade do Rio de Janeiro (07/09/1920), 69 era o número de universidades e faculdades negras norte americana” (1989, p. 14). Cita-se a UFRJ, porque está foi, segundo a historiadora Maria Lígia Coelho Prado, a primeira universidade

brasileira (escola politécnica), uma vez que em 1808, fundou a primeira Escola Superior de Cirurgia na Bahia. Na sequência vieram as faculdades de Direito de São Paulo e Olinda em 1827. Desconsiderando as instituições de ensino superior de cunho religioso que surgem ainda no século XVI, depois tivemos as universidades de São Paulo (1911) e do Paraná (1912) que foram fechadas em pouco tempo por não corresponder os quesitos necessários de infra-estrutura exigidos pelo governo federal.

De volta a nossa abordagem da recepção ao Pensamento Pan-Africano no Brasil, podemos concluir através da análise dos artigos do jornal *O Clarim d'Alvorada* e Leite de como o jornal foi mudando para um tom cada vez mais crítico, mais político e mais combativo a partir dos artigos que vinham do *Chicago Defender* e do *The Negro World*. Pois acontece uma ruptura do senso comum do meio negro, indo para a formação de um paradigma de análise da realidade social, dando uma nova interpretação, promovendo ao jornal, e a Leite e aos demais da equipe do jornal, um crescimento intelectual pessoal e profissional. Os tornando ativistas mais preparados, e com muito mais capacidade estratégica e argumentativa. Garvey em seus argumentos através dos artigos traduzidos inspirava Leite e agia sobre a sua ação política diante das disputas e enfrentamentos do debate racial, instituindo um campo de atuação autônoma e revolucionária para sua época, rompendo com a lógica tradicional. Leite sempre pensando em desenvolvimento nacional incluindo os negros como cidadão brasileiro portadores de direitos e deveres, integrados a realidade social sem distinção e diferenciação por raça. Isso é um projeto político de Brasil, de um Estado de Direito Democrático, que respeita a constituição na qual “deveria” reger as Leis pondo-as verdadeiramente em prática.

As obras de Garvey vão dando um formato diferente na interpretação de Leite e do jornal, na realidade racial brasileira, mas também vai forjando o combate e o enfrentamento iniciado na década de 20 com o jornal *O Clarim d'Alvorada*, ao recepcioná-lo, dando ênfase na sua concepção cultural, sociológica, histórica, filosófica, política e econômica. Passou a enxergar a sociedade brasileira e o preconceito racial por novas perspectivas que pôde definitivamente promover melhor enfrentamento, e colocar como fenômeno social brasileiro a ser investigado pela sociologia brasileira. O jornal *O Clarim d'Alvorada*, Leite e Garvey influenciaram novas gerações de ativistas negros, abriu tendência para uma leitura da questão racial internacional, ampliou a zona de debate racial e fundaram com muitos outros o Movimento Negro Brasileiro e com certeza o jornal contribuiu para difundir as ideias pan-africanas de Garvey no Brasil. Junto com outros jornais, é fato, porém de forma positiva, Leite e *O Clarim d'Alvorada* têm um papel central. Acredito que a frase central para demonstrar tudo isso é de fato o que saiu como título de um capítulo de sua

biografia abrindo da seguinte maneira; “O movimento garveysta entre nós ficou restrito, mas serviu para tirar certa dubiedade do que nós estávamos fazendo... Fomos descobrindo a maneira sutil do preconceito brasileiro, a maneira de como a gente era discriminado” (LEITE & CUTI, 1992, p. 77). Nesse título de um dos capítulos da biografia de Leite, se expressa a importância de Garvey e seu movimento para a luta contra a discriminação racial no Brasil, assim como mostra a introdução do Pensamento Pan-Africano na imprensa negra e a forma legítima de circulação desse pensamento entre ativistas negros que vieram a fundar a Frente Negro Brasileiro. De fato, o jornal *O Clarim d’Alvorada*, teve sua importância e foi fundamental para que o projeto de formação de uma organização de representação negra no Brasil viesse a existir e dar passagem para organizações e projetos que vieram após a FNB, depois de tanta dedicação e apelo do jornal pela união dos homens de cor para o combate ao racismo e a valorização do negro.

FONTES

Jornal O Clarim d'Alvorada:

CINTRA, Um dever. P. 03, março de 1924

S/AUTOR, Instrução. p.02, fevereiro de 1924

CINTRA, De que necessitamos. P.1/2, junho de 1924

LEITE, Decadência. P.01. outubro de 1924

EJALVES, O inimigo do preto, é o preto! P.03, maio de 1924

LEITE, Valor da Raça. P.01, abril de 1924

LEITE, O Verbo preto. P.03, dezembro de 1924

AGUIAR, Nosso aniversário. p.01, janeiro de 1925

BOOKER, Água mole em pedra dura, bate, bate, mas não fura! P.02, janeiro de 1925

LEITE, Vivemos sem lar. P.03, janeiro de 1925 LEITE, Moços de hoje. P.03, julho de 1926

MORAES, A inquisição moderna. P.02, novembro de 1926

LEITE, Quem somos... p.03, novembro de 1926

BOOKER, O Continente Negro. P.04, janeiro de 1927

SANTOS, A ação dos negros brasileiros, p.05, janeiro de 1927

MORAES, Carta de um negro. P. 07/08, maio de 1927

MORAES, Um ídolo que fala. P.01, março de 1928

SOUZA, Observai. P.01, março de 1928

LEITE, Na Terra do preconceito. P.03, março de 1928

VASCONCELOS, (trad.). Não há raças inferiores e superiores. P.01, maio de 1930

VASCONCELOS, (trad.). O que devemos fazer para nos libertar. P.04, agosto de 1930

VASCONCELOS, (trad.). Conhece-te a ti mesmo. P.03, dezembro de 1931

VASCONCELOS, (trad.). O Membro do Conselho.03, dezembro de 1931

LEITE, O Mundo Negro. P.04, agosto de 1931

LEITE, Ideia contemporânea. P.04, janeiro de 1932

LEITE, Aureleano, Liberdade ainda que para pior. P.01, maio de 1932

S/AUTOR, Memória de um Negro por Booker T. Washington. P.03, setembro de 1940

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sandra Regina Araújo, (2016), *Educação Popular: entre a emancipação e a cidadania*, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ

ALTHUSSER, Louis, (1983), *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Ed. Graal - Rio de Janeiro.

AMBRÓSIO, Gabriel e DIÉMÉ, Kassoum, *Cheikh Anta Diop e a produção do conhecimento*. Pag. 75 - 109

ANDREWS, George Reid, (1997), *Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano*, *Estudos Avançados* 11(30) Scielo, São Paulo.

APPIAH, K. Anthony, (1994), *Identity, Authenticity, Survival: Multicultural Societies and Social Reproduction*, In; TAYLOR, Charles, *Multiculturalism: Examining the politics of recognition*, publicação Princeton University Press.

ARAÚJO, Marcia Luiza Pires, (2013), *A escolarização de crianças negras paulistas (1920-1940)*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo.

ARROYO, Miguel, (2012) *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Ed. Saraiva – São Paulo.

BALEEIRO, Eliomar (2012), *Constituições Brasileiras VOL. II 1891*, 3ª edição, Senado Federal, Secretaria de Editoração e Publicações Brasília.

BARBOSA, Muryatan Santana, (2015), *Pan-africanismo: unidade e diversidade de um ideal na Présence Africaine (1956-6)*, XVIII Simpósio Nacional de História, Lugares dos historiadores: velho e novos desafios, Florianópolis-SC.

BARROS, Roque Spencer Maciel de, (1960), *Diretrizes e bases da educação nacional*. Ed. Pioneira – São Paulo.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci e KOSSOY, Boris (org.) (2003), *A imprensa confiscada pelo DEOPS 1924-1954*, Ateliê Editorial, São Paulo.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo, (2008), *O Pensamento Africano Sul-Saariano: Conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano e o Asiático*, CLASCO e Educam - São Paulo.

DOMINGUES, Petrônio, (2007), Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos, Tempo, Vol. 12, núm. 23, pp.100-122, UFF, Niterói-RJ.

DOMINGUES, Petrônio, (2017), *O “Moisés dos Pretos”*: Marcus Garvey no Brasil, Revista Novos Estudos, V36.03, p.129-150 CEBRAP, nov, São Paulo.

DAVID, Eltis & RICHARDSON, David, (2010), *Atlas do comércio transatlântico de escravos*, publicado pela Universidade de Yale, New Raven, Connecticut.

ENGELS, Friedrich, e MARX, Karl, (2007), *Manifesto Comunista*, Ed. Boitempo - São Paulo.

FAGUNDES, Anamaria de Souza, (2006), Imprensa e movimentos sociais: considerações antropológicas, Programa Nacional de Apoio a Pesquisa - MinC

FANON. Franz, (1983), *Pele negra, máscaras brancas*. Ed. Fator -Rio de Janeiro.

FELIX, João Batista de Jesus, (2009), *As primeiras formas de lutas contra o racismo no Brasil republicano*, Revista Templo da Ciência (16) 32:67-80, 2º semestre, UFT, Tocantins.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso, (2011), *Pelo interesse dos Homens Pretos, Noticioso, literário e de Combate. O jornal O Clarim d’Alvorada no pós abolição (1924-1932)*, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, julho, São Paulo.

FRANCISCO, Dalmir, (1997), *Negro, etnia, cultura e democracia*, In: Negro brasileiro Negro, (org.) Joel Rufino dos Santos, Revista do Patrimônio; Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura, Nº 25.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro, (2014), *A redenção da raça negra em uma perspectiva internacional: discursos do Garveysmo no jornal O Clarim da Alvorada, Faces da História*, V.1 Nº1 p.89-105, jan-jul, Assis-SP.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro, (2017), *Um novo abolicionismo para a ascensão na nação da Mãe Preta: Discursos sobre a fraternidade racial no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*, Revista Antíteses, V.10, Nº 19, p. 376-396, jan/jul, Londrina-Parana.

FRASER, Nancy, (2007), *Reconhecimento sem ética?* In; MATTOS, Patrícia e SOUZA, Jessé, (Org.), Teoria da crítica no século XXI, Ed. Annablume - São Paulo.

GADOTTI, Moacir, e ROMÃO, José Eustáquio, (2012) *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes*, Ed. e Liv. Instituto Paulo Freire, São Paulo.

GILROY, Paul, (2001), *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*, UCAM/CEAA, Editora 34, São Paulo.

GOMES, Nilma Lino, (2012, *Relações étnico-Raciais, educação e descolonização dos currículos*; In Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1 98-109, Jan/abril - UFMG

GOMES, Arilson dos Santos, (2009), *O Primeiro Congresso Nacional do Negro e a sua importância para a integração social dos negros brasileiros e a ascensão material da Sociedade Floresta Aurora*, Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, ano I – Número I – junho de 2009 - RS

GUIMARÃES Antônio Sérgio Alfredo, (2008), *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra*, Revista Novos Estudos /CEBRAP, V-81, julho, São Paulo.

HABERMAS, Jürgen, (1994), *Struggles for Recognition in Democratic Constitutional State*, In: TAYLOR, Charles, *Multiculturalism: Examining the politics of recognition*, Princeton University Press – Canada.

HALL, Stuart, (2003), *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, (org.) Liv. Sovik, UNESCO/UFMG - Belo Horizonte MG.

HONNETH, Axel, (2007), *Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectiva na ordem moral da sociedade*, In; MATTOS, Patrícia e SOUZA, Jessé, (Org.), *Teoria da crítica no século XXI*, Ed. Annablume - São Paulo.

LEITE, Jose Correia, e CUTI, (1992), *...E disse o velho militante José Correia Leite*, Secretaria Municipal de Cultura, Coordenadoria Especial do Negro, São Paulo.

MACEDO, José Rivair, (2016), *O Pensamento Africano no Século XX*, outras expressões - São Paulo.

MARTINELLI, Marisa e FIQUEIREDO, Armando, (1977), telejornal documentário *O negro da senzala ao soul*, TV Cultura, São Paulo

MARX, Karl, (2005), *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, Ed. Boitempo, São Paulo.

MATTOS, Patrícia, (2007). *O reconhecimento social e sua refundação filosófica em Charles Taylor*, In; MATTOS, Patrícia e SOUZA, Jessé, (Org.), *Teoria da crítica no século XXI*, Ed. Annablume - São Paulo.

MIGNOLO, Walter, e PINTO, Júlio R. Souza, (2015), *A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção colonial*, *Civitas Revista de Ciências Sociais*, v. 15, n. 3, p. 381-402, jul/set.–Porto Alegre-RS

NASCIMENTO, Elisa Larkin (2009), *Afrocentricidade; uma abordagem epistemológica inovadora* (org.) Sankofa VOL 4, Selo Negro, São Paulo.

NASCIMENTO, Elisa Larkin, (2008), *A Matriz Africana no Mundo* (org.), Sankofa VOL 4, Selo Negro, São Paulo.

NASCIMENTO, Elisa Larkin, (1981), *Pan-Africanismo na América do Sul; emergência de uma rebelião negra*, Ed. Vozes, São Paulo.

NKOSI, Deivison, (2017), *Entrevista com Abdias do Nascimento – Brasil de Fato*, - Educação e africanidade, Grupo Kilombagem, <https://kamugere.wordpress.com/tag/pan-africanismo/>
Publicado por Deivison Nkosi - São Paulo.

PAIM, Márcio, (2014), *Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na Casa De Meu Pai*, Sankofa. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana* Ano VII, N°XIII, julho – São Paulo.

PAULA, Benjamin Xavier, (2013), *Os estudos Africanos no contexto das diásporas*, *Revista Educação e Políticas em Debate* – v. 2, n. 1 – jan. /jul. UFVJM- Teófilo Otoni-MG.

PEREIRA, Amauri Mendes, (2008), *Trajatória e Perspectiva do Movimento Negro Brasileiro*, Ed. Nandyala, Belo Horizonte - MG.

PEREIRA, Amilcar Araújo, (2013), *O mundo negro; Relações raciais e a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil*, Ed. Pallas/FAPERJ - Rio de Janeiro.

PEREIRA, José Maria Nunes, (2008), *Os estudos africanos na América latina: um estudo de caso. O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA)*, In; *Los Estudios Afro americanos y*

Africanos em América Latina herencia, presencia y visiones del outro. CLACSO – Buenos Aires.

PEREIRA, Luena Nunes, (2008), *O ensino e a pesquisa sobre África no Brasil e a LEI 10.639*, In; Los Estudios Afro americanos y Africanos em América Latina herencia, presencia y visiones del outro. CLACSO – Buenos Aires.

PERRUSO, Marco Antonio, (2016). *Educação popular, pensamento social e classes populares no Brasil*, Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política Volume 7, Número 2. UENF – Rio de Janeiro.

PRADO, Maria Lígia Coelho, (2018), *Projetos Nacionais de Universidades e Ditaduras no Brasil e Argentina*, In; *Educação e Regimes ditatoriais: 50 anos do Golpe Militar no Brasil*, (org.) SASS, Odair, JÚNIOR, Carlos A. G., MARTINEZ, Domenica, Ciampi, Helenice, RODRIGUES, Leda M. O. e ZAMPRONHA, Maria A. G., J.M. Editora e Comercial LDTA. SP

RIOS, Flávia Mateus, (2009) *Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000)*, Sociedade e Cultura, V. 12, n. 2, p. 263-274, jul./dez. Revista UFG, Goiânia-GO.

ROLIM, Gustavo Koszeniowski, *A Revolução e a cultura no pensamento de Franz Fanon e Amílcar Cabral*. Pag. 167 a 198

ROSA, Isabel Cristina Clavelin, (2014) *Imprensa Negra: descobertas para o jornalismo brasileiro*, DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n2p555-568> Universidade Católica de Brasília

SANTOS, Renan Rosa, (2018), *O Brasil que a raça negra, gratuitamente desbravou, povoou e enriqueceu – o debate sobre raça nas páginas do O Clarim d’Alvorada*, UNIFESP, Guarulhos-São Paulo.

SHERER, Mathias Inácio, Kwame Nkrumah, o neocolonialismo e o pan-africanismo. Pag. 143 a 166

SILVA, Mário Augusto Medeiros, (2013), *Franz Fanon e o ativismo político-cultural negro no Brasil: 1960/1980*, Est. Hist., vol. 26, nº 52, p. 369-390, julho-dezembro - Rio de Janeiro.

TAVARES, Fernando Jorge Pina, (2015) *Pan-Africanismo e educação das relações étnico-raciais. Contributo para a constituição de uma filosofia da educação sul-sul*, Universidade de Santiago - Cabo Verde, Revista Eletrônica Itinerários de Filosofia da Educação.

TAYLOR, Charles, (1994), *The Politics of Recognition*, In; TAYLOR, Multiculturalism: Examining the politics of recognition, Princeton University Press – Canada.

VILLEN, Patrícia. (2013), *Amílcar Cabral e a crítica ao colonialismo*, Ed. Expressão Popular, São Paulo.